N. 3 de 1927

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

FUNDADA POR AUGUSTO COMTE

SOB A TÉRNA E IMACULADA INSPIRAÇÃO DE CLOTILDE DE VAUX

O Amor por princípio, e a Ordem por baze;
O Progrésso por fim.

Viver às claras. Viver para outrem. Ordem e P[illegible]

Família — PÁTRIA ou milhór MÁTRIA — HUMANIDADE

Biblioteca do Departamento de Filosofia

ENSINO DO CATECISMO POZITIVISTA

Programa de leitura anual esplicada aos domingos ao meio dia

POR

R. TEIXEIRA MENDES
Apóstolo da Humanidade

FAC. FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
BIBLIOTECA DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
01194
BIBLIOTECA Prof. Raul Briquet
SBD/FFLCH

RIO DE JANEIRO
NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
TEMPLO DA HUMANIDADE
74, rua Benjamin Constant, 74
139 — 1927

194.8
T266e

ADVERTÊNCIA

da Delegação Ezecutiva

Havendo o Apóstolo R. Teixeira Mendes renunciado ás funções de Vice Diretor da Igreja Pozitivista do Brazil, e de predicante no Templo da Humánidade, conforme deixou esplicado á pag. 59 do opúsculo n. 418, comemorativo da Transformação do Fundador e Diretor da nossa Igreja, Miguel Lemos, – cuidou o Apóstolo, desde logo, de legar aos seus discípulos o programa das esplicações do Catecismo Pozitivista de Augusto Comte, que ele dezenvolvêra durante 38 anos (1 de Janeiro de 1881 a 31 Dezembro de 1917).

A impressão desse trabalho foi iniciada imediatamente pela tipografia da nossa Igreja. Ocorrêrão, porem, constantes interrupções, – umas devidas a dificuldades materiais da tipografia, e outras aos múltiplos afazeres que absorvião a atividade apostólica de Teixeira Mendes. De módo que não poude o trabalho sofrer oportunamente a necessária revizão de suas próvas, do que rezultou conter muitos erros, sobretudo ortográficos.

Algumas alterações fôrão introduzidas pelo Apóstolo no decurso da impressão. Assim, o Aditamento do Hino ao Amor, foi incluido cerca de dois mezes antes da Transformação do Apóstolo (V. p. 36). Está publicada, em separado, nóva edição desse Hino, de acordo com as últimas alterações introduzidas pelo autor da paráfraze, e que constitui o opusculo n. 209 das publicações do Apostolado Pozitivista.

Devido a circumstâncias diversas, só agora foi possível á Delegação Ezecutiva da Igreja Pozitivista do Brazil ultimar a impressão do prezente Programa, e entrega-lo á distribuição pública.

Rio, Moisés de 143 (Janeiro de 1931).

DEDALUS - Acervo - FFLCH-FIL
194.8
T266e
Ensino do catecismo positivista.
21000025281

ERRATA

Passárão á revizão muitos erros tipográficos e ortográficos.

Entre eles sobresáem os seguintes:

Pag. I linha 9 (de cima) um tipo digno leia-se: um digno tipo.
Pag. II linha 21 (de cima) Patriarca leia-se: Petrarca
» II » 23 » Figliala » Figliuola
» IV » 9 (de baixo) atitude » atitude habitual
Pag. IV linha 10 (de cima) todo o hômem leia-se: todo hómem
Pag. V linha 13 (de cima) pg. 292 leia-se: 349
» VI » 31 » 64 » 57
» IX » 8 » afretas » afrentas
» XVI » 28 » pgs. 387-388 leia-se: pgs. 337-338
Pag. XVIII linha 29 (de cima) 17 leia-se: 18
» XIX » 6 » pg. 435 leia-se: pg. 455
» XIX » 18 (de baixo) pg. 261 leia-se: pg. 361
» XX » 12 » pg. 368 » pg. 386
» XXII » 14 » merito » meritò
» XXII » 15 » de » di
» XXIV » 17 » officialmente leia-se: oficialmente
Pag. XXV linha 11 (de baixo) 67 leia-se: 68
» XXVIII linha 6 (de cima) pgs. 77-78 leia-se: pgs. 72-73
Pag. XXVIII linha 27 (de cima) pg. 342 leia-se: pg. 341
» XXIX linha 21 (de baixo) da dolorosa semana leia-se: da doloróza semana assim terminada
Pag. XXX linha 7 (de cima) Figlinola leia-se: Figliuola
» XXXIV » 18 » cansolidar » consolidar
» XLII » 2 » mas » mais
» XLVIII » 6 » purtido » partido
» XLVIII » 5 (de baixo) abriga-nos » obriga-nos

Pag.	LX	»	12 (de cima)	para a	»	quanto à
»	LXVIII	»	1	»	comprimento	leia-se: cumprimento
Pag.	20	linha	16 (de cima)	rentimentos	leia-se:	sentimentos
Pag.	21	linha	2 (de cima)	mais	leia-se:	mas
»	23	»	7	»	se	» sa
»	23	»	21	»	bonheur,	leia-se: bonheur (*sem virgula*)
Pag.	23	linha	4 (de baixo)	horreur	leia-se:	horreur ;
»	24	»	10 (de cima)	bas	»	bras
»	33	»	9 (de baixo)	106	»	109

ENSINO

DO

CATECISMO POZITIVISTA

Programa da leitura anual esplicada aos domingos ao meio-dia.

... conto que a minha perseverança infatigável obterá emfim da vóssa sincéra modéstia a precióza autorização de render convenientemente uma homenágem solene a éssa natureza excepcional, quando nada fôsse, para oferecer indirétamente ao vósso séxo *um tipo digno real, mais eficás do que as milhóres demonstrações filozóficas*. (VOL. SAG. *Correspondência*. Carta a CLOTILDE, de 15 de Fevereiro de 1846. p. 513).

... a religião *cuja fundação a Posteridade atribuirá tanto a ti* (CLOTILDE) *como a mim ... Tu fôste, sem saber*, como o digo todos os martedias (terça feira), *a mulhér mais eminente, pelo coração, pelo espírito, e mesmo pelo carácter, que a história universal me haja aprezentado até aqui. O futuro paréce-me dificilmente suscetível de um tipo milhór.* (*Ibidem*. Última confissão, DUODÉCIMA SANTA-CLOTILDE, de 6 de Descartes de 68—12 de Outubro de 1856, p. 239).

Viver para ôutrem. Eis a verdadeira felicidade, como o ferdadeiro dever! *Só tu* (CLOTILDE) *me ensinaste a fundir as suas fórmulas*: Que prazeres pódem exceder aos da dedicação? (*Ibidem*. Orações. p. 82).

... Embóra o teu surto inicial haja sido tão fatalmente quebrado, deixou ele *traços* que, *mesmo sem o meu testemunho* permitem apreciar em ti um conjunto. *talvês incompardvel*, das principais qualidades de teu séxo, tanto pelo espírito, como pelo coração. (*Ibidem*, QUINTA SANTA-CLOTILDE, de 31 de Maio de 1849—11 de São-Paulo de 61, VOL. SAC. p. 138).

Tu (CLOTILDE) sabes já que os gérmens morais cuja evolução tardia te devi, vinhão-me de uma térna e ardente Mãi (ROZALIA BOYER), que te teria plenamente apreciado. (*Ibidem*, QUINTA SANTA-CLOTILDE, p. 138).

Devendo julgar as pessoas independentemente da situação e mesmo da instrução, eu a tenho (a SOFIA BLIAUX), cada vês mais, considerado, embóra éla não saiba ler, *como a mulhér mais eminente que eu conheça, depois de Mme. de Vaux*, que a queria e tratava como digna irman. (AUGUSTO COMTE. Carta a John Ficher, de 3 de Arquimédes de 68—28 de Março de 1856. Edição de Richard Congreve, p. 34).

Estou profundamente comovido com os piedózos sentimentos que me testemunhais, e sobre tudo com a vóssa térna veneração pela santa coléga subjetiva (CLOTILDE DE VAUX), que regenerou-me. *Esse sintôma pareceu-me sempre o mais próprio para distinguir os pozitivistas completos, isto é religiózos. Não podemos nenhumamente contar com as adezões destituídas de tal indício.* (AUGUSTO COMTE. Carta ao seu dicípulo Alfredo Sabatier, a 8 de Shakespeare de 68—17 de Setembro de 1856. *Cartas à dicípulos.* Edição dos Testamenteiros, tomo I, 2ª parte, p. 362).

Aproveito ésta ocazião para testemunhar-vos quanto estou comovido da vóssa participação espontânea ao meu fatal aniversário (5 de Abril, mórte de CLOTILDE). Tal simpatia se me tórna tanto mais preciózа quanto essa manifestação deciziva é, *ha onze anos, a primeira comemoração feminina* para com a angélica inspiradora *da única religião* (o Pozitivismo) *onde a mulhér seja dignamente tratada.* (AUGUSTO COMTE. Carta a D. Nizia Floresta Brazileira Augusta, de 24 de Arquimédes de 69 — 18 de Abríl de 1857. Edição de Miguel Lemos, ps. 11 a 12).

Li hontem a vóssa digna efuzão, e esperimento ésta manhan a necessidade de vô-la agradecer cordialmente. É o *complemento duradouro da primeira homenágem feminina* rendida até o prezente áquéla que, *por mim, regenerou o seu sézo,* a casta inspiradora que tão bem merece a sentença de Patriarca:

Tre dolci nomi á in te raccolti
Sposa. Madre, e Figliala.

A vóssa tocante cómpozição está irrevogávelmente colocada na gaveta sagrada que só contêm a correspondência ecepcional. (AUGUSTO COMTE. Carta a D. Nizia Floresta Brazileira Augusta, de 17 de Gutemberg de 69 — 29 de Agosto de 1857),

Superiores pelo amor, mais bem dispóstas a sempre subordinar ao sentimento a inteligência e a atividade, *as mulhéres constitúem espontâneamente seres intermediários entre a Humanidade e os hómens.* (*Pol. Pos.*, II, p. 69).

É da mulhér, no fundo, que provém o hómem. (*Testamento.* Nova confissão, p. 206).

... Porém a mulhér, na qual prevaléce a simpatia, *fonte essencial da unidade,* déve fornecer a milhór personificação de um conjunto (a Humanidade) fundado no amor. Imágem espontânea da família, só éla (a Mulhér) *póde reprezentar dignamente toda existência compósta*: o instinto universal a erigiu em emblema da Pátria, antes que o sézo afetivo estivésse assás apreciado para personificar a Humanidade. (*Pol. Pos.*, IV, p. 109).

Até aquí as mulhéres não têm feito sinão olhar a revolução, e mesmo com inquietação e repugnância antes do que com simpatia. *Élas não tomárão verdadeiramente parte sinão em uma só faze, o advento da pás geral.* As minhas primeiras emoções políticas, que jámais esquecerei, quando mesmo vivesse mais do que Fontenelle, consistírão em ver sucumbir sob as lágrimas das mãis, das irmans, das espozas, das filhas, o ezecrável aventureiro (Napoleão I) que haviamos deixado entronizar-se tão deploravelmente. Depois déssa demonstração coletiva, que os arrastadores de sabre *liberais* quizérão em vão estigmatizar sob o nome de *revolução dos lenços brancos,* as mulhéres recaírão na sua triste inércia para com uma pretendida regeneração que chocava o seu coração sem satisfazer o seu espírito. Mas é certamente impossível que éssa indiferença persista, *ou a revolução não terminaria nunca...* (AUGUSTO COMTE. Carta a G. Audiffrent, de 18 de S. Paulo de 63 — 7 de Junho de 1851, referindo-se à quéda do primeiro Bonaparte.—Cartas a divérsos, edição dos Testamenteiros, tome I, 1ª parte, p. 54).

Religião da Humanidade

FUNDADA POR **Augusto Comte**

SOB A TÉRNA E IMACULADA INSPIRAÇÃO DE CLOTILDE DE VAUX.

O Amor por princípio, e a Órdem por baze;
O Progrésso por fim.

Viver às claras. Viver para outrem. Órdem e Progrésso.

Família—PÁTRIA ou milhór MÁTRIA—HUMANIDADE

Ensino
do
CATECISMO POZITIVISTA

Programa da leitura anual esplicada aos domingos ao meio-dia.

Estou especialmente comovido com as vóssas dignas homenágens para com a angélica padroeira (CLOTILDE) à qual devo uma regeneração moral *que foi só que permitiu-me transformar a filozofia pozitiva em religião da Humanidade. A sincera apreciação déssa santa influência fornéce-me o milhór sinal da plenitude das conversões pozitivistas.* (Carta de AUGUSTO COMTE a John Metcalf, de 3 de Aristóteles de 68—28 de Fevereiro de 1856.)

Recebei enfim os meus íntimos agradecimentos pela vóssa digna apreciação da «nóbre senhóra (Clotilde), cuja memória todos os meus verdadeiros dicípulos quérem e venérão.» Éssa tocante antecipação da etérna solidariedade que a posteridade nos concederá constitúi agóra a minha milhór recompensa. (*Carta de* AUGUSTO COMTE a H. Dix Hutton, de 12 de São Paulo de 66—1º de Junho de 1854: resposta à carta de 20 de Maio precedente.)

«... *nem uma palavra de homenágem* à «nóbre senhóra cuja memória «todos os meus verdadeiros dicípulos quérem e venérão, porque éla renovou «dignamente a lús do espírito pela chama do coração.» (Carta de AUGUSTO COMTE à Henry Dix Hutton, de 11 de Carlos-Magno de 69—28 de Junho de 1857. Juízo sobre a pretensa *esposição abreviada e popular do pozitivismo* publicada pelo falso dicípulo a cuja ingrata conduta nósso Méstre atribuiu a sua crize mortal. Vide tambem as cartas a G. Audiffrent, de 12 de Carlos-Magno de 69 — 29 de Junho de 1857 e a R. Congreve, de 15 de Carlos-Magno de 69—2 de Julho de 1857.)

Com bom senso e zêlo, todo mundo póde tornar-se apóstolo da Humanidade... Quanto ao sacerdócio, o seu acésso deve ser rigorózamente interdito aos que não preenchêrem as condições sientíficas que este ezige. (Carta à de Cappellen, de 11 de Shakespeare de 61—19 de Setembro de 1852; *Correspondance inédite*, série 1, p. 92.)

...Não anhelei de módo algum nem mesmo aprovei, os abalos de 1830 e 1848 embóra haja me esforçado por utilizá-los após a sua consumação; conduzindo-se assim os pozitivistas deverão sempre prever as tempestades, e se esforçárem primeiro por prevení-las, depois por abrandá-las, enfim por utilizá-las; porém *considerando-se como livremente associados aos governos ocidentais, sem jamais secundárem oposição alguma,* cujo respeito involuntário obterão, além de que partido algum os julgará seus concurrentes ao poder.

Éssa atitude coletiva (dos pozitivistas) déve ser dignamente completada pela conduta individual, *em virtude da qual os mais obscuros pozitivistas pódem tomar parte no advento da nóssa fé milhór do que os seus mais brilhantes apóstolos, escritos ou verbais,* provando que aqueles que vêm regular a vida humana regularam primeiro a sua própria, de maneira a dissipar a única incerteza que résta aos empíricos honéstos sobre a eficácia moral do Pozitivismo. (*Correspondência inedita*, 2ª serie, p. 341, carta a Hadery.)

Todos os sofismas do orgulho não pódem impedir o espírito pozitivo de reconhecer que *toda revolta emana dos impulsos egoístas.* (SINTEZE SUBJETIVA, *Introdução*, p. 16.)

Não ha de dirétamente moral na nóssa natureza sinão o amor, que é só o que tende imediatamente a fazer prevalecer a sociabilidade sobre a personalidade. (*Pol. Pos.* I, p. 212.)

Embóra o espírito não póssa retificar sofismas subversivos, *o coração sabe prezervar-nos das dezordens* que eles provócão. (*Ibidem*, p. 229.)

Toda mulhér sem ternura constitue uma monstruozidade social mais aíndu que todo o hômem sem corágem. (*Ibidem*, p. 227.)

Ésse estrema atribuição (o julgamento moral), que rezume, no fundo, todas as outras (atribuições sacerdotais), constitúi realmente o mais difícil dos deveres pontifícios, por ezigir as mais precizas determinações. (*Pol. Pos.*, t. II, Cap. V, p. 331.)

O ascendente necessário (dos pozitivistas) não póde assentar sinão sobre uma verdadeira superioridade de coração, de espírito, e de caráter, a qual supõe uma preparação difícil, e prescreve uma conduta, pessoal, doméstica e cívica, sempre confórme ao tipo normal que eles proclâmão. (*6a. Circ. an.*, edição de Jórge Lagarrigue, p. 51.)

Não pósso reconhecer como verdadeiros discípulos meus sinão aqueles que, renunciando à fundar eles próprios uma sínteze, considérão a que eu construi como essencialmente suficiente e radicalmente preferível à qualquer outra. O dever deles é então propagá-la e aplicá-la, sem pretender criticá-la ou mesmo aperfeiçoá-la. (*Cartas à H. Dix Hutton*, edição original, ps. 72—73.)

Paris, é a França, o Ocidente, a Térra. (*Cartas a G. Audiffrent*, carta de 14 de Descartes de 68 — 20 de Outubro de 1856.)

Paris é a séde única dos impulsos verdadeiramente eficazes... Ao lado de Paris, Roma e Londres são cidades de provincia, sem influência diréta sobre a regeneração ocidental. (*Cartas a A. Sabatier*, carta de 8 de Shakespeare de 68 — 17 de Setembro de 1856.)

Mas quando a homogeneidade pozitivista fôr suficientemente completa o *Ocidente* apagar-se-á diante da *Térra*, e Paris não preencherá mais as diversas condições essenciais de um verdadeiro centro universal. Então a capital definitiva será, para toda a duração da nóssa espécie, Constantinopla, que o Islamismo conserva em depozito para unir o Oriente e o Ocidente, fundindo as teocracias na sociocracia. (*Cartas a G. Audiffrent*, carta de 6 de Bichat de 68 — 7 de Dezembro de 1856.)

... Nas relações gerais, elles (os pozitivistas) pódem sempre dar entre o ezemplo decizivo de uma fraternidade mútua e de uma comum veneração para com o seu chéfe (AUGUSTO COMTE). *Fóra de seu seio* a atitude deles dé tornar-se a um tempo *benévola e protetora* para com almas retrogradas, e mesmo anárchicas, *que são raras vezes responsáveis de sua degradação ordinariamente rezultante de uma situação insuperável.* (*Pol. Pos.* IV, Conclusão total p. 537.)

Não tendo podido até aqui achar sucessor, nem mesmo coléga algum declaro que, si eu dezaparecesse antes de o conseguir, o pozitivismo dezevolver-se-ia milhór mediante os livres esfórços de meus dignos discípulos, que sob um chéfe insuficiente. (*Pol. Pos.*, IV, Conclusão total, p. 542.)

ALGUNS PRELIMINARES DA RELIGIÃO DA HUMANIDADE E ENSINOS QUE OS DESENVOLVEM E SYSTEMATIZÃO SCIENTIFICAMENTE

Extractos da publicação n. 13, do anno 66/132 — 1920

REZUMO DA SABEDORIA FETICHO-TREOCRATICA

Conhece-te a ti mesmo, afim de melhorar-te

TRANSIÇÃO OCCIDENTAL

1. PREDECESSORES GRECO-ROMANOS

Ah! que a dissenção pereça entre os Deuses! e, entre os homens, pereça a colera que perturba o mais sabio, e que, mais doce que o mel liquido, se incha como a fumaça, no peito dos homens. (HOMERO, *Illiada*. Canto XVIII. Nono seculo antes do Catholicismo.)

A principal força da mulher consiste em superar a difficuldade do obedecer. (ARISTOTELES, citado por AUGUSTO COMTE. Catecismo positivista, p. 292.)

Principio da COOPERAÇÃO — O caracter essencial de toda organização collectiva (isto é, de toda a sociedade) consiste na separação dos officios e a combinação dos esforços. (ARISTOTELES, citado por AUGUSTO COMTE, *Pol. Pos.* II, p. 281).

A alguem que se jactava de ser de uma grande cidade, ARISTOTELES disse: "Não se deve attender a isso; porém se se é digno de uma grande patria." (DIOGENES LAERCIO. *Biographia dos Philosophos.* — ARISTOTELES — 384 a 322 antes do Catholicismo.)

Um amigo é uma alma habitando em dois corpos. (DIOGENES LAERCIO, *Ibidem*, ARISTOTELES.)

Sou homem e nada humano reputo alheio a mim.
(TERENCIO. — 192 a 158 antes do Catholicismo.)

Jungir-lh'a-hei em casamento estavel,
E como propria lh'a darei p'ra sempre.
(VIRGILIO, *Eneida*, livro I, v. 73, e IV, v. 126.)

Mas antes para mim se raseue a terra,
Ou me despenhe o omnipotente padre
Com o raio seu ás sombras, sombras pallidas
Do Erebo e da noite ás profundezas
Qu'eu. Pudor! te viole ou a fé te quebre.
Aquelle que primeiro a si jungio-me
Os meus amores carregou comsigo;
Comsigo os tenha, e no sepulchro os guarde.
(VIRGILIO. *Eneida*, IV, v. 24-29. Combinação de varias traducções. — 70 a 19 antes do Catholicismo.)

Hão de outros, sim, mais molemente os bronzes
Respirantes fundir, sacar do marmore
Vultos vivos; orar melhor nas cauzas;
Descrever com seu radio o céu rotundo,
O orto e sidéreo curso; tu, Romano,
Cuida o mundo em reger; terás por artes
A paz e a lei ditar, e os povos todos
Poupar submissos, debellar soberbos.
VIRGILIO — Eneida, L. VI, vs. 881 a 888 da tradução de Odorico Mendes).

Ao varão justo e tenaz em seu proposito
Nem dos povos ardor, mandando crimes,
Nem crú semblante de minaz tyranno,
Nem Auster, louco flagellando o Hadria,
Nem mão immensa do tonante Jove,
Jámais, na mente solida, sacode.
Se espedaçado desabasse o Orbe
Impavido feril-o-hiam as ruinas.

HORACIO — Odes, Livro III, ode 3ª, — 65 a 8 antes do Catholicismo.

Considera o summo crime preferir a vida á honra; e, por causa da vida, perder as razões de viver.

JUVENAL — Fim do primeiro seculo da éra catholica.

2. PREPARAÇÃO CATHOLICO-FEUDAL (*Propriamente seculos* V a XIII)

Se eu fallar as linguas dos homens e dos anjos e *não tiver amor* (*agape*), sou como o metal que sôa ou como o cymbalo que tine.

E se eu tiver o dom da prophecia, e conhecer todos os mysterios, e quanto se pode saber; e se tiver toda a fé, até o ponto de transportar montanhas, e *não tiver amor*, não sou nada.

E se eu distribuir todos os meus bens no sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, *se todavia não tiver amor*, nada disso me aproveita.

O amor jámais ha de acabar; ou deixem de ter lugar as prophecias, ou cessem as linguas, ou seja abolida a sciencia.

Quando eu era menino, fallava como menino, pensava como menino, discorria como menino. Mas, depois que cheguei a ser homem feito, dei de mão ás cousas que são de menino.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, e o amor; essas tres virtudes; *porém a maior dellas é o amor.* (S. PAULO, *Primeira epistola aos Corynthios*, Cap. XIII.) — 64 éra catholica.

Mas faço-vos saber, irmãos, que o Evangelho que por mim foi annunciado não é *segundo os homens.*

Porque *não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus-Christo* — SÃO PAULO, *Epistola aos Galatas.*

Porque vós, irmãos, *haveis sido chamados á liberdade;* sómente não a liberdade para occasião á carne, *mas submettei-vos uns aos outros pelo Amor.* (Ep. aos Galatas, Cap. V, v. 13).

Porque sendo livre para com todos me fiz servo de todos (*E. aos Corynthios*, Cap. IX, v. 19).

Fiz-me tudo para todos. (*Ibidem*, v. 22).

In necessariis, unitas; in dubiis, libertas; in omnibus, charitas. (SANTO AGOSTINHO).

Pertence sómente ao Positivismo realizar o voto, em vão formado até aqui, de obter a *unidade necessaria, a liberdade permittida, e a caridade continua* que não podia comportar uma synthese absoluta e ficticia. (AUGUSTO COMTE, Cartas a *Henry Dix. Hutton*, p. 75; 1º Homero 68 — 29 Janeiro 1856.)

O verdadeiro Amor está plenamente satisfeito de si mesmo. (SÃO BERNARDO — *Tratado do amor de Deus*, Cap. VII.)

E', pois, verdade que o homem ama-se primeiramente por si mesmo, porque sendo carnal, elle nada póde saborear além de si mesmo...

... e eu não sei se é possivel a alguem nesta vida chegar senão ao quarto grão (do Amor), *no qual o homem não se ama mais nada senão por Deus.*

SÃO BERNARDO — *Tratado do Amor de Deus*, Cap. XV. — 1091 a 1153 éra catholica).

"... O amor de Deus animava todas as suas acções e elle tomava muito o dito de uma Mulher que fôra achada na Terra-Santa, tendo um facho acceso em uma das mãos, e um vaso cheio d'agua na outra; a qual, sendo interrogada sobre o que ella queria fazer com isso, respondeu que queria pôr fogo no paraizo e apagar o fogo do inferno, afim de que, dizia ella, de ora avante os homens sirvam a Deus sómente pelo amor." (BOSSUET. — Resumo da Historia de França — Luiz IX)." — 1215 a 1270 éra catholica.

Cumpre com o teu dever, succeda o que succeder.

MAXIMA CAVALHIRESCA.

3. TRANSIÇÃO REVOLUCIONARIA MODERNA (XIV a XVIII seculos)

A. Phase espontanea (XIV e XV seculos)

... não ha na terra quem governe...
Eis porque se extravia a familia humana.
(DANTE, Paraiso, Canto XXVII — 1265 a 1321 éra catholica.)

Donna, sei tanto grande e tanto vali,
Che qual vuol grazia, ed a te non ricorre,
Sua desianza vuol volar senz'ali.
La tua benignitá non pur soccorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.
In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura é di bontate.
(DANTE — Paraiso, Canto XXXIII.)

Vergine madre, Figlia del tuo figlio,
Umile ed alta piú che creatura
Termine fisso d'eterno consiglio.
(*Ibidem.*)

O amanza del primo amante, o diva
.....
Non é l'affezion mia tanto profonda,
Che basti a render voi grazia per grazia.
(*Ibidem* — Canto IV.)

Quella ch' impacadisa la mia mente;
(DANTE, Paraiso, Canto XXVIII)

Ogni basso pensier dal cor m'avulse.
(PETRARCA — Sonetos. — 1304 a 1374 éra catholica.)

(Esboço de traducção)

Como és grande, Senhora! ao gesto bello
Leis dando á graça (1) que s'm Ti querel-a
Ousar, s m azas, quer, voar um anhelo.
Tocante prece não vê só colhel-a
Imo. olhar, teu benino; com anciedade
Liberal vais frequente antecedel-a.
Domina o dó em Ti; em Ti, piedade;
Em Ti magnificencia; em Ti rebrilha.
Senhora, quanto em ser ha de bondade.
Oh! Virgem-Mai, e de teu filho Filha!
Amada do amor unico! oh! Diva!
Cuja humildade todo orgulho humilha!
Fim do martyrio donde a Paz deriva!
E' do nossa affeição penuria tanta,
Que, graça á graça, de Te dar nós priva!
Porém, é voto só que nos encanta
Amor que a amar Te mais do que a nós viva,
E a nós, só pelo amor que a Ti levanta.
A que emparadiza a nossa pobre mente,
Nenhum baixo pensar no coração consente.

Amem te plus quam me, nec me nisi propter te,
Amo-te a ti mais do que a mim, e não me amé a mim senão por ti.

Magna res est amor; magnum omnino bonum.
Grande cousa é o amor, maior de todos os bens.
(THOMAZ A KEMPIS — Imitatio, Liv. III Ch. V. — 1380 a 1471 éra catholica.)

E. Revolução systematica (XVI a XVIII seculos)

a. *Explosão protestante* (XVI seculo a 1685, revogação do edito de Nantes).

La fede unqua non deve esser corrota,
O data a un solo, o data insieme a mille;
.....
Senza giurare, o segno altro piu expresso.
Basta una volta che s'abbia promesso.

"A fé nunca deve ser quebrada, ou dada
a um só ou dada a mil ao mesmo tempo
...Sem jurar, ou sem qualquer outro signal
expresso, basta ter promettido uma vez."
ARIOSTO — *Orlando furiozo*, C. 21.º 2ª estancia—1474 a 1533).

(2) Para completar as leis, são necessarias vontades.

No me mueve, mi Dios, para quererte
El cielo que me tienes prometido,
Ni me mueve el infierno tan temido
Para dejar por eso de ofenderte.

Tu me mueves, mi Dios; muoveme el verte
Clavado en esa Cruz y escarnecido;
Muéveme el ver tu cuerpo tan herido;
Muéveme el ver tus afretas y tu muerte.

Muéveme, en fin, tu amor, y en tal manera
Que, aunque no hubiera cielo yo te amara,
Y, aunque no hubiera infierno te temiera.

No me tienes que dar por que te quiera
Porque, aunque lo que espero no esperara,
Lo mismo que te quiero te quisiera.

(Sonêto a JESUS CRUCIFICADO, attribuido a SANTA THEREZA DE JESUS — 1515 a 1582 e a S. FRANCISCO XAVIER — 1506 a 1552.)

A primeira regra era obedecer ás leis e aos costumes de meu paiz, guardando constantemente a religião em que Deus me fez a graça de ser instruido desde a infancia, e governando-me em tudo o mais segundo as opiniões mais moderadas e mais afastadas dos extremos que fossem commumente recebidas na pratica pelos mais sensatos daquelles entre os quaes houvesse eu de viver...

Minha segunda maxima era ser o mais firme e resoluto que pudesse em minhas acções, e não seguir nunca menos constantemente as opiniões mais duvidosas, quando uma vez me houvesse decidido por ellas, do que se fossem certissimas...

DESCARTES — *Discurso sobre o Methodo*, 3ª parte: *Algumas regras moraes tiradas do methodo.* (Traducção de Miguel Lemos. Publicação n. 163 da Igreja Positivista do Brasil, pags. 23 a 35) — 1596 a 1650.

So che tutto è di tutti; e che mè pure
Di nascer meritó chi d'esser nato
Crede solo per se.

Sei que tudo é de todos; e que nem siquer foi digno de nascer quem acredita que nasceu só para si.

METASTAZIO — *Clemencia de Tito* (drama), acto 2º, scena 10ª — 1698 a 1782.

b. Dissolução deista (*de* 1685 *a* 1789)

Os grandes pensamentos vêm do coração. (VAUVENARGUES. — 1715 a 1747).

GRANDE CRISE 1789

Constitui mais a estréa da regeneração final do que a conclusão da vida preparatoria. (*Appello aos Conservadores*, p. 176. Traducção e notas de Miguel Lemos).

Pereça a minha memoria, comtanto que a Patria se salve (*Maxima moral* de DANTON).

Não se destróe senão o que se substitue. (*Maxima politica de* DANTON — 1759 a 1791).

Não ha nada real na vida senão amar. (MADAME DE STAEL. — 1766 a 1817).

Estou tão persuadido das verdades que defendo, que quando considero o aluimento geral dos principios moraes, a divergencia das opiniões, o abalo das soberanias baldas de base, a immensidade das nossas necessidades e a inanidade dos nossos meios, parece-me que todo verdadeiro philosopho deve optar entre estas duas hypotheses: *ou vai formar-se uma nova religião ou o christianismo será rejuvenescido por algum meio extraordinario. E' entre essas duas supposições que é preciso escolher*, conforme o partido que se tomou sobre a verdade do Christianismo." (JOSEPH DE MAISTRE. *Considerations sur la France*, edição de 1821, Capitulo V., pags. 85 — 1754 a 1821).

Essa conjectura não será repellida desdenhosamente senão por esses homens de vistas curtas que só crêem possivel o que estão vendo. Que homem da antiguidade teria podido prever o christianismo? E que homem extranho a essa religião teria podido, nos comecos della, prever o seu successo? Como sabemos nós que uma grande revolução moral não começou? Plinio, como está provado pela sua famosa carta (a Trajano) não tinha a minima idéa desse gigante de que não via senão a infancia." (*Ibidem*, Cap. V.)

Esperai que as affinidades da sciencia e da religião as reunam na cabeça de um só homem de genio: a apparição desse homem não poderia estar longe; *e talvez mesmo já elle exista*. Esse será famoso e porá fim ao decimo oitavo seculo que continua a durar." JOSEPH DE MAISTRE. Soirées de Saint-Pétersbourg. ultima conferencia.)

Não ha mais religião na Terra; o genero humano não póde continuar neste estado. (*Ibidem, Undecima conferencia.*)

Tudo annuncia não sei que grande unidade para a qual caminhamos a grandes passos. (*Ibidem.*)

Tocamos a maior das épocas religosas, na qual todo homem é obrigado a trazer, se tem força para isso, uma pedra para o edificio augusto, cujos planos acham-se visivelmente fixados. (JOSEPH DE MAISTRE, *Du Pape*, Discours préliminaire.)

...E' ao nosso sexo sem duvida que pertence formar geometras, tacticos, chimicos, etc.; mas o que se chama *o homem*, isto é, o homem *moral*, está talvez formado aos dez annos, e si

o não foi *no collo de sua mãi*, será sempre uma grande desgraça. *Nada póde substituir essa educação...* JOSEPH DE MAISTRE — Les soirées de Saint-Pétersbourg, T. I., pags. 214 e 215.

...Que os pais aos quaes a Providencia concedeu ao mesmo tempo as virtudes e os talentos, a fortuna e o lazer; que esses pais, digo, conduzam seus filhos tão longe quanto puderem; porém, comtanto que se possua o primeiro e o mais importante de todos esses dons, que não se apressem pelo menos de *arrancar* os filhos *da casa paterna, o asylo da felicidade e o berço das virtudes*. Não sejamos os *matadores da innocencia*, precipitando-a tão cedo no meio dos perigos que acompanham necessariamente todos os ajuntamentos numerosos. O olhar do sabio detem-se dolorosamente sobre esses acervos de moços onde as virtudes estão isoladas, e todos os vicios postos em commum. (*Ibidem*, pag. 261).

O olvido, é que é o nada; a gloria é a outra vida.

Pensamento de ELIZA MERCOEUR aos 17 annos de idade. — 1809 a 1835.

Ensinos fundamentaes da Religião da Humanidade desenvolvendo e systematizando scientificamente esses antecedentes

a. RESUMO DA SABEDORIA FEMININA

I. EFFUSÃO DE CLOTILDE SOBRE O CATHOLICISMO

Lembrança preciosa da minha mocidade, companheiro e guia das horas santas que soaram para mim, evoca sempre a meu coração as ceremonias grandes e suaves da Capella do Convento!... (Inscripção de CLOTILDE DE VAUX, em 1837, na *Journée du Chrétien*, seu livro usual na rua Barbette.)

II AS SETE MAXIMAS DE CLOTILDE DE VAUX

Extrahidas do conjunto dos seus escriptos por Augusto Comte

E' indigno dos grandes corações derramar a perturbação que sentem.

Que prazeres podem exceder aos da dedicação?

Comprehendi, melhor do que ninguem, a fraqueza da nossa natureza, quando não é dirigida para um alvo elevado, que seja inacessivel ás paixões.

A nossa especie, mais que as outras, carece de deveres para fazer sentimentos.

Não ha, na vida, nada irrevogavel senão a morte.

Todos nós temos ainda um pé no ar sobre o limiar da verdade.

Os máos carecem muitas vezes mais de piedade do que os bons.

Ella é bem feliz, eil-a certa da immortalidade! (Commovente oraculo de VICTORIA BONNIN, em relação a CLOTILDE DE VAUX, alguns dias antes de expirar.)

b) ALGUMAS SENTENÇAS DE AUGUSTO COMTE

ANTES DE CONHECER CLOTILDE

Tudo é relativo, eis o unico principio absoluto.
Saber para prever, afim de prover.

Concepção da necessidade do poder espiritual scientifico para dirigir a sociedade industrial. Resumo do opusculo, *Considerações sobre o poder espiritual*, em tres artigos sahidos no periodico o *Productor* a 24 de Dezembro de 1825, e 11 e 18 de Fevereiro de 1826.

Primeiro artigo, sahido a 24 de Dezembro de 1825

Concepção do estabelecimento de um novo poder espiritual scientifico, distincto e independente do poder temporal, como constituindo a primeira necessidade das sociedades modernas.

Não faço aqui nem a historia da formação desse regimen (catholico-feudal), nem a da sua dissolução. Porém, para *pôr em toda a sua evidencia o estado moral da sociedade actual*, que é o assumpto peculiar deste opusculo, devo lançar um olhar geral sobre a maneira pela qual operou-se a desorganização espiritual desse systema, e sobre as principaes consequencias que gerou...

... tratava-se então da *maior revolução que possa jámais ter logar na especie humana, a transição directa do estado theologico e militar para o estado positivo e industrial*, relativamente á qual todas as revoluções anteriores não eram senão *simples modificações.*

Procurarei demonstrar *a necessidade da instituição de um poder espiritual distincto e independente do poder temporal*, e determinar os principaes caracteres da nova organização moral, peculiar ás sociedades modernas.

O estabelecimento de um novo *poder moral é imperiosamente reclamado pelo estado presente das nações civilizadas.*

Segundo artigo, sahido a 11 de Fevereiro de 1826

Concepção da acção geral do poder espiritual moderno, em virtude do conjunto de suas funcções quer nacionaes, quer européas, ou melhor universaes.

...a existencia duradoura de toda associação real suppõe necessariamente uma influencia constante, ora directriz, ora repressiva, exercida, entre certos limites, *pelo conjunto sobre as partes*,... Essa influencia total compõe-se de *duas sortes de acções, uma material, outra moral*... A primeira, é fundada, em definitivo sobre a *força* ou sobre a *riqueza*... A segunda consiste no *regulamento das opiniões, dos pendores, das vontades*, em uma palavra, das *tendencias*: ella tem por base a *autoridade moral*, que resulta, *em ultima analyse, da superioridade da intelligencia e das luzes.*

Desde que a civilização ficou assás adiantada para que *esses dois ramos geraes do governo* hajam podido ser attribuidos a classes differentes, *o que operou-se na idade-média*, a distincção entre elles tornou-se sensivel a todos os olhos, e *criaram-se para designal-os os nomes de poder temporal e de poder espiritual*...

O poder espiritual tem pois por distinação propria o governo da opinião; isto é, o estabelecimento e a manutenção dos principios que devem presidir ás diversas relações sociaes.

A principal funcção do poder espiritual e que constitue o fundamento de todas as outras é a *direcção* suprema da *educação*... Para conceber as outras funcções do poder espiritual, e que decorrem da *educação*, cumpre distinguir entre a sua *influencia nacional* e a sua *influencia internacional.*

No ponto de vista *nacional*, as outras funcções do poder espiritual, em virtude da direcção da educação, são: a *predica*, o *conselho*, a *consulta*, e o *livre arbitramento.*

As relações de povo a povo assignam ao poder espiritual uma nova classe de attribuições, que *são a consequencia das precedentes, transportadas sobre maior escala.*

Assim, em resumo, a vida dos individuos e a dos povos se compõe alternativamente de *especulações* e de *acções*, ou, em outros termos, de *tendencias* e de *resultados*. Essas duas ordens de factos se entrelaçam de mil maneiras na existencia real. O *poder espiritual* tem por objecto proprio e exclusivo o regulamento immediato da primeira, e o *poder temporal* o da segunda.

...Trata-se essencialmente aqui de considerar o poder espiritual no estado social peculiar ás nações modernas, e que eu considero como caracterizado, *sob o aspecto temporal*, pela *preponderancia total da actividade industrial.*

...Só se rege pela força o que não póde ser sufficientemente pela opinião.

Terceiro artigo sahido a 18 de Fevereiro de 1826

Apreciação das funcções do poder espiritual moderno, consideradas nos seus detalhes principaes.

Motivos principaes que, em opposição aos preconceitos actuaes, necessitam, no novo estado social, *um governo moral.*

O *dogmatismo é o estado normal.* O sceptícismo é apenas uma *crise* durante o interregno subsistente entre a decadencia de um dogmatismo e o advento do que lhe deve succeder. A *acção* é a destinação da totalidade do genero humano. Dahi resulta a necessidade intellectual e moral de uma classe especial votada ao estabelecimento, á cultura, ao ensino, e aos desenvolvimentos da *doutrina directriz.*

Em segundo lugar, a harmonia social tornar-se-ia impossivel se não houvesse um poder agindo sobre as *tendencias*, ao mesmo tempo, para *dirigil-as* e *contel-as*, de maneira a fazer sempre prevalecer a sociabilidade.

Ora, essa acção do poder espiritual suppõe o predominio da *fé*, isto é, a disposição a crer espontaneamente, sem demonstração prévia, nos dogmas proclamados por uma autoridade competente. De sorte que as noções de *bem* e de *mal* devem reduzir-se ao que é prescripto ou prohibido pelos preceitos positivos estabelecidos e mantidos por uma autoridade espiritual, convenientemente organizada, e *cujo conjunto constitua a doutrina social directriz.*

A conducta dos individuos a respeito dessa doutrina reguladora limita-se normalmente a deduzir della a regra pratica applicavel a cada caso particular, consultando o orgão espiritual nos casos duvidosos. Pertence tambem naturalmente a esse orgão operar na doutrina as mudanças que se tornarem necessarias. Em qualquer outra hypothese, a sociedade deve ser considerada como achando-se em *verdadeiro estado de revolução* mais ou menos completo, sempre *transitorio.*

O arrastamento inevitavel produzido pelo sentimento da preeminencia da actividade industrial leva a desconhecer ou mesmo a desprezar a necessidade da reorganização moral.

Porém, o advento directo do conjunto da sociedade moderna demonstra que a influencia regulatriz e directriz do *poder espiritual* não é menos necessaria no ordem das *relações industriaes*, do que o foi na ordem das *relações militares*, embora não seja inteiramente da mesma maneira.

O confronto da sociedade militar com a sociedade industrial patenteia a necessidade de uma *direcção moral* para regular, tanto *as relações entre os operarios e os patrões*, como *as relações entre as quatro classes industriaes*, a saber: *agricultores, fabricantes, commerciantes*, e *banqueiros*. A economia politica é evidentemente insufficiente para attingir similhante fim.

A necessidade de uma ordem espiritual no novo estado social, manifesta-se tambem *na moral simplesmente pessoal*. Em primeiro lugar, *a moral pessoal é a base da moral publica*. De mais os actos méramente relativos ao individuo reagem sobre o conjunto da sociedade. Alludindo aos escriptos de Malthus, Augusto Comte mostra a insufficiencia dos meios materiaes para evitar as aberrações egoistas

Depois de apreciar assim a *acção preventiva ou repressiva* do poder espiritual, cumpre considerar a *sua acção directriz*. E' o que sobresahe do contraste entre a preeminencia social respectivamente concedida á *hereditariedade* e ao *merito*, na sociedade militar e na sociedade industrial.

As mesmas considerações mostram a necessidade do poder espiritual *para regular as relações internacionaes*. Esse poder espiritual é então ainda *mais indispensavel* e sobretudo *menos susceptivel de ser substituido por qualquer outra influencia.*

O exame da natureza da *organização espiritual moderna*, destroi as *falsas interpretações* que se é levado geralmente a conceber, nos habitos occidentaes, logo que se trata do poder espiritual.

Foi para estabelecer o esboço da *doutrina universal scientifica*, que devia servir de base ao *poder espiritual* ou *sacerdocio* peculiar á sociedade moderna, que Augusto Comte consagrou-se

á elaboração da *Philosophia Positiva*. Essa elaboração absorveu-o até Agosto de 1842, em que sahio o sexto e ultimo volume desse esboço, publicado com o titulo de *Curso de Philosophia Positiva.*

Os sentimentos benevolos e desinteressados, que são proprios da natureza humana, deveram, sem duvida, manifestar-se através de tal regimen (theologico), e mesmo, a certos respeitos, sob o seu impulso indirecto; porém, embora o surto delles não tenha podido ser comprimido, o seu caracter deve ter recebido dahi uma grave alteração, *que provavelmente não nos permitte ainda conhecer plenamente a natureza e intensidade delles, por falta de um exercicio proprio e directo. — Discurso sobre o espirito positivo;* servindo de preliminar á Astronomia popular, publicada em 1844, que correspondeu ao curso publico e gratuito professado, havia quatorze annos, na *mairie* do 3º *arrondissement* de Paris; p. 73.

Só Clotilde de Vaux permittiu que Augusto Comte conhecesse emfim plenamente, mediante um incomparavel exercicio proprio e directo, a natureza e a intensidade dos sentimentos benevolos e desinteressados: ao conjunto dos quaes elle applicou então a denominação de *altruismo, hoje vulgar* na linguagem universal.

Só então nosso Mestre pôde definir a *Logica*, como consistindo: no *concurso normal dos sentimentos, das imagens, e dos signaes, para inspirar-nos as concepções que convém ás nossas necessidades, moraes, intellectuaes, e physicas.* (Synthese subjetiva, tomo I e unico escripto, *Introducção*, p. 27).

DEPOIS DE CONHECER CLOTILDE

I EM VIDA DE CLOTILDE

Outubro de 1844 *a* 5 *de Abril de* 1846

Não se póde pensar sempre; mas se póde amar sempre.

(Venerdia, 16 de Maio de 1845. O positivismo religioso começou realmente em nossa preciosa entrevista inicial do Venerdia, 16 de Maio de 1845, quando o meu coração proclamou inopinadamente perante a tua familia maravilhada a sentença caracteristica (*não se póde pensar sempre, mas se póde amar sempre*) que, completada, tornou-se a divisa especial da nossa grande composição (*Politica positiva*) — *Testamento*, pag. 146. *Confissões, Quinta Santa-Clotilde.*

A admiravel cavallaria da Idade Média, comprimida sob as crenças theologicas, nunca tinha podido elevar este culto (da Mulher) além do segundo plano. Quando a sociabilidade moderna tiver adquirido o seu verdadeiro caracter, o joelho do homem não dobrará senão diante da mulher. (*Carta sobre a commemoração social*, dirigida a Clotilde, por occasião da sua festa, 2 de Junho de 1845. — *Politica positiva*. Complemento da Dedicatoria, pag. XXXIX.)

Trata-se sobretudo, no fundo, de incorporar intimamente ao positivismo, *com melhoramentos radicaes*, tudo o que o systema catholico da Idade Média pôde realizar, ou mesmo esboçar, de grande ou de terno. (*Testamento*, Correspondencia, Carta a Clotilde, de 5 de Agosto de 1845.)

Exemplo algum me havia offerecido jámais uma tão perfeita lealdade unida a uma pureza tão delicada, sem o minimo laivo de *pruderie* nem de ostentação. Essa rara combinação moral não parecia mesmo poder realizar-se senão á custa da intelligencia. Que incomparavel ventura para mim tel-a afinal achado em um dos typos mais eminentes do verdadeiro espirito feminino!... Conto que a minha perseverança infatigavel obterá emfim da vossa sincera modestia a preciosa autorização de render convenientemente uma homenagem solemne a essa natureza excepcional, quando nada fôsse, para offerecer indirectamente ao vosso sexo *um typo digno real, mais efficaz do que as melhores demonstrações philosophicas*. (Testamento, Correspondencia. Carta a Clotilde, de 15 de Fevereiro de 1846.)

Considero-me mais ou menos igualmente concidadão em toda a extensão do nosso Occidente. Ter-nos-hiamos tornado realmente menos liberaes do que na Idade Média, em que se via, sem espanto, os Anselmo, os Lanfranc, os Lombard, os Thomas, os Alberto, etc., professarem indifferentemente, ora na Italia, ora na Inglaterra, em França ou na Allemanha? Esse triste resultado dos sentimentos estreitos inherentes ao negativismo actual deveria, pelo menos, não estender-se até ás almas dignas de dirigir o movimento humano. (*Cartas* a Stuart Mill, Carta de 27 de Junho de 1845, pags. 387-388.)

II DEPOIS DA MORTE DE CLOTILDE

5 *de Abril de* 1846 *a* 24 *de Guttenberg* 69 (5 *de Setembro de* 1857)

Se cança de pensar, e até de agir cançamos;
Sómente amar não cança, e repetir que amamos.
(*Testamento — Orações.*)

Amar ainda é melhor do que ser amado.
Agir por affeição, e pensar para agir.

A submissão é a base do aperfeiçoamento; primeiro physico, depois intellectual, e por fim sobretudo moral.

No meio dos mais graves tormentos que possam jámais resultar da affeição, não cessei de sentir que o essencial para a felicidade é sempre ter o coração dignamente cheio... mesmo de dôr, sim, mesmo de dôr, da mais amarga dôr.
(Aug. Comte. *Orações. Testamento*, pag. 82.)

...Embora o teu surto inicial haja sido tão fatalmente quebrado, deixou elle *traços* que, *mesmo sem o meu testemunho*, permittem apreciar em ti um conjunto, *talvez incomparavel*, das principaes qualidades de teu sexo, tanto pelo espirito, como pelo coração. (*Ibidem*, Quinta Santa-Clotilde, de 31 de Maio de 1849 — 11 de São Paulo, de 61, Vol. Sac. p. 138).

... a religião *cuja fundação a Posteridade attribuirá tanto a ti* (Clotilde) *como a mim... Tu fuste, sem o saber*, como o digo todos os martedias (terça-feiras), *a mulher mais eminente, pelo coração, pelo espirito, e mesmo pelo caracter, que a historia universal me haja apresentado até aqui. O futuro parece-me difficilmente susceptivel de um typo melhor.* (Augusto Comte. *Testamento*. Ultima confissão, pag. 239.)

Viver para outrem. Eis a verdadeira felicidade, como o verdadeiro dever! *Só tu* (Clotilde) *me ensinaste a fundir as suas formulas*: Que prazeres podem exceder aos da dedicação? (*Ibidem*, Orações, pag. 82.)

Tu (Clotilde) sabes já que os germens moraes cuja evolução tardia te devi, vinham-me de uma terna e ardente Mãi (Rosalia Boyer), que te teria plenamente apreciado. (*Ibidem*. Quinta Santa-Clotilde, p. 138.)

Devendo julgar as pessoas independentemente da situação e mesmo da instrucção, eu a tenho (a Sofia Bliaux), cada vez mais considerado, embora ella não saiba ler, *como a mulher mais eminente que eu conheça, depois de Mme. de Vaux*, que a queria e tratava como digna irmã. (Augusto Comte. Carta a John Fiche, de 3 de Arquimédes de 68—28 de Março de 1856. Edição de Richard Congreve, p. 34.)

Superiores pelo amor, mais bem dispostas a sempre subordinar ao sentimento a intelligencia e a actividade, *as mulheres constituem espontaneamente seres intermediarios entre a Humanidade e os homens*. (*Politica Positiva*, II, pag. 62.)

E' da mulher, no fundo, que provém o homem. (*Testamento*, Nona confissão, pag. 206.)

O melhor resumo pratico de todo o programma moderno consistirá breve neste principio incontestavel: *O homem deve sustentar a mulher*, afim de que ella possa preencher convenientemente seu santo destino social. Espero que este cathecismo fará apreciar a intima connexidade que existe entre essa condição e o conjunto do grande renovamento, considerado sob todos os seus aspectos: moral, mental, e mesmo material. (Augusto Comte — *Cathecismo positivista*, prefacio — Traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª ed. pags. 28 e 29.)

A monogamia occidental constitue pois uma das mais preciosas instituições que devemos a idade-média. Ella contribuio porventura *mais do que qualquer outra para a explendida superioridade social* da grande familia moderna. Embora o divorcio a tenha gravemente alterado nas populações protestantes, essa aberração temporaria é ahi muito contida pelas santas repugnancias do sentimento feminino e do instincto proletario, que limitam suas devastações ás classes privilegiadas. (Politica Positiva. I. pag. 238).

O estabelecimento da monogamia constitui o principal resultado da transição occidental entre a theocracia e a sociocracia. Após haver, durante estes trinta seculos, gradualmente se approximado de sua plenitude normal, essa instituição decisiva a attin-

ge na regeneração positivista, que faz *livremente* prevalecer a *viuvez eterna, sem* a qual a polygamia persiste subjectivamente. (POLITICA POSITIVA, IV, p. 127))

... Porém a mulher, na qual prevalece a sympáthia, *fonte essencial da unidade*, deve fornecer a melhor personificação de um conjunto (a Humanidade) fundado no amor. Imagem expontanea da familia, só ella (a mulher) *póde representar dignamente toda a existencia composta*: o instincto universal a erigiu em emblema da Patria, antes que o sexo affectivo estivesse assás apreciado para personificar a Humanidade. POL. POS., IV. p. 109).

Jamais a arte poderá figurar dignamente a HUMANIDADE a não ser sob a fórma feminina. Figurada ou esculpida, a nossa Deusa (a Humanidade) terá sempre por symbolo uma Mulher de trinta annos, tendo o seu filho nos braços.

Até aqui as mulheres não têm feito senão olhar a revolução, e mesmo com inquietação e repugnancia antes do que com sympathia. *Ellas não tomarão verdadeiramente parte senão em uma só phase, o advento da paz geral.* As minhas primeiras emoções politicas, que jámais esquecerei, quando mesmo vivesse mais do que Fontenelle, consistirão em vêr succumbir sob as lagrimas das mães, das irmãs, das esposas, das filhas, o execravel aventureiro (Napoleão I) que haviamos deixado enthronizar-se tão deploravelmente. Depois dessa demonstração collectiva, que os arrastadores de sabre *liberaes* quizeram em vão estigmatizar sob o nome de *revolução dos lenços brancos*, as mulheres recahirão na sua triste inercia para com uma pretendida regeneração que chocava o seu coração sem satisfazer o seu espirito. Mas é certamente impossivel que essa indefferença persista, *ou a revolução não terminaria nunca*... (AUGUSTO COMTE. Carta a G. Audiffrent, de 17 de São Paulo de 63 — 7 de Junho de 1851, referindo-se á quéda do primeiro Bonaparte: — Cartas a diversos, edição dos testamenteiros, tomo 1, 1ª parte, p. 54.)

Reorganizar sem Deus nem Rei pelo culto systematico da Humanidade.

O espirito deve ser o ministro do coração e jámais seu escravo.

Dedicação dos fortes pelos fracos; veneração dos fracos pelos fortes.

O trabalho, isto é, a actividade industrial, consiste na acção real e util da HUMANIDADE sobre a TERRA.

... Sob o aspecto pratico, o coração acha menos embaraços para fazer acceitar dignamente a sua supremacia pelo caracter, que, mais sabio do que o espirito, dirige facilmente sua principal actividade para o desenvolvimento do imperio interior, *collocando a liberdade no amor.* (AUGUSTO COMTE — *Synthese subjectiva.* Logica positiva. *Introducção*, pag. 42).

O Amor por principio, e a Ordem por base; o Progresso por fim. O Amor procura a ordem e impelle para o progresso; a Ordem consolida o amor e dirige o progresso; o Progresso desenvolve a ordem e reconduz para o amor.

O Amor universal, assitido pela fé demonstravel, dirige a actividade pacifica.

Pois que os vivos, são incessantemente, e mesmo cada vez mais, dirigidos pelos Mortos, o verdadeiro sacerdocio poderá constantemente dizer aos mais orgulhosos tyrannos: *O homem se agita, e a Humanidade o conduz.* (*Politica Positiva*, II pag. 435).

Assim, toda a historia da Humanidade condensa-se necessariamente na historia da religião. A lei geral do movimento humano consiste, sob qualquer aspecto, *em que o homem torna-se cada vez mais religioso.* (*Cathecismo positivista*, traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª edição, pag. 395).

Aos olhos do sacerdocio da Humanidade, todos os homens são, sobretudo hoje, positivistas espontaneos em diversos gráos de evolução, que não carecem nunca senão de ser completados. (*Politica Positiva*, IV, pag. 377).

... A minha religião, *ulteriormente destinada a todos*, torna-se hoje a de quem quer que não póde mais ter outra; o que constitue um caso frequentissimo, e sobretudo muitissimo importante, pois que concerne á maioria dos chefes occidentaes e principalmente francezes, embora o nosso seculo os condemne á hypocrisia, emquanto elles permanecem sceptícos ou negativistas.

Nós não differimos dos catholicos senão em que a nossa unidade se refere á Humanidade, ao passo que a delles liga-se a Deus. *Carta a seu* PAI. de 26 de Moysés de 69 — 26 de Janeiro de 1857).

Referindo tudo á Humanidade, a unidade torna-se mais completa e mais estavel do que se esforçando por tudo ligar a Deus. (*Testamento*, Orações, pag. 90).

Os positivistas e os catholicos podem já concertar-se dignamente, afim de obrigar, em nome da razão e da moral, todos os que crêm em Deus a voltarem a ser catholicos, todos os que não crêm a se tornarem positivistas, o seculo da construcção não devendo comportar luta senão entre doutrinas verdadeiramente organicas, eliminando todos os puros criticos como tão atrazados quanto perturbadores. (*Cartas a diversos*, I, 2ª parte, pag. 261. Carta a A. Sabatier, de 8 de Shakespeare de 68 — 17 de Setembro de 1856).

Considerando o advento do Catholicismo, elles (seus leitores) podem todos sentir que os meus contemporaneos serão sobretudo julgados, individual e collectivamente, segundo a sua conducta para com o positivismo. (8ª *circular annual*, ed. Jorge Lagarrigue, pag. 102).

Pariz é a França, o Occidente, a Terra. (*Cartas a G. Audiffrent*, carta de 14 de Descartes de 68 — 20 de Outubro de 1856).

Pariz é a séde unica dos impulsos verdadeiramente efficazes... Ao lado de Pariz, Roma e Londres são cidades de provincia, sem influencia directa sobre a regeneração occidental. (*Cartas a A. Sabatier*, carta de 8 de Shakespeare de 68 — 17 de Setembro de 1856).

Mas quando a homogeneidade positivista fôr sufficientemente completa, o *Occidente* apagar-se-ha diante da *Terra*, e Pariz não preencherá mais as diversas condições essenciaes de um verda-

deiro centro universal. Então a capital definitiva será, para toda a duração da nossa especie, Constantinopla, que o Islamismo conserva em deposito para unir o Oriente e o Occidente, fundindo as theocracias na socioeracia. (*Cartas a G. Audiffrent*, carta de 6 de Bichat de 68 — 7 de Dezembro de 1856).

Attribuindo á palavra *catholicismo* a sua accepção etymologica, que não convem senão ao positivismo, póde-se reduzir a revolução occidental a substituir o catholicismo de Roma pelo de Pariz, *quando a metropole humana fôr sómente espiritual.*

Esta santa cidade não poderia mesmo tornar-se o centro religioso do territorio francez, emquanto não se achar purificada convenientemente de sua dominação temporal, que faria então recear uma confusão oppressiva entre os dous poderes (espiritual e temporal). (*Politica positiva*, IV, pag. 463).

Cumpre que as gloriosas jornadas de Austerlitz, de Eilau, de Wagram e mesmo de Arcole e Lodi, sejam irrovogavelmente estygmatizadas, como acções más, verdadeiros crimes de *lesa-humanidade*, segundo o digno espirito republicano. (*Cartas a G. Audiffrent*, 10 de Bichat de 64 — 12 de Dezembro de 1853).

"Quanto á guerra, o principal reproche da posteridade deve concernir á opinião franceza em lugar de ficar concentrada em um dictador empirico, arrastado pelo seu instincto militar, cujo surto o publico podia facilmente conter. Porque bastava, no começo do desvio, estigmatizar dignamente a espoliação da Italia e a invasão do Egypto; ao passo que essa dupla oppressão excitou entre os francezes, um enthusiasmo unanime, sobretudo nos letrados. Quando a *occupação provisoria* da Belgica e da Sabola constatou a plena efficacia da *defesa republicana*, a actividade militar tornou-se necessariamente contraria á missão occidental da França." (POLITICA POSITIVA, III p. 606).

Expondo a politica que convém ao presente, afim de encaminhar *pacificamente* o Occidente, *sob a iniciativa da França*, para a época normal, AUGUSTO COMTE diz:

"A restauração *official* da universidade *foi o principal* erro do dictador militar (Napoleão I), porque as corporações metaphisicas, comquanto menos onerosas, são mais nocivas e estão menos desacreditadas do que clero algum. Apezar da sua ruidosa influencia, uma dictadura energica póde hoje supprimir o orçamento dellas, sem suscitar resistencia alguma em favor de uma instituição embrutecedora e corrupta. Em virtude do conjunto do passado moderno, essa abolição torna-se a consequencia e o complemento da do regimen parlamentar, que se recrutava, como o jornalismo, no seio dos collegios, berço continuo dos agitadores philosophicos e politicos." (POLITICA POSITIVA, IV, p. 388).

Esses passos recentes da opinião parisiense manifestaram-se nitidamente no domingo ultimo, quando propuz directamente: 1º de supprimir a columna Vendôme, como um monumento anti-occidental, para substituil-a por um outro, eminentemente occidental, levantado ao incomparavel Carlos Magno; 2º, de devolver solemnemente para Santa Helena o fatal cadaver dos Invalidos (Napoleão I), substituindo-lhe o esquife do nobre e generoso

Mallet, como espiação do abandono da França para com o seu corajoso devotamento republicano. Comquanto a natureza da minha sessão trouxesse directamente esse duplo voto, só pensei então no meu dever philosophico, sem contar demasiado com um acolhimento favoravel. Ora, o auditorio m'o concedeu expontaneamente, pelo contrario, muito pronunciado, puro de qualquer indicio de dissidencia. Este acolhimento deveu ser, sem que eu soubesse, facilitado pela coincidencia fortuita dessa proposta systematica com o vergonhoso projecto actual, de associar legalmente a Republica Franceza á criminosa mysteficação de 1840 (Nosso Mestre allude aqui a iniciativa de Thiers quando subio ao Ministerio em 1840, de trasladar para Pariz os restos do primeiro Bonaparte). (Carta de Augusto Comte a H. de Montègre de 18 de Dante, 61 — 2 de Agosto 1849. — Aditamento desta edição).

"Semelhante manifestação exige que a metropole humana (Pariz) se purifique de um monumento oppressivo (a columna Vendôme) incompativel com uma visinhança que recorda o advento de uma paz inalteravel. Esta parodia do trophéo romano deve ser substituida pela digna effigie do incomparavel fundador da Republica occidental (Carlos Magno). O melhor typo da Idade média (Carlos Magno) tendo ficado por toda parte destituido de uma representação material, seu culto, inaugurará a transição destinada a preparar o futuro, glorificando o passado. Se os destroços da *injuriosa columna* (columna Vendôme) não bastassem para o monumento de união (a estatua de Carlos Magno), o complemento, emanado de fontes analogas, resultará logo do livre concurso de toda a occidentalidade. Quando os nossos diversos irmãos vierem, pelas ruas Carlos Magno e da Paz, honrar na praça Occidental, o principal precursor da civilização universal (Carlos Magno), sentir-se-hão dispostos a desenvolver por toda a parte a *expiação que deviamos começar para com a commum anarchia.* (POLITICA POSITIVA, IV, pags. 397-398).

Na *Philosophia Positiva*, Augusto Comte já havia dito:

"Não se poderia hoje recordar tal nome (Napoleão I) sem lembrar-se que vis aduladores e ignorantes enthusiastas ousaram por muito tempo comparar a Carlos Magno um soberano (Napoleão I) que, *a todos os respeitos, esteve tão atrás do seu seculo quanto o admiravel typo da idade média* (Carlos Magno) *estivera adiante do delle.* (AUGUSTO COMTE — *Philosophia positiva*, VI, pags. 368 a 387).

Apreciação final de AUGUSTO COMTE sobre a *Restauração*, *no prefacio do Appello aos Conservadores*. Limitar-nos-hemos a transcrever aqui o seguinte juizo:

"Eis ahi como prevaleceu, durante sete annos (1821 a 1828) o mais honesto, o mais nobre e o mais liberal de todos os regimen sob os quaes tenho vivido até aqui." (*Appello aos Conservadores*, traducção de Miguel Lemos, pag. VIII).

Durante esse periodo (1821 a 1828) foi Presidente do Conselho de Ministros o Conde de Villèle. E este juizo sobre a *Restauração* foi escripto dous annos antes da calamitosa morte do nosso Mestre.

Conciliante de facto, inflexivel em principio. (*Synthese Subjectiva*. Prefacio, pag. XIII).

Para completar as leis, são necessarias vontades. (*Ibidem*, Introducção, pag. 25).

Essa extrema attribuição (o julgamento moral) que resume, no fundo, todas as outras (attribuições sacerdotaes), constitue realmente o mais difficil dos deveres pontificios, por exigir as mais precisas determinações. Depois de haver abstrahido das diversas vantagens resultantes de cada situação, deve-se, então, afastar tambem as que provêm da instrucção, pois que, sem serem mais pessoaes, são até hoje apenas menos fortuitas. Mas, cumpre ainda abster-se de julgar os mortos ou os vivos, recorrendo só ás producções de sua existencia effectiva; porque ellas são por demais dependentes da posição no tempo e no espaço, que domina muitas vezes as condições verdadeiramente individuaes. Tal é a triplice casca que o sacerdocio deve habitualmente penetrar para instituir dignamente o classamento abstracto. Essa immensa difficuldade não comporta mesmo uma plena solução senão quando a apreciação pontificia póde abraçar toda a carreira pessoal. Poucos typos humanos são assás caracterizados para tornar-se verdadeiramente julgaveis antes de achar-se comprido o seu destino..." (AUGUSTO COMTE, *Politica Positiva*, II, 331.)

Situação moderna

"A theoria historica conduz evidentemente a este oraculo social: *a ordem será retrograda, emquanto o progresso fôr anarchico.* (Cartas a G. Audiffrent, de 12 de Aristoteles de 63 (9 de Março de 1851. Edição dos testamenteiros, I. 1ª parte, pag. 35.

Natureza social de toda a funcção humana

Posto que cada funcção humana se exerça necessariamente por um orgão individual, *sua verdadeira natureza é sempre social*, pois que a participação pessoal subordina-se ahi constantemente ao concurso indecomponivel dos contemporaneos e dos predecessores. *Tudo em nós pertence*, portanto, á HUMANIDADE, porque tudo nos vem della: vida, fortuna, talento, instrucção, ternura, energia, etc. Um poeta, que nunca foi suspeito de tendencia subversiva (Metastasio), fez proclamar por Tito esta sentença decisiva, digna, na verdade, de semelhante orgão:

So che tutto é de tutti; e che né pure
Di nascer merito chi d'esser nato
Crede solo per se.

Sei que tudo é de todos; e que nem sequer foi digno nascer quem acredita que nasceu só para si.

(METASTASIO, *Clemencia de Tito* (drama), acto 2º, scena 10.)

Presentimentos analogos poderiam ser encontrados nas mais antigas composições. Assim, o positivismo, reduzindo toda a moral humana a viver para outrem, limita-se realmente a systematizar o instincto universal, *depois de ter erguido o espirito theorico até o ponto de vista social*, inaccessivel ás syntheses theologicas e metaphysicas.

(CATECISMO POSITIVISTA — Traducção e notas de Miguel Lemos, decima conferencia, 3ª edição, p. 325.)

Sobre a incorporação do proletariado á sociedade moderna

A maior das revoluções sociaes, a abolição gradual da escravidão occidental, realizou-se na idade-média, sem uma unica insurreição. (AUGUSTO COMTE, *Cathecismo positivista*, 11ª conferencia. Trad. Miguel Lemos, 3ª ed., p. 372).

Consiste ella (prescripção que deve presidir a acção social dos proletarios positivistas) em combater as duas tendencias, igualmente funestas e profundamente connexas, pelas quaes o proletariado occidental está radicalmente corrompido, sobretudo no povo central (Francez): de um lado, a disposição ao desclassamento: de outro lado, o pendor ao emprego da violencia numerica para resolver os conflictos quaesquer. A incorporação social do proletariado occidental não será jámais realizada, apezar de todos os esforços do sacerdocio, emquanto os melhores proletarios não houverem irrevogavelmente abandonado todo projecto de desertar da sua classe, passando para a burguezia. Todas as reclamações do proletariado devem agora parecer declamatorias, quando sabe-se que a maioria dos proletarios actuaes só trabalham por força sem nenhumamente sentir a dignidade do trabalho industrial, ao qual cada um delles prefere secretamente a existencia egoista e vadia que expróbam aos ricos. E' preciso pois fazer primeiro apreciar a todos os vossos irmãos occidentaes que a utopia em que todos os homens viveriam de uma renda qualquer é tão immoral como absurda, e que a existencia material da immensa maioria dos cidadãos deve unicamente repousar sobre um salario periodico. Em segundo lugar, todo recurso á violencia torna-se um contrasenso politico, quando se aspira a fundar o regimen final da actividade pacifica: conduzindo-se assim, os proletarios occidentaes perpetuam, tanto quanto possivel, o systema militar que se deve extinguir por toda parte, transformando-o. Sem duvida o positivismo consagra, e mesmo desenvolve systematizando-o, o emprego das ligas operarias para fazer convenientemente elevar os salarios, sobretudo hoje; porém elle o representa sempre como um meio extremo, e o obriga a respeitar a livre espontaneidade de cada trabalhador. Quanto á violencia politica, ella é tão contraria quanto possivel á verdadeira causa popular, e não aproveita senão ás ambições lettradas ou burguezas; porque ella impede a formação e o surto da verdadeira opinião publica que, sob a direcção sacerdotal, tornar-se-ha o melhor recurso social do proletariado. (Carta ao proletario norte-americano John Metcalf, de 5 de Dante de 69 (20 de Julho de 1857). (*Cartas de* AUGUSTO COMTE *a diversos*; Tomo I, segunda parte; ps. 340 a 341).

Extensão das patrias normaes ou MATRIAS, *e a que já satisfaz a Belgica*, SEM AS COLONIAS

Lembraremos, a este proposito, as palavras textuaes de nosso Mestre, no *Catecismo Positivista*:

"... A dissolução gradual do systema colonial a partir da independencia americana não é, no fundo, senão o começo de um deslocamento irrevogavel de todos os dominios demasiado vastos que *surgiram depois da ruptura do laço catholico.*

"Na ordem final, os Estados occidentaes não terão uma extensão normal superior a que nos apresentam agora a Toscana, a Belgica, a Hollanda, e em breve a Sicilia, a Sardenha, etc. Uma população de um a tres milhões de habitantes, na proporção ordinaria de sessenta por kilometro quadrado, constitue, com effeito, a *extensão que convém aos Estados verdadeiramente livres;* porque só devem ser assim qualificados aquelles cujas partes todas acham-se reunidas, sem nenhuma violencia, pelo sentimento espontaneo de uma solidariedade activa. O *prolongamento da paz occidental*, dissipando os temores sérios de invasão exterior e mesmo de colligação retrograda, fará sentir em breve por toda parte a *necessidade de dissolver pacificamente aggregações factícias* daqui por diante destituidas de verdadeiros motivos. Antes do fim do seculo XIX, a *Republica Franceza achar-se-ha livremente decomposta em dezesete Republicas independentes*, formadas cada uma de cinco departamentos actuaes. (O Ducado de Sabola e o Condado de Nice não faziam parte da França, em vida de Augusto Comte). A proxima *separação* da Irlanda deve em seguida conduzir á *ruptura dos laços artificiaes* que hoje reúnem a Escossia, o mesmo o Paiz de Galles, á Inglaterra propriamente dita. Operando-se uma *decomposição semelhante* em todos os Estados demasiado vastos, Portugal e Irlanda, *se nenhuma divisão surgir nestes dous paizes*, formarão, no começo do seculo seguinte, as *maiores Republicas* do Occidente. E' a patrias assim restrictas, (qualificadas então de Matrias) que deve ser applicada a apreciação normal do regimen publico. Então o sentimento nacional torna-se um verdadeiro intermediario entre a affeição domestica e o amor universal."

(Vide *Traducção e notas*, de Miguel Lemos, 3ª edição, pagina 357 — os grifos e parentheses são desta transcripção).

Funesta influencia das preoccupações materiaes do empirismo politico

..... A questão do seculo não está officalmente posta ou reconhecida ainda, pois que todos os partidos concordam em tratar de uma maneira *puramente material* uma molestia *essencialmente espirtual.*

Os processos que o empirismo applica para manter a ordem material, *sobretudo reconstruindo Pariz*, aggravam directamente a desordem moral. (Augusto Comte — Carta ao seu discipulo Hadery, de 24 de Bichat 68 — 25 de Dezembro de 1856).

Importancia e necessidade de restaurar a continuidade historica, para a installação da transição organica

..... A questão do seculo não está officialmente posta ou reconhecida ainda, pois que todos os partidos concordam em tratar de uma maneira *puramente material* uma molestia *essencialmente espiritual.*

Os processos que o empirismo applica para manter a ordem material, *sobretudo reconstruindo Pariz*, aggravam directamente a desordem moral.

Devemos profundamente lamentar que a proposta decisiva, que termina e resume meu *Appello aos Conservadores* (para que Napoleão III restabelecesse legalmente a republica dictatorial, com a faculdade do dictador escolher o seu successor), não haja ainda sido tomada em séria consideração pelo dictador actual (Napoleão III), que a conhece ha um anno, pelo menos tenha todo lugar de o crer. Essa apathia é tanto mais deploravel quanto impede *um complemento* muito salutar, que não se tornaria verdadeiramente conveniente senão depois de uma plena realização da *principal medida*, pois que concerne *á escolha do successor á dictatura republicana.* Tal complemento, que *recentemente introduzi*, não é ainda communicavel senão aos meus melhores discipulos, e *sois vós o primeiro a quem o indico por escripto*, para fazer melhor apreciar o conjunto do nosso modo de installação da transição organica. Consiste elle, quando a situação republicana estiver officialmente proclamada pelo *proprio motu* do dictador actual (Napoleão III), em que este, seis ou sete mezes depois, *escolheria por successor* o Senhor Henrique V, cujo caracter actualmente retrogrado tal acceitação transformaria. Se, contra toda verosimilhança, esse personagem recusasse semelhante advento, teria elle logo perdido, só por isso, as melhores sympathias legitimistas.

Afastando toda apreciação pessoal de um chefe que não conheço, *acho nelle um valor de posição* que faz-me considerar tal successão como eminentemente conveniente *á terminação real do estado revolucionario.* Semelhante dictador é o *unico capaz de recollocar-nos na corrente historica*, ligando o porvir ao conjunto do passado. Se elle introduzisse ou confirmasse a suppressão radical do orgamento theologico, e por conseguinte metaphysico, ou mesmo scientifico, daria uma sufficiente garantia á reorganização espiritual. Os penhores de ordem não podem ser verdadeiramente sufficientes senão mediante tal dictadura, que seria, mesmo involuntariamente, a mais favoravel á installação do positivismo, como o senti quando deplorava a expulsão dos Bourbons e o advento dos intrigantes orleanistas, embora a minha carreira estivesse imperfeitamente caracterizada então. Porém, tal medida não tem valor senão como o *complemento normal* da minha inauguração da dictadura republicana, *á qual cumpre sempre referil-a;* o que, espero eu, dissipará as repugnancias involuntariamente suscitadas, entre os melhores positivistas, pelos resquicios despercebidos dos preconceitos revolucionarios.

(Carta a Hadery, de 24 de Bichat de 67—25 de Dezembro de 1856. — *Correspondencia inedita de* Augusto Comte, segunda série, publicada em 1903, pags. 361 a 363.)

Tinha, sem duvida, receiado que a minha proposta complementar sobre o *Senhor Henrique V* não fosse immediatamente apreciada por vós de uma maneira assás positiva, em virtude de um resquicio involuntario de habitos revolucionarios. Nunca pensei, porém, que esse motivo pudesse de modo algum, influir sobre o vosso longo silencio excepcional, do qual me dais agora uma explicação por demais satisfactoria, caracterizando as graves preoccupações materiaes que com justiça vos absorveram este

inverno. E'-me hoje grato felicitar-vos de estardes assás regenerado para ter plenamente apanhado essa medida, *á qual ligo cada vez mais importancia*, embora não seja, ella admissivel, e mesmo communicavel, senão depois da aceitação da grande proposta já publica, á qual sempre a subordinei.

(Carta a Hadery, de 11 de Cesar de 69 — 3 de Maio de 1857 — *Ibidem*, p. 367.)

Apreciação das raças humanas e especialmente da raça preta

I. Extracto de uma carta de AUGUSTO COMTE a G. Audiffrent, de lunedia 20 de Carlos Magno de 63 (7 de Julho de 1851).

Antes de responder especialmente á interessante carta sem data que acabo de receber, quero preencher uma lacuna determinada na minha ultima resposta, pela superabundancia das explicações importantes. Concerne ella á vossa opinião sobre a raça preta. A terna lembrança que a vossa infancia deixou-vos para com esse infeliz ramo da grande familia tocou-me profundamente confirmando a minha estima anterior pelo vosso valor moral. Partilho essencialmente, como pensador systematico, o juizo que vos inspira a observação espontanea sobre a comparação cerebral, entre o typo preto e o typo branco. A sua diversidade parece-me muito analoga á dos dous sexos. A nossa raça predomina certamente pela intelligencia e a actividade, mas a outra parece-me decididamente superior pelo sentimento. Desde então a primeira dominou sobretudo durante todo o tempo da grande iniciação humana, que devia principalmente depender do espirito e do caracter. Porém, o mesmo não se dá para o estado final, em que o sentimento prevalecerá cada vez mais. Quando todas as partes da familia humana houverem attingido o nivel normal, a raça preta, obterá, pois, como o sexo affectivo, uma consideração, e mesmo uma influencia, que não se póde ainda suspeitar nenhumamente. *Seu opinaz apego ao fetichismo inicial parece-me provir mais da sua superioridade sentimental do que da sua inferioridade especulativa*, pois que essa religião primitiva é seguramente a mais favoravel á preponderancia do coração sobre o espirito, que não foi depois reconhecida nunca tão completamente como nessas crenças espontaneas, *mesmo sob o melhor catholicismo*. Agradeço-vos, pois, como padre da Humanidade, não haverdes esquecido a pobre preta que cuidou da vossa infancia, e espero que o vosso culto intimo lhe reservará em breve um lugar conveniente no grupo habitual dos vossos anjos da guarda. Nossos predecessores tiveram grandes culpas para com esse digno ramo da nossa especie; é a nós que pertence já dar aos nossos successores o exemplo de uma justa reparação, destinada sobretudo á porção que o meio africano preservou da oppressão occidental. (*Cartas de* AUGUSTO COMTE a diversos, publicadas pelos seus testamenteiros. Tomo primeiro — 1ª parte — ps. 59 a 60).

II. Extracto do CATHECISMO POSITIVISTA. Outubro de 1852.

O SACERDOTE — A verdadeira theoria biologica das raças humanas resulta, minha filha, da concepção de Blainville, que representa essas differenças como variedades devidas ao meio.

mas que se tornaram fixas, mesmo hereditariamente, logo que attingiram sua maior intensidade. Segundo este principio, póde-se construir subjectivamente uma doutrina essencialmente de accôrdo com as unicas diversidades verificadas pela apreciação objectiva, que não admitte realmente senão tres raças distinctas, branca, amarella, e preta.

Com effeito, as unicas differenças essenciaes e duraveis que se podem ter desenvolvido são as que se referem ao predominio relativo das tres partes fundamentaes do apparelho cerebral, especulativa, activa e affectiva. Taes são, portanto, as nossas tres raças necessarias, das quaes cada uma é superior ás outras duas, ou em intelligencia, ou em actividade, ou em sentimento, como o confirma o conjunto das sãs observações. Esta apreciação final deve demovel-as de todo desdem mutuo e fazer-lhes igualmente comprehender a efficacia de seu concurso intimo, para acabar de constituir o verdadeiro Grão-Ser (a Humanidade).

Quando os nossos trabalhos houverem saneado uniformemente o planeta humano, estas distincções organicas tenderão a desapparecer, em virtude mesmo de sua origem natural, e sobretudo mediante dignos casamentos. A combinação crescente dessas raças nos proporcionará, sob a direcção systematica do sacerdocio universal, o mais precioso de todos os aperfeiçoamentos, aquelle que diz respeito ao conjunto de nossa constituição cerebral, assim tornada mais apta para pensar, agir, e mesmo amar.

(AUGUSTO COMTE — *Cathecismo Positivista*, 11ª conferencia. Traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª edição, ps. 386 a 388).

Sobre as noções de beatitude, tempo, e progresso

Uma alma tão distincta como a vossa, intellectual e moralmente, não carecia sinão de um aviso motivado para rectificar a exageração historica do vosso ultimo projecto poetico, no qual a natureza essencialmente *estatica* do culto normal da Humanidade se achava radicalmente desconhecida. Afim de melhor firmar-vos nessa grande condição, vos convido a notar que, em todas as religiões provisorias, a beatitude promettida é sempre caracterizada por um estado por tal fórma fixo que o *tempo* não existirá mais, o que significa que não se terá mais porvir, porque o presente sendo plenamente satisfatorio, só se ligará ao passado preparatorio. O meu recente volume (SYNTHESE SUBJECTIVA, tomo I) faz já sentir que a noção do *progresso*, fica essencialmente peculiar á evolução preliminar, a segunda vida não comportando individualmente e collectivamente, senão um simples aperfeiçoamento continuo, tornado de mais em mais insensivel, ao ponto de tender para a plena immobilidade, termo unico normal das aspirações humanas sob qualquer regimen. (*Carta* a G. Audiffrent de 15 de Cesar de 69 — 7 de Maio de 1857, edição dos testamenteiros, tomo I, 1ª parte, p. 394.)

Não tendo podido até aqui achar successor, nem mesmo collega algum, declaro que, se eu desapparecesse antes de o conseguir, o positivismo desenvolver-se-hia melhor, mediante os livres esforços de meus dignos discipulos, do que sob um chefe insufficiente. (*Politica positiva*, IV pag. 542.)

Não posso reconhecer como verdadeiros discipulos meus senão aquelles que, renunciando a fundar elles proprios uma synthese, consideram a que eu construl como essencialmente sufficiente e radicalmente preferivel a qualquer outra. O dever delles é então propagal-a e applical-a, sem pretender critical-a ou mesmo aperfeiçoal-a (Cartas a Henry Dix Hutton, pags. 77-78).

O ascendente necessario (dos positivistas) não póde assentar senão sobre uma verdadeira superioridade de coração, de espirito, e de caracter, a qual suppõe uma preparação difficil, e prescreve uma conducta, pessoal, domestica, e civica, sempre conforme ao typo normal que elles proclamam. (6ª *Cir. an.*, edição de Jorge Lagarrigue, pag. 51.)

Com bom senso e zelo, todo o mundo póde tornar-se apostolo da Humanidade... Quanto ao sacerdocio, o seu accesso deve ser rigorosamente interdicto *aos que não preenchem as condições scientificas que elle exige.* (*Carta a de Capellos*, de 11 Shakespeare de 64—19 de Setembro de 1852. *Correspondencia inedita*, 1ª série, pag. 92.)

Essa attitude collectiva (dos positivistas) deve ser dignamente completada pela conducta individual, *em virtude da qual os mais obscuros positivistas podem tomar parte no advento da nossa fé melhor do que os seus mais brilhantes apostolos escriptos ou verbaes*, provando que aquelles que vêm regular a vida humana regularam primeiro a sua propria, de maneira a dissipar a unica incerteza que resta aos empiricos honestos sobre a efficacia moral do Positivismo. (*Correspondencia inedita*, 2ª serie, pag. 342, carta a Hadery.)

... Nas relações geraes, elles (os positivistas) podem sempre dar entre si o exemplo decisivo d'uma fraternidade mutua e d'uma commum veneração para com o seu chefe (Augusto Comte) *Fóra de seu seio*, a attitude delles deve tornar-se a um tempo *benevola e protectora*, para com almas retrogradas, ou mesmo anarchicas, *que são, raras vezes, responsaveis de sua degradação, ordinariamente resultante de uma situação insuperavel.* (Politica Positiva, IV, Conclusão total, pag. 537.)

Resumo actual da Religião da Humanidade

A utopia da Virgem Mãi, destinada a proporcionar ao Positivismo um resumo synthetico equivalente ao que a instituição da Eucharistia forneceu ao Catholicismo. (Politica Positiva, IV, pag. 279.)

Se tal problema jámais fôr resolvido, a sua *efficacia moral e mental* será sempre tão completa quanto o foi, em relação ao *progresso material*, o sonho da transmutação dos metaes. Mas, supposto obtida a solução, a imperfeição da ordem humana conduzirá em breve a substituir-lhe outra pesquiza, não menos apta a concentrar o nosso aperfeiçoamento. (Pol. Pos. IV, p. 279.)

Instituindo o culto abstracto da Mulher, pela festa publica da Virgem-Mãe, (a 15 de Agosto), a sociolatria conciliará os tres monotheismos, mostrando aos corações christãos o fundador do Islamismo, escolhendo a judia excepcional para principal typo do sexo cujo digno culto esboçou. (Pol. Pos. IV. p. 411; o parentheses é desta traducção.)

Uma comparação directa permitte apreciar a affinidade fundamental que devia erigir o culto occidental da Virgem-Mãi em preambulo espontaneo da adoração universal da Humanidade. Pois que o Grão-Ser (a Humanidade) realiza a utopia feminina fecundando-se sem assistencia alguma extranha á sua propria constituição... Eis como o positivismo realiza a utopia medival representando todos os membros da grande familia como provindo de uma mãi sem esposo... Ao mesmo tempo, a utopia feminina incorpora-se á religião positiva para os corações capazes de cultivar a sua efficacia subjectiva sem esperar a sua realização objectiva (Pol. Pos. IV. p. 412.)

Algumas effusões epistolares de Augusto Comte, *sobre o alcance religioso da apreciação de* Clotilde de Vaux, *para caracterizar a plenitude das conversões positivistas.*

Estou profundamente commovido com os piedosos sentimentos que me testemunhaes, e sobretudo com a vossa terna veneração pela santa collega subjectiva (Clotilde de Vaux), que regenerou-me. *Esse sympathia pareceu-me sempre o mais proprio para distinguir os positivistas completos, isto é, religiosos. Não podemos neuhumanente contar com as adhesões destituidas de tal indicio.* (Augusto Comte. Carta ao seu discipulo Alfredo Sabatier, a 8 de Shakespeare de 68—17 de Setembro de 1856. *Cartas a diversos*. Edição dos Testamenteiros, tomo I. 2ª parte, p. 362.)

... Tal dôr (a morte de Clotilde, que nosso Mestre considerava a principal catastrophe da sua vida intima) é, desta vez, aggravada pela primeira suspensão completa, após onze annos, da discordancia christã entre as datas hebdomadarias e mensaes. E' ainda no Domingo de Ramos que deve depois de amanhã (5 de Abril de 1857) cahir o fatal anniversario (da morte de Clotilde), onde começa a eternidade subjectiva doravante assegurada á angelica inspiradora da religião positivista. Os meus intimos quadros da dolorosa semana, quando eu os houver sifficientemente publicado na biographia promettida para 1864, serão talvez destinados a dotar os nossos successores com uma commemoração annual mais bem merecida do que aquella com que os nossos predecessores honraram a *Pairão* chimerica do pretendido fundador do Catholicismo. Ousando confiar-vos essa secreta esperança, que jamais pude até aqui formular a ninguem, dou-vos uma confirmação decisiva da plena harmonia que sinto irrevogavelmente estabelecida entre nós, em virtude da vossa admiravel natureza sympathica. (Augusto Comte. Carta a H. Edger, de 9 de Archimedes de 69 — 3 de Abril de 1857. Edição de Jorge Lagarrigue, ps. 58 a 59.)

Aproveito esta occasião para testemunhar-vos quanto estou commovido da vossa participação espontanea ao meu fatal anniversario (5 de Abril, morte de Clotilde). Tal sympathia se me torna tanto mais preciosa quanto essa manifestação decisiva é, *ha onze annos, a primeira commemoração feminina* para com a angelica inspiradora *da unica religião* (o Positivismo) *onde a mulher seja dignamente tratada.* (Augusto Comte. Carta a D. Nizia Floresta Brasileira Augusta, de 24 de Arquimedes de 69 — 18 de Abril de 1857. Edição de Miguel Lemos, ps. 11 a 12).

Li hontem a vossa digna effusão, e experimento esta manhã a necessidade de vol-a agradecer cordialmente. E' o *complemento duradouro da primeira homenagem feminina* rendida até o presente áquella que, *por mim, regenerou o seu sexo*, a carta inspiradora que tão bem merece a sentença de Petrarca:

Tre dolci nomi á in te raccolti
Sposa, Madre, e Figlinola

A vossa tocante composição está irrevogavelmente collocada na gaveta sagrada que só contem a correspondencia excepcional. (AUGUSTO COMTE. Carta a D. Nizia Floresta Brasileira Augusta, de 17 de Guttemberg de 69 — 29 de Agosto de 1857. *Ibidem* ps. 17 e 18.)

Estou especialmente commovido com as vossas dignas homenagens para com a angelica padroeira (CLOTILDE) á qual devo uma regeneração moral *que foi só que permittio-me transformar a philosophia positiva em religião da Humanidade. A sincera apreciação dessa santa influencia forneceo-me o melhor signal da plenitude das conversões positivistas.* (Carta de AUGUSTE COMTE a John Metcalf, de 3 de Aristoteles de 68 — 28 de Fevereiro de 1856.)

Recebei emfim os meus intimos agradecimentos pela vossa digna apreciação da "nobre senhora (Clotilde), cuja memoria todos os meus verdadeiros discipulos querem e veneram." Essa tocante antecipação da eterna solidariedade que a posteridade nos concederá constitue agora a minha melhor recompensa. (*Carta de* AUGUSTO COMTE a H. DIX. Hutton, de 12 de São Paulo de 66 — 1º de Junho de 1854; resposta á carta de 20 de Maio precedente).

"... *nem uma palavra de homenagem* á "nobre senhora cuja memoria todos os meus verdadeiros discipulos querem e veneram, porque ella renovou dignamente a luz do espirito pela chamma do coração." (Carta de AUGUSTO COMTE a Henry DIX HUTTON, de 11 de Carlos Magno de 69, 28 de Junho de 1857. Juizo sobre a pretensa *exposição abreviada e popular do positivismo* publicada pelo falso discipulo a cuja ingrata conducta o nosso Mestre attribuio a sua crise mortal. Vide tambem as cartas a G. Audiffrent, de 12 de Carlos Magno de 69 — 29 de Junho de 1857 e a R. Congreve, de 15 de Carlos Magno de 69 — 2 de Julho de 1857.)

Disposições da Igreja Positivista do Brasil na sua propaganda -

Ao terminar esta circular, repeticei, como faço todos os annos, que, sejam quaes forem os nossos progressos no Brasil, elles se conservarão sempre precarios emquanto Pariz não tomar a dianteira do movimento regenerador.

E' sempre da grande metropole que esperamos o impulso, a luz e a direcção. (MIGUEL LEMOS — Ultima circular annual.)

E' no conhecimento da historia e na unica preoccupação de trabalhar por um futuro do qual ninguem de nós ha de gozar, que está o segredo de nosso fanatismo. (A HARMONIA MENTAL. Publicação n. 20 da Igreja Positivista do Brasil; 1ª edição de Junho de 1885. 2ª edição de Outubro de 1898, pag. 47.)

PREÂMBULO

RECORDAÇÃO PRELIMINAR

dos

ensinos finais de Augusto Comte

servindo de preâmbulo ao estudo

DO

CATECISMO POZITIVISTA

PREÂMBULO

I.

Reconciliação definitiva do nósso MÉSTRE *com o seu Pai* LUÍS COMTE *e a sua Irman* ALIX.

Na sua undécima SANTA-CLOTILDE, domingo 7 de Gutenberg 67 (19 Agosto 1855), o nósso MÉSTRE dizia :

« Julho de 1855 conduziu-me primeiro, em virtude das minbas dispozições crecentes para com o meu pai, e a minha irman, à nóbre iniciativa (carta de 5 de julho) que, cordialmente acolhida por ambos, acaba de restabelecer, após uma longa ruptura, relações dóravante inalteráveis. Além do valor pessoal desse rezultado, pude assim em bréve mostrar aos meus dicípulos uma verificação deciziva da aptidão moral do culto íntimo, fonte única de tal inspiração. No grande quadro de família que agóra termina a minha principal oração, eu havia, ha muitos mezes, operado gradualmente uma reconciliação subjetiva, donde devia rezultar a manifestação objetiva. Éssa reconciliação não deixa-me outros pezares sinão o de não poder, a vista das dificuldades da minha situação, ir a tempo completá-la por uma cordial entrevista, a que foi precizo substituir a remessa do meu busto.» (VOLUME SAGRADO, *Confissões*, ps. 225 a 226.)

Na carta ao seu dicípulo G. Audiffrent, [1] de 26 de Carlos-Magno de 67 (13 de julho de 1855), o nósso MÉSTRE havia comunicado assim esse bem aventurado acontecimento :

« A cópia junta (que podeis guardar) de que dei leitura mercuridia, vos fará saber o felís passo que acabo de tentar, sob o impulso gradualmente rezultante do meu culto quotidiano e das inspirações surgidas diante da santa tumba, nas minhas vizitas hebdomadárias. Éssa iniciativa determinou imediatamente uma ecelente resposta, a que hontem convenientemente

1. *Cartas de* AUGUSTO COMTE *a diversos* publicadas por seus testamenteiros, tomo I, 1ª parte; ps. 269 a 270. A carta de Augusto Comte a seu Pai foi publicada na *Rev. Occ.*, 3ª série, ano 121—1909, tomo I, p. 11.—R. T. M.

respliquei. Eis, pois, em uma semana, graças à admirável aceleração dos correios, os meus laços de família reconstituídos de maneira a não mais comportar, eu o espéro, alteração alguma... A minha infelís irman está tão compreendida na minha íntima reconciliação como o meu caro pai, que vai começar o seu oitagézimo ano. Esqueço os agravos... para sô pensar em nóssos laços e deplorar a prezente situação dos únicos parentes que me réstão. É por tal módo penozo entreter maus sentimentos, por mais fundados que póssão ser, que felicito-me de haver tomado uma iniciativa que tórna me senhor da situação mútua.

« Vós que, conhecendo o cazo de uma maneira especial, devieis ser particularmente informado da transformação, não deixareis de reconhecer aqui uma nóva confirmação da aptidão diréta do culto pozitivo para aperfeiçoar a nóssa conduta dezenvolvendo os nóssos milhóres instintos, afim de cansolidar a unidade, mediante uma ligação crecente entre a vida privada e a vida pública, segundo a lei geral da evolução individual ou coletiva: *O hómem torna-se cada vês mais religiozo.* »

Ao Sr. Luís Comte, em Montpellier.

(*Copia conforme*)

Paris, 18 de Carlos-Magno de 67 (jovedia 5 de julho de 1855)

Meu caro Pai,

Aproximando da velhice, esperimento a necessidade de testemunhar quanto péza-me a longa interrupção das nóssas relações. Quanto à minha irman, devo sómente lembrar-me do grande serviço que éla núnca cessou de prestar-me consagrando-vos toda a sua ezistência. Si os meus embaraços materiais não entravassem a liberdade peculiar à minha situação definitiva, eu viria em bréve oferecer e receber os afetuózos testemunhos, que me faltão ha tantos anos.

O vósso filho respeitozo

Áugusto Comte.

(10, rue Monsieur-le-Prince.)

P. S.—Embóra césse, pela primeira vês da minha vida, de tutear-vos, espéro que éssa mudança não sucitará engano algum. Éla é só devida às reflexões que fázem-me afinal considerar o tuteamento como não sendo assás respeitozo para com um pai, apezar de convir em relação a um filho.

II. *Aliança religióza.*

Lembrança precióza da minha mocidade, companheiro e guia das hóras santas que soárão para mim, evóca sempre ao meu coração as cerimônias grandes e suaves da Capéla do Convento... (Inscrição de Clotilde de Vaux, em 1837, na *Journée du Chrétien*, seu livro uzual na rua Barbette. Clotilde deu, no Domingo 29 de Março de 1846, esse exemplar ao nósso Méstre, que lia algumas páginas desse livrinho todos os Domingos à tarde, desde a mórte de Clotilde. — *Testamento*, ps. 93 e 18.)

Convido esse cortejo (do seu enterro) a parar diante da Igreja São-Paulo (rua St. Antônio), onde, desde o fim de novembro de 1854, vou, *todos os sábados*, dia das minhas vizitas ebdomadárias a Mme. de Vaux, orar uma meia hora, na capéla contigua à do batismo. O meu coração instituíu éssa prática em comemoração da incomparável ceremônia realizada nesse lugar no jovedia 28 de agosto de 1845, donde sempre datei o meu cazamento espiritual com a minha angélica coléga, quando ahi fomos padrinho e madrinha do seu sobrinho. Em bréve o meu espírito sancionou tal uzo, ao qual já devi felizes inspirações, dispondo-me a milnór sentir as relações normais entre o catolicismo e o pozitivismo. Tal esplicação déve aqui prevenir todo engano para com a manifestação que acabo de pédir; éla especificará o meu respeito geral pelos lugares de meditação que a liberalidade católica mantem sempre abertos às almas ávidas de cultura moral. Si interdisséssem éssa curta estação, bastaria inclinar respeitozamente a bandeira pozitiva fazendo o nósso sinal religiozo, quando o cortejo passar por diante do templo do verdadeiro fundador do catolicismo (São Paulo). (Volume Sogrado. *Testamento*, ps. 10-11.) (Os grifos e os parentezis são désta tradução.)

Para esclarecimento désta dispozição, recordaremos as seguintes passágens da *Undécima Santa-Clotilde*, 7 de Gutemberg 67 (19 de Agosto de 1855):

«... Desde o fim de novembro (de 1854), o meu lazer tinha já sucitado o plano do opúsculo ecepcional (*Apelo aos Conservadores*) que acabo de ezecutar, (publicado em Agosto de 1855), e feito tambem surgir a minha elaboração diréta sobre a incorporação final do fetichismo ao pozitivismo. As saudades sem fito fizérão-me, apezar da sua raridade, sentir a necessidade de ligar a ti todas as minhas excursões habituais, *inatitulando, para o Sábado, a peregrinação* que, completando a vizita do Mercuridia, perpetua as nóssas duas entrevistas hebdomadárias. (Os grifos e os parenezis são désta tradução.)

. . . . . .

«Este mês (dezembro de 1854) completou a instituição da minha *peregrinação do sábado*, por uma digna estação na cara capéla onde fomos espiritualmente unidos.» (*Testamento*, ps. 221 e 222). — (Os grifos e o parentezis são désta tradução.)

E na *Carta* ao seu PAI, de 26 de Moizés de 69 — 26 de Janeiro de 1857 nósso MÉSTRE disse :

«...Termino cada Mercuridia (1) (quarta-feira) a minha afetuóza perigrinação hebdomadária (à sepultura de CLOTILDE) por meia hóra de piedóza estação na Igreja de São-Paulo, em lembrança especial da alta importância que a minha santa amiga e eu sabiamos igualmente ligar ao nósso nacimento católico que nos havia espontâneamente prezervado das divagações e flutuações protestantes. (Os parentezis são désta tradução.)

Carta a Laurent, de 2 de Frederico de 63 (Jovedia:6 de Novembro de 1851).

(EXTRATO)

As vóssas reflexões sobre os nóssos dois santos jezuítas [1] são tão justas como naturais. Porêm ha muito que dissipei éssas objeções nò meu curso hebdomadário. A esplicação histórica consiste em reconhecer que esse par inicial foi essencialmente estranho ao vasto sistema de hipocrizia rezultante déssa instituïção abortada, e que não começou sinão na geração seguinte.

É precizo encarar éssa tentativa como destinada no começo, não sómente a conter o protestantísmo, mas sobretudo a reconstruïr o poder espiritual, já degradado profundamente. Éla não podia ter ezito porque a doutrina estava esgotada e a verdadeira religião não estava aínda madura : o seu málogro fê-la bréve degenerar em uma tática hipocrita. Porem tal esforço não éra menos puro e grande nos primeiros fundadores como nos reformadores do décimo-terceiro século, S. Francisco de Assis e S. Domingos, embóra estes houvéssem igualmente sido malogrados. As missões admiráveis de Francisco Xavier, mau-grado o seu inevitável aborto, mérecem ser honradas, como um nóbre esforço para conduzir toda a família humana à unidade de fé, por meios puramente morais, em um tempo em que a gente se esforçava por toda parte em converter violentamente. (p. 452.)

1. Cremos que ha aqui um equívoco, à vista da passágem anterior do *Testamento*; em vês de *Mercuridia* déve ser *Sábado*.—R. T. M.
2. S. Francisco Xavier e Sto. Ignacio de Loyola, inscritos no sexto mês do Calendário Pozitivista, lunedia 22 de S. Paulo. Esse sexto mês é consagrado à comemoração do Catolicismo.—R. T. M.

2ª carta a *Henry Edger*. Long-Island (New-York).

Paris. Venerdia 20 de Dante de 66 (1)

(ESTRATO)

. . . . . .

A vóssa indicação sobre o culto católico acaba de provar-me que estais plenamente desprendido dos preconceitos irreligiózos ou metafízicos. Não penso, porém, que o vósso meio compórte tal tentativa, por falta das crenças correspondentes. Não é pela missa que o culto católico póde preparar para a adoração pozitiva. A tranzição fás-se milhór mediante a Vírgem, que fornéce às almas espanhólas, assim como às italianas, uma idealização espontânea da Humanidade, em virtude da apoteóze da Mulhér. Seria, creio, possível instituïr, sobretudo em italiano, com uma múzica apropriada, um verdadeiro ofício pozitivista da Vírgem, que seria muitíssimo útil para preparar o culto final. Todavia, tal transformação convem milhór à América do Sul do que a do Nórte. Creio pois que esse projéto fás muita honra à vóssa alma, porém que abortaria no vósso prezente meio.

Ha um ano, M. Lonchampt fês aparecer uma segunda edição do seu preciozo *Ensaio sobre a Oração* [2] (Agosto de 1853). O vósso livreiro só tem que dirigir-se ao meu (Carilian et Dalmont, livreiros das pontes e calçadas, 49, cais dos Agostinhos), para obter-vos esse opúsculo, que vende-se em Paris a meio-franco. Felicito-me de ver que sentieis o seu valor, e creio que poderia, de fato, fornecer-vos recursos domésticos, além da assistência que compórta para a vóssa dígna propaganda. (Cartas de AUGUSTO COMTE a H. Edger e a J. Metcalf, edição de Jórge Lagarrigue, ps. 7 a 8. — Reproduzidas nas *Cartas de* AUGUSTO COMTE a *divérsos* publicadas por seus testamenteiros. Tomo I, 2ª parte, p. 160.)

1. 4 de Agosto de 1851.—Jórge Lagarrigue.
2. Traduzido por Miguel Lemos. N. 165 das publicações da Igreja Pozitivista do Brazil.—R. T. M.

Este trecho responde à seguinte indicação de H. Edger a nósso MÉSTRE, em carta de 6 de Dante de 66 (21 de Julho de 1854):

«Tenho ouzado pensar que, ao menos aqui, onde a revólta metafízica e o sentimento anti-histórico são mais para temer-se do que qualquér retrogradação possível para o obscurantismo e a superstição, a missa católica podia ser utilizada para servir ao fim do culto pozitivista, como em outros lugares os templos católicos sofrerão uma transformação análoga. Eu o dezejaria especialmente por cauza da múzica, a única múzica verdadeiramente religióza que eu aliás conheço, ou ao menos a milhór, como a mais aproveitável. As línguas mórtas em que o ritual é calcado paréce que ajudarião a éssa metamorfóze. Tenho pensado que, sem nenhuma desnaturação forçada das palavras, se poderia dar-lhes uma verdadeira interpretação pozitiva, que poderia fazê-la servir ao nósso fito, pelo menos no prezente, admirávelmente.» [1] (Vide o CULTO CATÓLICO. Reflessões pozitivistas sobre o culto católico, considerado como o herdeiro das religiões anteriores pela adoração do REDENTOR e precursor imediato da RELIGIÃO DA HUMANIDADE pela adoração da VÍRGEM-MÃI. Publicação nº 215 da Igreja Pozitivista do Brazil.)

5ª Carta a *Henry Edger*

Paris, Jovedia 11 de Dante de 67. (2)

(ESTRATO)

. . . . . .

As vóssas citações satisfizérão-me plenamente, sob um outro aspéto capital, mostrando que a afinidade do pozitivismo e do catolicismo é dignamente apreciada pelos verdadeiros crentes. Não me surpreendo que almas verdadeiramente religiózas, como o Sr. J. Metcalf e vós, escapadas da secura protestante, vão buscar, nos santuários católicos, o equivalente provizório dos

1. Devemos o conhecimento désta carta inédita à obzequiózidade do nósso concidadão Sr. Léon Simon. — R. T. M.

2. 26 de Julho de 1855. — Jórge Lagarrigue.

templos pozitivistas que fáltão-nos, dezenvolvendo a tendência da Vírgem-Mãi a reprezentar a Humanidade. Éssa afinidade, que será breve sentida por toda parte, déve primeiro manifestar-se no meio da anarquia americana, onde o catolicismo, espurgado de suas viciózas aspirações à dominar, recomenda-se sobretudo mediante o seu culto, único apto até nós para dirigir o surto habitual do sentimento.

Acabo de terminar o opúsculo prometido no fim da minha última circular, e espéro que a impressão, já começada, permitir-me-á de o publicar em meiados de Agosto. Esse *Apelo aos Conservadores* (de cerca de 160 páginas in-8º) indica especialmente a aliança religióza, cuja oportunidade espontânea entre o pozitivismo e o catolicismo esses precedentes móstrão. Aurindo ahí os meios de guiar a cooperação essencial que vos cabe néssa santa liga, sereis então conduzido a sentir a importância particular de um dígno contato com os jezuítas, dos quais emana, prezumo, a principal direção do movimento católico na América.[1] Sentireis assim que os seus sucéssos prepárão os nóssos, pois que as conversões dos protestantes ao catolicismo são, no fundo, os milhóres encaminhamentos para o pozitivismo, único ápto a satisfazer as necessidades morais que suscitão éssas transformações. De mais, os contatos católicos dévem permitir-vos propagar a religião pozitiva na América meredional, e primeiro no México, onde as mulhéres, e mesmo os padres, poderão acolhê-lo, segundo as informações de um dígno pozitivista hespanhol, que acaba de vizitar esse país. A adição que acabo de fazer, para a sétima edição do *Calendário pozitivista*, da admirável Índia Marina, como adjunta de Joana d'Arco, déve fornecer, em tempo oportuno, gérmens de adezão na desgraçada raça mexicana, assim dispósta a sentir que ocúpão-se déla em Paris. Uma doutrina na qual tudo se prende entre si, abunda em meios especiais de

1. O nósso MÉSTRE refére-se aqui aos Estados Unidos da América do Nórte. — R. T. M.

penetrar por toda parte ligando ao conjunto cada parte localmente apreciada, como se póde sobretudo vê-lo, para a América espanhóla, quanto ao cazamento dos padres, que se acha aí universalmente dezejado, ao passo que o pozitivismo é o único ápto a instituí-lo dignamente. (Edição de Jórge Lagarrigue p. 23 a 24; — edição dos testamenteiros de nósso MÉSTRE, ps. 172 a 173.)

APELO AOS CONSERVADORÈS.

Tradução e nótas de Miguel Lemos.

(ESTRATO)

I. *Sistema de contemplamento*[1]. — Cumpre primeiro transformar a hipocrizia oficial em uma digna tutela para com os teologistas quaísquér, porpocionando as atenções aos serviços. Ésta justiça não póde emanar sinão das almas tão desprendidas do sépticismo modérno, como do antigo dogmatismo. Então o catolicismo, conquanto esteja irrevogavelmente classificado entre as seitas desde que perdeu a iniciativa ocidental, recuperará a veneração devida ao conjunto de seus serviços, superando as repugnâncias por toda parte provenientes de uma luta agóra terminada.

Por um lado, a influência católica ficará espontâneamente purificada em virtude da supressão do orçamento eclezíástico, à qual o protestantismo oficial não poderá certamente sobreviver, mas que não ha de extinguïr de subito um culto aínda sucetível de eficácia. A dicíplina episcopal, que por toda parte degenerou em influência material, cessará de comprimir as tendências dos dígnos sacerdótes, secundados pela maioria das mulhéres, para o estabelecimento de um poder espiritual verdadeiramente independente de todo poder temporal. Então um culto transformável obterá sobre um dógma fanado a preponderância empírica que déve preparar a acendência sistemática atribuída pelo pozitivismo ao elemento afetivo da religião.

1. No francez: *système de ménagement*. — *M. L.*

Ao mesmo tempo, os apóstolos da Humanidade repararão a injustiça dos três últimos séculos para com a síntese católica, mostrando nésta a elaboração complementar em que o teologismo progressivo preparou o advento da fé final, esboçada sob o teologismo conservador. Os espíritos plenamente emancipados farão reconhecer por toda parte que a fé peculiar à idade média não oferéce outra irracionalidade sinão a que rezulta necessáriamente da onipotência divina. Admitindo o dógma fundamental do monoteismo, os protestantes e os deístas não se áchão de módo algum autorizados a criticar as crenças secundárias que ezigia a aplicação ocidental desse dógma afim de separar os dois poderes, e que o islamismo só evitou consagrando a confuzão inicial. Por mais repugnância que éssas instituições inspírem à razão modérna, todos os grandes hômens da idade-média souberão espontâneamente sobrepujar as dúvidas que élas devíão sempre sucitar, fazendo justamente prevalecer o destino moral e social délas. Similhante motivo déve hoje fazê-las sistemáticamente respeitar pelos verdadeiros filózofos, que, não tendo mais que discutir a realidade délas, se limítão a proclamar sua utilidade. É unicamente o pozitivismo que póde proporcionar ao catolicismo uma dígna rehabilitação, sobretudo no tocante ao passado, mas tambem para toda a geração atual. Apezar dos imortais esfórços da escóla retrógrada à qual o século décimo-nôno deveu uma nóbre inauguração, a justa defeza que éla fês do catolicismo foi tão alterada pela sua opozição ao progrésso que só os pozitivistas compreendêrão e sancionárão éssa defeza completando-a.

Julgo dever especificar ésta consagração indicando o contraste que aprezentão os pozitivistas e os protestantes relativamente á apreciação da óbra-prima católica. Os pretendidos reformadores provárão sua incompetência religióza, tanto pelo seu desdem do incomparável rezumo do monoteismo ocidental, como prescrevendo a leitura universal e diária dos livros sa-

grados do judaismo. Mas o pozitivismo, além de justificar a antiga prohibição, é mas capás do que o catolicismo para incorporar a si o místico esboço em que a moral teórica e prática recebeu, em virtude do conjunto da idade-média, a miihór idealização compatível com a síntese provizória.

Concedendo sua principal veneração ao módo normal do monoteismo ocidental, os conservadores dévem sinceramente respeitar, segundo a extensão e duração das igrejas correspondentes, as fés incompletas que não comportavão uma verdadeira consistência. Atribuíndo a todo crente a infalibilidade negada aos papas, cada uma déssas fés estimula o orgulho e a vaidade até as raias da loucura, ao passo que impele a inteligência a divagações ilimitadas sobre questões insoluveis. Mas conquanto todos os protestantes fiquem assim classificados entre os revolucionários, a inconsequencia que os carateriza lhes permite tambem serem verdadeiramente retrógrados, graças a tendencia de cada um deles a repelir toda emancipação mais adiantada do que a propria. Esta dispozição torna-se um merito, aos olhos do verdadeiro filozofo, quando ela dimana realmente da necessidade de evitar a anarchia, para a qual os ocidentais forão gradualmente arrastados ao sahirem do catolicismo. Similhante regra conduz a colocar os episcopais acima dos presbiterianos, como tendo alterado menos a diciplina e conservado mais o culto, quaisquer que sejão aliás os golpes vibrados contra o dogma. Sem duvida, a distinção desses dois graus se tornará mais aparente do que real, logo que o clero protestante, tendo perdido toda supremacia oficial, fundar sua subzistencia sobre livres subsidios. No entanto, a experiencia já mostrou que, entre os ocidentais mais atrazados, onde a iminencia da anarchia faz apreciar melhor as tendencias organicas, os episcopais podem, mediante esse modo, superar realmente os presbiterianos.

No ultimo rango da escala teologica devem ser

hoje colocadas todas as seitas indisciplinaveis que, sob a vaga denominação de deistas, panteistas, e mesmo ateistas, só concordão, mantendo a síntese absoluta, em privá-la de todas as suas garantias mentais e morais. Quando essas fés sem culto se tornão assás intensas para evitar o estado puramente negativo, conservão-se tão improprias a congregar como a regular, e só conseguem consagrar o individualismo completo. Mais hostis do que todas as outras á religião pozitiva, essas almas, felizmente ecepcionais, aspirão ao mais profundo retrocesso, sonhando a confuzão, teocratica ou pedantocratica, dos dois poderes provizoriamente separados na idade-media.

2ª *Aliança religióza.* — O sistema de contemplamento, instituído pelos verdadeiros conservadores, receberá seu complemento normal na nóbre liga que os pozitivistas dévem organizar entre todos os teologistas dignamente compenetrados da necessidade de reconstruir a disciplina espiritual. Toda alma que sente a urgência de fazer prevalecer habitualmente a moral sobre a política, e de subordinar a atividade material à cultura simpática, póde, seja qual fôr sua crença, concorrer para a recoustrução religióza. Basta-lhe colocar o fim acima dos meios para apreciar o poder e a dignidade do impulso dimanado do pozitivismo no sentido da religião universal, no meio de uma incomparável anarchia. Visto a irrevogável dispersão das crenças sobrenaturais, nenhuma seita póde daqui em diante adunar as outras, e este izolamento anula os principais esfórços respetivamente tentados contra as tendências irreligiózas. Não é possível instituïr a convergência das forças espirituais sinão mediante a única fé que póde acolher cada uma das síntezes provizórias como um afluente espontâneo da religião universal.

Ésta aptidão do pozitivismo a ligar ativamente todas as almas religiózas para superar o conjunto dos instintos irreligiózos déve ser sentida sobretudo pelas mulhéres, mais bem prezervadas, ao menos entre os

católicos, das viciózas preocupações da inteligência. Dirétamente impelidas a fazar prevalecer por toda parte as necessidades morais, élas reconhecerão que, referindo tudo a Humanidade, a unidade se tórna mais compléta e mais estável, do que esforçando-nos por ligar tudo a Deus. A cultura continua do coração, admiravelmente esboçada pelo empirísmo católico, adquire mais consistência e estensão pela sistematização pozitivista. Instituíndo o dualismo entre o corpo e o cérebro, a nóva síntese supera ao mesmo tempo o materialísmo e o espiritualísmo, cujas pretenções legítimas se áchão assim conciliadas sem nenhuma consagração de seus vícios respetivos. Mas ésta aptidão não póde agóra ser bastante sentida sinão pelas inteligências naturalmente izêntas das divérsas prevenções teóricas.

Para que a liga religióza seja dignamente instituída, impórta que, desde o começo, éla fique tão acessível aos mussulmanos como aos cristãos, afim de caraterizar a obrigação de conciliar os dois módos segundo os quais a universalidade foi provizóriamente esboçada. Si bem que o islamismo tenha consagrado a confuzão dos dois poderes, ele se aprossíma mais do catolicismo do que o protestantismo, que se esforça por destruïr a divizão que encontrou estabelecida. Ésta só foi escluída no Oriente por ser incompativel com o destino social que devia prevalecer aí. Os mussulmanos bastante adiantados para sentírem a urgência atual désta separação merécem, depois dos dígnos católicos, o primeiro rango na santa liga que déve realizá-la por toda parte. Este preciozo concurso tórna incontestável o privilégio do pozitivismo para a preziuência contínua de tal associação, que, a princípio estendida às duas metades do mundo romano, anuncia o advento decizivo da religião universal.

Sob a condição única de admitir, como princípio fundamental, a separação normal dos dois poderes humanos, todas as almas verdadeiramente religiózas dos

dois séxos, pódem utilmente concorrer para a grande construção que ha de caraterizar o século atual. A prezidência pozitivista compórta aí uma dígna assistência da memorável corporação que dirigiu o último esforço do catolicismo para reorganizar o poder espiritual através das uzurpações temporais. Quando todo recéio de retrogradação estivér suficientemente dissipado, os apóstolos da Humanidade dezenvolverão, para com o jezuitismo, as simpatias anunciadas pela verdadeira filozofia da história e consagradas no culto que éla já produziu. Ao mesmo tempo, os verdadeiros órgãos do catolicismo modérno, renunciando ao domínio oficial, que desnaturava suas tendências sociais, retomarão, sob milhóres bazes, a admirável tentativa de seu eminente fundador para instituïr a independência espiritual de um dígno sacerdócio. É assim que o culto especial da Vírgem, póde ser em bréve transformado de maneira a preparar as populações católicas para a adoração universal da Humanidade, sob o impulso gradual dos pozitivistas assistidos pelas mulhéres e pelos jezuítas regenerados.

Tal transformação, espontâneamente dimanada, no século das cruzadas, de uma reação contínua da cavalaria sobre o catolicismo, foi admiravelmente dezenvolvida, confórme ao instinto ocidental, durante a primeira faze da revolução modérna. Mas a esplozão protestante veio bruscamente romper éssa progressão, de um módo diréto nos divérsos heréticos, que não se áchão de acôrdo sinão em destruïr todas as tendências sociais do antigo culto, e mesmo indirétamente entre os fiéis, daí por diante preocupados com o dógma para prevenir a anarchia. Não obstante, o nóbre entuziasta que fundou o jezuitismo esforçou-se para retomar a construção cavalheirèsca referindo ao culto virginal a restauração intentada. Quando esse esforço abortou, como incompatível com a sitüação ocidental, o que éra uma nóbre aspiração degenerou em bréve numa hipocrizia opressiva e de-

gradante : o santo movimento que rezultou da idade -média não foi mais secundado por um sacerdócio desde então preocupado de si mesmo. Entretanto, a tendência primitiva éra tão conformе ao instinto modérno que nunca cessou de dezenvolver-se no seio das populações prezervadas do protestantismo, sob o impulso espontâneo do séxo que se sentia assim subindo ao seu verdadeiro rango. A adoração de Deus foi sendo gradualmente eliminada sob o culto da deuza dos cruzados. Sistematizadas pelos ignaciânos sob a inspiração pozitivista, estas dispozições não tardarão em vencer as rezistências, tanto protestantes como sépticas, que entrávão agóra o surto decizivo da religião universal.

Ségue-se daí que o catolicismo déve hoje constituïr, na maioria das evoluções individuais, a milhór preparação para o pozitivismo, do qual ele foi coletivamente o precursor necessário. Conquanto a religião universal não pudésse surgir sinão depois de uma compléta emancipação, éla só será plenamente apreciada, afóra os cazos ecepcionais, pelas almas que não têm cessado nunca de cultivar o sentimento para instituïr a unidade sob o mais perfeito dos módos provizórios. Os que saem do catolicismo sem se desprender de todo teologismo se tórnão ordinariamente indiciplináveis, como aqueles cuja emancipação só da em rezultado duvidar ou negar. Cumpre hoje dezejar, em prol do bem público e da felicidade privada, que as almas se consérvem católicas até que se tórnem pozitivistas, evitando todo septicismo. Os ezemplos individuais déstas conversões normais em que o coração impulciona o espírito para a religião social, já indícão a eficácia coletiva que déve dezenvolver em bréve similhante marcha entre as populações mais dispóstas para o pozitivismo.

Tais são os dois módos conéxos segundo os quais os dígnos retrógrados pódem tornar-se hoje os milhóres auxiliares dos verdadeiros conservadores, afim de secundárem a regeneração ocidental por meio de uma aliança religióza fundada sobre um sistema de contemplamento. A rezistência que eles oferécem ao progrésso não é de módo algum absoluta : éla apenas rezulta de uma solicitude demaziado empírica provocada pelas tendências subversivas. Além de que a fé por eles professada fás diretamente prevalecer o aperfeiçoamento moral, que é o único que compléta e rezume os milhoramentos quaisquér, seus hábitos acólhem e secúndão o dezenvolvimento material, que se lhes antolha izento de anarchia, posto que ele sucite todos os outros surtos. Adotando os dois termos estremos da escala do progrésso, os retrógrados não repélem sinão o duplo intermediário que rezulta do movimento intelectual e político. Eles não esquecêrão, porém, que, no século décimo-oitavo, seus próprios antepassados participárão do entuziásmo universalmente dezenvolvido pelo conjunto das aspirações renovadoras. Assim, o regímen estinto não inspira hoje verdadeiras predileções sinão pela sua aptidão, aínda escluziva, a reprezentar as condições fundamentais da órdem humana, para compensar os impulsos subversivos que até aqui prevalécem cada vès mais entre os modérnos. Quando a ativa preponderância dos conservadores tiver tranquilizado suficientemente a sociedade acerca da anarchia, o elemento aristocrático e o elemento feminino do partido retrógrado serão espontâneamente conduzidos a secundar os pozitivistas no advento da regeneração ocidental.

Os dígnos aristocratas respeitarão a doutrina que, fazendo irrevogávelmente predominar a continuidade sobre a solidariedade, sistematiza o culto universal dos antepassados, privados e públicos. Eles sentirão o poder orgânico de uma sínteze que, reprezentando o progrésso como o dezenvolvimento da órdem, fás consistir a regeneração ocidental em diciplinar todas as forças humanas. Por seu lado, as mulhéres apreciarão a moralidade da única fé capaz de identificar a felicidade e o dever, colocando aquéla e este no ezercício contínuo dos instintos simpáticos, mediante o impulso

conéxo da vida privada e da vida pública. Sem renunciárem às convicções provenientes de sua educação e de seus hábitos, élas reconhecerão que a imortalidade subjetiva, fundada sobre o altruísmo, é superior a uma resurreição objetiva, em que prevaléce o egoïsmo. Eis aí como os dois elementos essenciais do purtido retrógrado ficarão gradualmente dispostos e impelir a póssima geração para a fé que redús toda a evolução humana à lei : *O hômem tórna-se cada vês mais religiozo.* (APELO AOS CONSERVADORES. *Tradução e nótas* de Miguel Lemos, ps. 107 a 121.)

1ª Carta a *John Metcalf*, em New-York

Paris, jovedia 3 de Aristóteles de 68. (1)

Meu caro dicípulo,

A vóssa carta de 5 de Homéro, que recebi lunedia, satisfez-me profundamente confirmando as esperanças que me inspiravão as informações do vósso eminente amigo Sr. Edger. Estou especialmente comovido com as vóssas dígnas homenágens para com a angélica padroeira [2], *que foi só que permitiu-me transformar a filozofia pozitiva em Religião da Humanidade.* A sincera apreciação déssa santa influência fornéce-me o milhór sinal da plenitude das conversões pozitivistas.

Devo aprovar muito as vóssas relações nacentes com os católicos de New-York e os esfórços que fazeis para trazê-los à verdadeira fé. O meu recente *Apelo aos Conservadores*, que já lestes provavelmente, especifica a afinidade espontânea entre o catolicismo e o pozitivismo, caraterizando a sua aliança religióza para reorganizar o Ocidente. A continuidade que sistematizamos abriga-nos a merecer de ser livremente reconhecidos, pelos nóssos predecessores, como os verdadeiros herdeiros dos católicos da idade-média, cujo programa

1. 28 de Fevereiro de 1856. — R. T. M.
2. Clotilde de Vaux. (Os grifos são désta tradução). — R. T. M.

vimos realizar, regulando, como eles, a vida humana, mediante o sentimento, porém com uma milhór doutrina e em uma situação mais favorável. Si, mesmo aqui, apezar de todas as alterações que lhes suscita uma vã ezistência oficial, os católicos parécem-me mais bem preparados ao pozitivismo do que todos os outros contemporâneos, devo mais esperar dos da vóssa cidade, que, colocados no meio de uma população hostil, não pódem aspirar a dominar e estão, assim, dispostos a dezenvolver dirétamente a eficácia moral da sua religião. Conquanto, por isso mesmo, a sua conversão não póssa comportar a importância que oferecerá a das massas católicas da Europa meridional, éla oferéce mais facilidade e permite um inicio mais pronto da santa liga, que déve congraçar os católicos com os pozitivistas contra os protestantes.

Nas instruções que dezejais a este respeito, recomendo-vos um contato especial com os jezuitas, que são, a todos os respeitos, os milhóres órgãos e defensores do catolicismo. Eles dévem estar, em New-York, espontâneamente espurgados dos vicios que a esperança de dominar lhes inspira em Paris. São eles, entre os católicos, os que pódem milhór apreciar a aptidão do pozitivismo para a reconstrução do poder espiritual, vãmente tentada pelos fundadores do jezuitismo. Qualificando-os de ignacianos, lembro que o nósso calendário dignamente glorificou o seu chéfe, e os liberto de um nome tão viciozo em si-mesmo quão geralmente dezacreditado. Porém os vóssos esfórços junto deles, como em relação aos católicos quaisquér, dévem sempre ficar puros de concessões capazes de sustentar ou reanimar a suas dispozições habituais à dominação. Eles não nos pódem servir sinão como auxiliares, aceitando a nóssa prezidência, depois de havêrem livremente reconhecido a nóssa superioridade, sobretudo moral, segundo a proclamação deciziva que começa o prefácio do *Catecismo pozitivista*, e que especialmente lembrei na minha sétima circular que vos enviei a 1º de Homéro.

Qualquér outra atitude para com eles só acabaria em contactos estéreis, que, consumindo o vósso tempo e as vóssas forças, poderião diminuir o vósso zêlo por dezapontamentos faceis de prevenir já.

Para que a vóssa conduta seja mais bem apanhada, pósso assimilá-la a que segue, para com o campo oposto, o vósso eminente amigo, no ecelente opúsculo que recebi a 28 de Moizés e pelo qual peço-vos de felicitar, em meu nome, esse nóbre dicípulo, que, me confirmou, assim, as altas esperanças rezultantes do conjunto das suas cartas e da sua conduta desde que o conheço. Proclamando embóra com energia as suas justas repugnâncias para com os dógmas peculiares aos anarquistas que o cercão, ele dignamente defendeu éssas almas estraviadas contra as calunias interessadas dos seus adversários oficiais. Deveis prestar aos vóssos católicos um serviço equivalente contra as hostilidades protestantes. Déssa maneira, os meus dois eminentes dicípulos americanos terão já realizado o plano de conduta indicado no meu *Apelo aos Conservadores*, no qual os pozitivistas alião-se parcialmente, de um lado aos retrogrados e de outro lado aos revolucionários, dominando igualmente ambos os campos. É precizo, fazendo por toda parte sobresaïr quanto diferimos dos católicos, que saibais sempre reprezentá-los como mais recomendaveis do que os protestantes.

A teoria subjetiva de Deus permite-nos tudo conciliar sem concessão, mostrando que as crenças teológicas fôrão instituições espontâneas da Humanidade, para crear-se, na sua infância, guias imaginários, que a especie preponderante não podia achar na órdem real. Os nóssos precursores imediatos, os enciclopedistas do último século, retidos, pela metafizica, no ponto de vista puramente individual e, desde então, incapazes de sentimentos históricos, tinhão viciózamente atribuido éssas crenças a legisladores incrédulos, que tê-las-hião forjado para dominar. Póde-se entretanto passar desse falso sistema para a apreciação

normal substituindo a espécie ao indivíduo, de maneira a reprezentar o pretenso Creador como uma verdadeira criatura, não do hômem, mas da Humanidade, cujas instituições tem o poder de submeter a razão pessoal com tanto império como as leis exteriores do Destino universal. Assim, os pozitivistas hônrão, segundo os tempos e os lugares, primeiro os deuzes, depois o seu único herdeiro, a título de creações provizórias do Grão-Ser. Quanto ao último estado do catolicismo, eles dévêm especialmente glorificar a Vírgem como o precursor místico da Humanidade. O seu culto será facilmente transformado de maneira a trazer as almas católicas, sobretudo femininas, à adoração pozitivista. É sobretudo dirigindo éssa tranzição que os jezuítas, regenerados em Ignacianos, poderão ajudar-nos a reorganizar o Ocidente, contanto que reconhêção a superioridade normal da Religião fundada na ezistência natural dos pendores benévolos, que o catolicismo foi forçado a negar para fazer plenamente prevalecer o Egoïsmo divino.

Todo vósso

AUGUSTO COMTE

(10, rue Monsieur-le-Prince.)

7ª carta a Henry Edger:

Paris, jovedia 3 de Arqdimédes de 68 (1)

(Estrato)

. . . . . .

Quanto ao conselho que me pedis sobre o projéto do vósso dígno amigo John Metcalf de cazar-se com uma católica, penso, em geral, que esse meio póde mais fornecer-lhe uma verdadeira companheira do que o meio protestante, deísta, ou séptico, em uma palavra revolucionário em qualquér gráu. Insisto, porém com

1. 27 de Março de 1856. — R. T. M.

ele, como fiz recentemente para com o conjunto de suas relações com os católicos, em garantir-se contra as tendências dominadoras do catolicismo, mesmo entre as mulhéres. Ele póde, a este respeito, pôr a próva a sua companheira projetada, propondo-lhe, em conseqüência da própria condecendência dele para com o cazamento católico, a aceitar a consagração pozitivista, que consiste sobretudo no compromisso da viuvês etérna, dóravante precedida do casto preâmbulo cuja primeira celebração (a 12 de Outubro de 1855) indiquei-vos, à qual sucedeu recentemente (a 6 de Março de 1856) a tocante ceremônia em que finalmente uni o par proletário. Si a futura não quizésse aceitar éssas duas condições, dóravante inseparáveis, seria imprudente despozá-la, como especialmente o indiquei na *Política Pozitiva* para com os cazamentos mixtos. Em todo cazo, eu não poderia então conceder a celebração religióza, restando a limitar-se ao cazamento civil (sauf à s'entenir au mariage civil.) (Edição de Jórge Lagarrigue, ps. 39 a 40. Edição dos testamenteiros, p. 186.) [1]

2ª Carta a J. Metcalf.

Paris, lunedia 7 de Gutemberg 68 (2)

(Estrato)

.....É chegado o momento de realizar o vóto que formava em 1841, em uma nóta da minha *Filozofia pozitiva* (tomo V, página 327), de concentrar as discussões filozóficas e sociais entre os católicos e os pozitivistas, afastando, de comum acordo, todos os metafísicos ou negativistas (protestantes, deístas, e séptico s) como radicalmente incapazes de cooperar na construção que déve distinguïr o décimo-nôno século

1. 18 de Agosto de 1856. — R. T. M.

2. No fim da mesma carta, ps. 40, e 187, nósso Méstre dís que « na celebração de 6 de Março de 1856, solenemente condensou o pozitivismo na sentença deciziva : *A submissão é a baze do aperfeiçoamento.* »—R. T. M.

do décimo-oitavo. É precizo agóra urgir com todos os que crêem em Deus a voltar ao catolicismo, em nome da razão e da moral; ao passo que, pelo mesmo título, todos os que não crêem nele dévem tornar-se pozitivistas. Durante a geração que déve terminar a revolução ocidental pela reorganização espiritual, o módo normal consistindo em que a mássa ficasse ou se tornasse católica, as almas de elite chegando ao pozitivismo conduzirião milhór o movimento. Conquanto não se póssa esperar que éssa nitidês de situação se realize no meio britânico ou germânico, devemos, todavia, fazer sempre sentir quanto o protestantismo, sob todos os seus módos, é contrario ao século da construção. Si, como o espéro, a França dezenbaraçar-se do orçamento ecleziástico, será em bréve fácil combinar os católicos com os pozitivistas contra os negativistas quaisquér. (Edição de Jórge Lagarrigue, p. 81, edição dos testamenteiros, p. 337).

Eis a *nóta* a que nósso MÉSTRE se refére, na carta precedente.

« Naci no catolicismo: porém a minha filozofia está por certo assás caraterizada dóravante para que ninguem póssa atribuïr a tal acidente a minha predileção sistemática pelo aperfeiçoamento geral que o organismo social recebeu, na idade-média, sob o acendente político da filozofia católica. A dizer a verdade, haveria, creio eu, importantes vantágens em concentrar hoje as discussões sociais entre o espírito católico e o espírito pozitivo, os únicos que pôssão agóra lutar com fruto, como tendendo âmbos a estabelecer, sobre bazes diferentes, uma verdadeira organização: eliminando, de comum acordo, a metafízica protestante, cuja intervenção não serve mais sinão para gerar estéreis e interminâveis controvérsias, radicalmente contrárias a qualquér sã concepção política. Porém a universal infiltração, mesmo nos milhóres espíritos atuais,

déssa vã e versátil filozofia, e tambem a maneira deinaziado estreitíssima pela qual o catolicismo é agóra compreendido pelos seus mais eminentes partidários, mal me permitem esperar tal milhoramento real, quando mesmo a escóla pozitiva, até aqui essencialmente reduzida a mim só, estivésse já, em política, suficientemente formada. (CURSO DE FILOZOFIA POZITIVA, tomo V, ps. 326 a 327. — Volume saído em Maio de 1841, data da *advertência do editor*.)

Apelo aos Ignacianos

Cartas a Alfredo Sabatier

(Extratos) [1]

(Primeira carta)

AO SR. ALFREDO SABATIER EM GÊNOVA.

Paris, Marnéda 8 de Shakespeare de 68 (17 de Setembro de 1856).

Meu caro Dicípulo,

Para fazer-vos milhór apreciar a missão que a vóssa nóbre carta de 22 de Gutenberg (chegada sabado último) nóbremente aceitou junto ao geral dos juzuítas, devo primeiro indicar o projéto que comuniquei recentemente à Sociedade pozitivista. Depois distinguirei neste a única parte que deva dele declarar o vósso ofício atual.

Ha três séculos, o geral dos jezuítas constitúi o verdadeiro chéfe do catolicismo, o papa estando irrevogavelmente reduzido ao estado de um simples príncipe italiano, electivo em vês de ser hereditário como os outros. Embóra éssa situação não esteja oficialmente reconhecida, éla manifesta-se de mais em mais a medida que a necessidade da reorganização espiritual dezenvolve-se no Ocidente, e sobretudo no povo central (françês). Eis porque, quando os quatro volumes da minha *síntese subjectiva* (cujo primeiro vai brevemente aparecer [1]) estivérem inteiramente publicados, escreverei, no ano seguinte (em 1862), um *Apelo aos Ignacianos*, no qual convidarei o seu geral a proclamar-se chéfe espiritual dos católicos, declarando o papa príncipe-bispo de Roma (como na célebre carta de madame Roland), deixando-o entender-se com os seus *subditos* como o podérem. Para consumar éssa proclamação, o geral ignaciano seria publicamente convidado, pelo fundador do Pozitivismo, a vir rezidir em Paris, onde garantir-lhe-ia, em nome dos verdadeiros republicanos, uma plena liberdade de ação social. Todos os que pretendem dirigir o Ocidente dévem habitar a metropoli humana, séde única dos impulsos verdadeiramente eficazes; eles dão a sua demissão fugindo déssa moradia, ao lado da qual Roma e Londres são cidades de provincia, sem influência diréta sobre a regeneração ocidental.

Afim de preparar éssa situação, na qual o catolicismo e o Pozitivismo estarão dirétamente em concurrência deciziva para o acendente espiritual, eliminando, de comum acordo, o protestantismo, o deísmo, e o septicismo (os tres gráus da moléstia modérna), é precizo agóra obter a inteira abolição do orçamento eclezíastico, e forçar todos os padres a vivêrem, como eu, dos livres subsídios dos seus adherentes respetivos, segundo o típo americano, que é o único que convêm à trazição final. Tal é o *único* objéto da vóssa missão atual, na qual procurareis fazer compreender quanto éssa medida seria favorável aos jezuítas, sobretudo em França, onde a atenção deles acha-se cada vez mais concentrada, a Hespanha e a Italia estando já dominadas por congregações anteriores, e aliás incapazes de

1. *Revue Occidentale* 1ª serie 98—1886, tomo 17, p. 73 — R. T. M.
LETTRES D'AUGUSTE COMTE à divers, publiées par ses exécuteurs testamentaires. Tome premier, deuxième partie, ps. 359 à 373. — R. T. M.

1. Sahiu no lunedia 17 de novembro de 1856. (Carta a Edger. Ed. de Jórge Lagarrigue, p. 51. Ed. dos Testamenteiros, p. 195.) — R. T. M.

iniciativa social. Desde a sua orígem, eles fázem vãos esfórços para colocar-se à tésta do cléro francez, no qual os bispos tem sempre neutralizado até aqui o acendente espontâneo deles. A diciplina episcopal tendo se tornado puramente material, a supressão do orçamento bastará para dissolvê-la sem nenhum schisma, porque os padres são hoje menos dispostos a respeitar os seus superiores do que os militares para com o seu coronel: só a pressão financeira os faz obedecer ao poder oficial. Tal emancipação, que aliás terá em breve reduzido o cléro francez ao quarto de sua estensão atual, o grupará sob os jezuítas, únicos coherentes, e já familiarizados com a auzência do orçamento legal.

Ao mesmo tempo, é precizo esplicar ao geral ignaciano o concurso especial que o chéfe dos pozitivistas lhe péde neste assunto. Reclamei publicamente a supressão total do orçamento teórico, não sómente teológico, mas também metafízico, e mesmo scientífico, como condição preliminar da elaboração regeneradora. Coforme os preconceitos atuais, éssa triplice supressão, que deveria ser simultânea, será provavélmente sucessíva, e seguirá a órdem invérsa da que eu preferiria: éla começará pelo orçamento dos cultos, como mais onerozo e sobretudo mais antipático. Porem uma dígna iniciativa não póde, a esse respeito, vir sinão dos padres católicos mesmos, sem o que a medida pareceria hostíl ao catolicismo. Eis porque dezejo que os jezuítas vênhão espontâneamente apoiar o pedido solenemente proclamado no tomo final da minha principal óbra. (Política Pozitiva).

Tais são as duas considerações conéxas que deveis esplicar ao chéfe ignaciano, sem nada dizer-lhe da proposta mais ouzada que far-lhe-ei publicamente dentro de seis anos, e da qual ficaria agóra assustado. Si, daqui até lá, pudermos, com a sua assistência, obter a plena liberdade espiritual, o mais difícil estará feito. Os pozitivistas e os católicos pódem já concertar-se dignamente, afim de obrigar, em nome da razão e da

moral, todos os que crêem em Deus a tornar-se outra vez católicos e todos os que não creêm a tornar-se pozitivistas, o século da construção não devendo comportar luta sinão entre doutrinas verdadeiramente orgânicas, eliminando todos os puros críticos como tão atrazados quanto perturbadores.

. . . . . .

Todo vósso

Augusto Comte.
(10, rue Monsieur-le-Prince).

Ao Sr. Alfredo Sabatier,
Em caza do Sr. Profumo,
Piazza Raibetta, Genova (*Estados Sardos*).
(*Revue Occidentale*, tome XVII, 38—1886, ps. 73 a 78).

Sobre o protestantismo francez.
Dedicatória do Tomo I, único publicado,
da
SÍNTEZE SUBJETIVA
A venerável memória
do meu milhór Méstre matemático,

Daniel Encontre,

nácido, no ano de 1762, em Nimes,
falecido, a 16 de setembro de 1818, em Montpellier;
Professor de Dógma e Decano da Faculdade de Teologia Protestante de Montauban.
Paris, domingo 6 de Shakespeare de 68 (14 de Setembro de 1856).

Meu venerado Méstre,
(Estrato)

. . . . . .

....Acho-a (a principal explicação da insuficiência do dezenvolvimento de Daniel Encontre) no conjunto

da pressão exercida sobre vós, sob o impulso paterno, pelo protestantismo francez, que, ha tres séculos, nunca produziu um pensador eminente, conquanto nóbres gérmens tenhão devido frequentemente surgir em uma classe tão cultivada quanto numeróza.

Como nenhuma grande vocação intelectual se póde verdadeiramente dezenvolver sem um suficiente destino social, similhante anomalia deveu rezultar até agóra do izolamento sempre peculiar aos vóssos correligionários no seio do povo central, onde eles nunca formárão sinão uma vasta *coterie*. Nas populações que o protestantismo, episcopal ou presbiteriano, pôde dominar oficialmente, a condição fundamental foi assás preenchida para fazer surgir dignamente poderózas inteligências, tanto poéticas como filozóficas. Mas, entre nós, ele nunca pôde incorporar-se ao movimento nacional, quér mental, quér social, que foi sempre dirigido, sobretudo na metrópole, pelo conjunto dos antecedentes, espirituais e temporais, gradualmente dimanados da idade-média. Dahi rezultou a pozição ecepcional dos protestantes francezes, cuja atitude politicamente passiva se achava naturalmente agravada pelas suas inclinações aristocraticas, diretamente contrárias ás tendencias nacionais. Todavia, similhante situação devia coletivamente compensar a consagração individual por eles dada á confuzão radical dos dois poderes sociais. Impelidos a conciliar a emancipação e a diciplina, sem terem realizado assás nem uma nem outra, eles não pudérão acolher nem o nósso abalo politico nem o movimento filozófico que o sucitou, porque ambos parecião unicamente negativos. Deixando esse duplo surto aos católicos emancipados, eles esperárão a doutrina capaz de subordinar o progresso á ordem, e concentrárão a sua solicitude social na manutenção dificil do equilibrio instavel que penozamente havião estabelecido em seu proprio seio.

A vossa ternura devia naturalmente repelir a secura do protestantismo, que fez necessariamente re-

trogradar para Deus a adoração que, desde o seculo das cruzadas, os Ocidentais tinhão cada vez mais transferido para a suave precursora espontanea da Humanidade. [1] Uma inteligencia como a vossa não podia radicalmente desconhecer nem a indivizibilidade normal do catolicismo, nem a inconsistencia teologica do protestantismo, rejeitando as consequencias em nome do principio. Ao mesmo tempo, a vossa razão, eminentemente pratica, devia sentir em berve a insuficiencia social de uma doutrina aspirando a perpetuar o regimen sobrenatural depois de ter destruido sistematicamente as suas instituições necessarias. No entanto, em falta de outra solução milhor, um zêlo verdadeiramente religiozo vos fez votar principalmente vossa vida a prezervar os vossos irmãos, sobretudo Francezes, do deismo e do septicismo, sustando a molestia ocidental no seu primeiro grau. As almas tão simpaticas quanto sinteticas devem naturalmente tender, em virtude de similhante oficio, para uma plena adoção pessoal das crenças habitualmente aplicadas á missão social que dezempenhão. É assim que a vossa alma, tão consentanea á pozitividade completa, que não podia surgir ainda, teve que perzistir sinceramente no estado teologico-metafizico, em que a pressão paterna não vos teria retido, porque éra contrária tanto aos ezemplos como aos princípios protestantes. Tal foi a principal fonte da santa obscuridade voluntaria em que essencialmente vivestes, salvo diversos opusculos efêmeros, que não podem indicar assás a vossa superioridade mental e moral. (*Noticia sobre a vida e os escriptos de* DANIEL ENCONTRE por Juillerat.—Tradução e nótas de Miguel Lemos. Publicação nº 178 do Apostolado Pozitivista do Brazil, Abril de 1898 — ps. XIX a XXII).

1. A Virgem-Mãe dos católicos. — R. T. M.

9ª Carta a *Henry Edger.*

A. M. H. Edger,
à Modern Times (Long-Island).

Paris, jovedia 17 de Frederico de 68. (1)

Meu caro dicípulo,

(Estrato)

. . . . . .

A única recomendação que uma leitura atenta e reiterada desse importante escripto[2] (segundo opúsculo de Henry Edger) me haja finalmente conduzido a indicar-vos, consiste no abuzo da qualificação de *católica* aplicada à nóva Igreja. Conquanto doutrina alguma póssa rivalizar com a nóssa para a universalidade, devemos deixar aos termos uzados a sua significação vulgar, sem remontar à accepção etimológica. Em lugar de conciliação, o habito que insisto convosco em retificar não poderia realmente produzir sinão uma dezagradável confuzão. Poderiamos intelectualmente qualificar-nos de *relativistas* e socialmente de *universalistas*, pois que são esses os dois atributos preponderantes da nóssa fé. Porem devemos sempre limitar-nos ao título de *pozitivistas*, no qual acabaremos por forçar o público ocidental a condensar todos os caractéres da nóssa religião. (Ed. Jórge Lagarrigue p. 49. Ed. dos Testamenteiros p. 193 a 194).

. . . . . .

Éssa proxima leitura (do Tomo primeiro da *Sínteze Subjetiva*) dispensa-me tambem de dirigir-vos outra couza a não ser justas felicitações quanto às dispozições dignamente conciliantes que adoptastes espontâneamente para com os teologistas sincéros, e sobretudo os verdadeiros católicos. O meu prefácio promulgou finalmente o vérso sistemático recentemente construido na ceremônia do último cazamento pozitivista (6 de Março) para caraterizar a atitude geral do pozitivismo durante todo o curso da tranzição orgânica :

Conciliante de fa'o, inflexivel em principio.

Segundo éssa dispozição, que eu não devia dezenvolver sinão depois de ter inteiramente instituído a religião universal, convido-vos a diminuir as dificuldades que esperimentais ha um ano em achar uma madrinha para a vóssa interessante Sofia-Clotilde. Em falta de uma pozitivista, não receieis escolher uma católica, ou mesmo uma protestante, contanto que éla seja sincéramente apegada à criança, e que aceite aliás a supremacia da fé final sobre as fés locais e provizórias consentindo na ceremônia para a qual vos enviei, o ano último, uma delegação especial. Eu mesmo fui forçado recentemente a dar aqui o mesmo conselho para um proximo cazo de aprezentação, à vista do pequenissimo número das senhóras verdadeiramente pozitivistas que temos até ao prezente, e das quais devemos aproximar as almas bem organizadas embóra espaculativamente atrazadas, fazendo dignamente prevalecer o mérito moral sobre as condições intelectuais. (*Ibidem.* Ed. Jórge Lagarrigue, ps. 51 a 52. Ed. dos Testamenteiros, p. 196).

1. 20 de Novembro de 1856. — J. L.
2. *The Positivist Calendar, with a brief exposition of religious positivism* by Henry Edger, Modern Times, 68-1856. — (J. L.). — Foi traduzido em portuguez por Miguel Lemos. — Vide publicação nº 26 da Igreja Pozitivista do Brazil, 1ª edição 1885, — 2ª edição Março de 1902. — R. T. M.

Carta de Augusto Comte a seu Pai.

Ao Sr. Louís Comte, em Montpellier.

(*Cópia conforme*)

Paris, Junedia 26 de Moizés de 69 (26 de janeiro de 1857).

Meu caro e venerado Pai,

(Estrato)

. . . . . .

Devo agora abordar uma consideração mais delicada e mais diréta, que reprezenta o adiamento (da vizita prometida a seu Pai) a que sou atualmente forçado como especialmente favorável à precióza reconciliação

cuja dígna iniciativa tomei, em 1855. Porque uma viágem demaziado proxima poderia involuntáriamente alterar esse feliz desfexo, dezenvolvendo os conflitos peculiares às nóssas opiniões respectivas, sobretudo religiózas, em relação às quais pósso, à distância e por escrito, guardar os comedimentos (ménagements) dificilmente compatíveis com uma cohabitação de algumas semanas. Embóra eu vos tenha sempre reconhecido naturalmente tolerante, tenho lugar de receiar que o mesmo não se dê com a minha irmã, a crêr eu a sua reputação local. Eis porque o meu médico e discípulo, que passou seis semanas em Montpellier no último verão, jamais ouzou fazer-vos a vizita que me havia a princípio prometido. Para comigo, o conflito seria mais grave e mais iminente, pois que sou o fundador da doutrina que ele sómente adotou após maduras deliberações.

Tal doutrina tem por principal privilégio poder, sem contradizer-se nem enervar-se, render a todas as outras plena justiça, da qual não déve jamais esperar o equivalente, naturalmente incompatível com o caráter necessáriamente absoluto délas. A religião da Humanidade encara todos os cultos anteriores como suas divérsas preparações espontâneas, *ainda úteis e mesmo indispensáveis, à imensa maioria das almas atuais*. Éla faz sobretudo apreciar o Catolicismo, último e principal precursor do Pozitivismo. Éssa simpatia caraterizou-se publicamente na minha construção do calendário pozitivista, onde todos os grandes nomes católicos são mais bem honrados do que jamais o havíão sido. A minha vida privada especialmente dezenvolveu éssas dispozições de gratidão e de veneração por um longo uzo quotidiano do milhór livro do Catolicismo (*a Imitação*). [1] Ha dez anos, releio tres vezes por ano éssa incomparável óbra, à razão de um capítulo cada manhã, lido primeiro no original, depois mediante a tradução em vérso de Corneille. Termino, cada Mercu-

1. *Imitação de Cristo*, por Thomas de Kempis.

ridia (quarta-feira), a minha afetuóza peregrinação hebdomadária [1] por meia hóra de piedóza estação na igreja de S. Paulo, [2] em lembrança especial da alta importância que a minha santa amiga [3] e eu sabíamos igualmente ligar ao nósso nacimento católico, que nos havia espontâneamente prezervado das divagações e flutuações protestantes.

Sabeis que, desde a idade de quatorze anos, tinha eu naturalmente cessado de crêr em Deus. Todos os meus estudos e reflexões ulteriores tem confirmado cada vez mais éssa libertação necessária, sem a qual o conjunto da minha carreira teria radicalmente abortado. Porem senti em bréve os gráves perigos, mesmo intelectuais e sobretudo morais, do estado puramente negativo em que éssa estréa me havia espontâneamente colocado. Os esfórços que sempre tenho feito para me reconstruir uma diciplina espiritual não me conduzírão a princípio sinão a fundar uma nóva filozofia sobre a combinação das divérsas siências reais. Eles acabárão por constituir, mediante éssa baze, a religião final, quando uma angélica influência (de Clotilde de Vaux) determinou assás a minha regeneração moral, fazendo irrevogavelmente prevalecer o coração sobre o espírito. Ha dez anos, esse estado definitivo de plena concentração religióza se tem dezenvolvido por fórma tal que pude gradualmente sucitar uma equivalente renovação em muitas almas por muito tempo retidas, como a minha, no septicismo compléto, em comum detrimento do bem público e da felicidade privada. A minha religião, ulteriormente destinada a todos, tórna-se hoje a de quem quér que não póde mais ter outra, o que constitúi um cazo frequentíssimo, e sobretudo muitíssimo importante, pois concérne à maioria dos chéfes ocidentais, e principalmente francezes, embóra o nósso

1. Vizita à tumba de Clotilde de Vaux, no cemitério Père Lachaise, em Paris. Cremos que ha aqui um equivoco; a julgar pelo *Testamento*, p. 10, déve ser *sábado* e não *mercuridia*.— R. T. M.
2. Na rua de St. Antoine, em Paris.
3. Clotilde de Vaux.

século os condene à ipocrizia enquanto eles permanéssem puramente sépticos ou negativistas.

Entre as almas verdadeiramente regeneradas, a religião pozitiva é diretamente destinada a regular a vida humana, tanto privada como pública, fazendo convenientemente prevalecer o sentimento sobre a inteligência e a atividade. Nós não diferimos dos católicos sinão em que a nóssa unidade se refere à Humanidade, ao passo que a deles se liga a Deus. Embóra a teoria póssa plenamente demonstrar a superioridade do novo sistema sobre o antigo, para as almas suficientemente preparadas, a prática déve só pronunciar entre os dois regímens, tornando os pozitivistas mais religiózos do que os teologistas quaisquér, em cada parte da ezistência terrestre.

Tal é a comparação que não póde deixar dóravante de dezenvolver-se, a medida que a situação atual fizer milhór apreciar qual doutrina póde realmente terminar o estado revolucionário pessoal, doméstico, e cívico, que cada vez mais nos arrasta para uma inteira anarchia, primeiro intelectual, depois moral, e finalmente material. Nos cinco anos que me sepárão ainda de vós, éssa apreciação estará, espéro eu, assás adiantada para que a justiça, que já coméção a fazer-me em toda parte, haja enfim penetrado até a minha família, sob numerózos e longínquos intermediários. Então, poderei dignamente rever o sólo natal, sem achar, mesmo em minha irmã, aluzões ferinas ou desdenhózas que não pósso nem devo suportar de ninguem, e que poderião hoje comprometer uma inapreciável reconciliação. Incompetentes para com os meus princípios, muitas almas sinceramente católicas, sobretudo femininas, limitão-se a julgar, mediante os seus rezultados morais, a doutrina universal, a cuja construção consienciozamente votei a mais compléta de todas as carreiras filozóficas. Não duvido que a mesma sabedoria empírica deva tambem proporcionar-me, em 1862, a justa deferência espontânea sem a qual o nósso contato diréto tornar-se-ia mais prejudicial do que útil à consolidação dos nóssos laços naturais.

Vósso filho respeitozo,

Augusto Comte.
(10, rua Monsieur-le-Prince).

(*Revue Occidentale*. Terceira série—Tomo I, 121—1909, ps. 14 a 17).

(Lettres d'Auguste Comte à divers, publiées par ses exécuteurs testamentaires, Tome I, — deuxième partie, ps. 378 à 381).

Resposta de A. Sabatier a Augusto Comte.

Carta de *A. Sabatier*

Recebida no venerdia 9 de Aristóteles de 69 (1) *(resposta imediata)*

Roma, 1º de Aristóteles de 69 (26 de Fevereiro de 1857), via del Banco St -Spirito, nº 6, 2º piano.

Muito honrado Méstre,

Tenho a honra de escrever-vos para dar-vos conta da maneira pela qual fui acolhido pelos Ignacianos aos quais devia transmitir as vóssas propostas. Depois da minha instalação em Roma, julguei dever fazer preceder a minha primeira vizita de uma curtac arta, na qual pedia ao geral da Companhia o favor de uma entrevista.

Eis a minha carta que transcrevo:

« Senhor,

« Estou em Roma para preencher uma missão junto a vós, em nome do Sr. *Augusto Comte*, autor de várias óbras sobre as siências, a filozofia e a religião e director do Comité de propaganda pozitivista que tem a séde em Paris, rua Monsieur-le-Prince, nº. 10. Solicitando a honra de conferenciar convosco, devo tender a estabelecer um primeiro ponto de contato entre duas

1. 6 de Março de 1857. — R. T. M.

Sociedades religiózas que tem afinidades reais, no ponto de vista do culto e do regímen, embóra os seus dógmas devão sempre permanecer distintos pela natureza das pesquizas e pela diferênça das filozofias primeiras. Depois de ter chamado a vóssa atenção sobre as generalidades do Pozitivismo, deverei transmitir-vos uma serie de propostas que puderão servir de baze a uma liga política e sobretudo moral, contra os perigos socias do protestantismo, do deísmo e do sépticismo que a nóssa Escóla descreve e combate como os tres graus sucessivos da molestia modérna.

« Ignoro, Senhor, si as óbras do meu Méstre e a influência que élas ezércem sobre uma porção já considerável da mocidade pariziense vos são conhecidas. A minha taréfa, tão difícil em si mesma, seria então grandemente simplificada. Uma doutrina que colóca, como o faz a nóssa, a dignidade na submissão, a felicidade na obediência e a liberdade no devotamento, separar-se-ia nitidamente no vósso espírito de todas as que a anarchia actual inspira e propaga durante as agitações revolucionárias. Seja como fôr, o pásso que dou neste momento póde já caraterizar as tendências da nóssa propaganda. Nenhuma das seitas metafízicas do nósso tempo poderia abordar a vóssa célebre Companhia com os sentimentos de respeito e, ouzo dizer, de fraternidade que ligão cada Pozitivista a todo o conjunto de almas militantes e devotadas.

« Os teologistas que se obstinão em permanecer fóra do catolicismo não sábem combatê-lo sinão recuzando-lhe a veneração que ele meréce e as franquias a que tem direito. A nóssa escóla, ao contrário, que faz profissão de abster-se da teologia, mesmo em moral, soube sempre, e pelas perspectivas mesmas do afastamento, medir a magestóza grandeza com que a religião romana ilustra a história e contar os imensos serviços que os seus mais valentes defensores prestárão e prestão aínda à cauza universalmente religióza da humanidade.

« É tempo que a luta sacrílega dos partidos ceda o lugar a uma discussão prudente e fecunda, durante a qual os adversários não se acreditarão mais inimigos. Si os hômens de hoje estão tristemente divididos pelas suas crenças, eles são aínda sustentados e congraçados por sentimentos comuns, e éssa força protetora que se opõe tão felizmente à dissolução social no prezente permite aos que tem consiência déla esperárem uma unidade maiór no porvir. O verdadeiro obtáculo à aproximassão das consiências está no dezenvolvimento actual das seitas intermediárias cujas funestas inconsequências gérão alternativamente as revoltas inuteis ou os torpores degradantes: para ser real e duradoura, a conciliação religióza déve ser tentada entre as opiniões extremas e éla póde ser bem sucedida todas as vezes que simpatias comuns e uma estima recíproca prezídem à combinação. Quando uma relação suficiente estabelece e mantem a comunidade das informações, os que estão unidos pelo coração não poderião ficar por muito tempo dezunidos pelo espírito.

« Tais são as indicações a que devo limitar uma carta que tem por fim solicitar a honra de uma primeira entrevista. Por mais estranhável que póssa parecer a tentativa que procigo, não conservo duvida alguma sobre a possibilidade actual de uma liga que acontecimentos, desgraçadamente demaziado fáceis de prever, dévem dezenvolver como indispensável à manutenção da órdem européa. A cauza única de perturbação que ocórre ao meu pensamento está na disproporção que eziste entre a grandeza do empreendimento e a minha força pessoal. Entretanto, Senhor, é-me grato retemperar a minha corágem pensando na alta função religióza de que estais investido na Sociedade; longe de aumentar os meus temores, éla os dissipa, porque supõe éssa elevação intelectual e moral que faz apreciar a bôa vontade como superior ao talento. O vivo dezejo de inspirar-vos estima por uma doutrina a que devo todo o bem que me é dado fazer permitir-me-á,

eu o espéro, o dígno comprimento do que considéro como um grande dever. É nesses sentimentos de confiança que aguardo de vóssa parte a dezignação do lugar, do dia e da hóra em que tiverdes a bondade de admitir-me junto a vós.

« Saúde e respeito.

« *Roma, 17 de Homéro de 69* (*20 de Fevereiro de 1857*).

« *via del Banco de St.-Spirito, n.º 6, 2º piano.* »

Éssa carta ficou sem resposta durante dez dias; vi nisso uma manifestação do orgulho cristão pouco de espantar em teologistas entregues ao absoluto, porem lamentável entre aqueles dos católicos que mais perécem aproximar-se do espírito relativo inherente ao Pozitivismo. Entretanto, como a óbra que proseguimos déve realizar-se cedo ou tarde, acreditei dever insistir para estabelecer, desde o prezente, a dignidade de uma doutrina a que as fatalidades históricas rezervão a prezidência das ligas religiózas que a anarchia proxima déve suscitar. Escrevi e levei eu mesmo o bilhete seguinte.

« Senhor,

« Tive a honra de escrever-vos, ha cerca de dez dias, para pedir-vos uma entrevista particular. Nenhum avizo de vóssa parte veio esclarecer-me sobre a consequência (suite) que dezejais dar ao meu pedido.

« Ignóro, Senhor, os motivos do vósso silêncio, porem, antes de considerar a minha missão como cumprida, devo, em falta do favor de um dígno acolhimento, proseguir a certeza de uma franca recuza; vos escrevo portanto de novo para solicitar de vóssa benevolência a resposta que a minha primeira carta déve merecer, pois que éla em nada derroga às leis ordinárias da polidêz.

« Trazendo eu mesmo éssas poucas linhas ao

Jezus, peço ao religiozo que prezide à entrada deste estabelecimento que tenha a bondade de perguntar vos e transmitir-me as vóssas intenções sob a fórma que julgardes conveniente.

« Saúde e respeito.

« A. Sabatier.

« *Roma, 1º de Aristóteles, etc.* »

Ésta última tentativa foi mais feliz do que a primeira; pude ver, não o geral mesmo, porem o encarregado dos negócios de França, Sr. Robillon, que falou-me em nome do Sr. Bex. Ele começou por dar-me as desculpas a que eu tinha direito; esplicou o silêncio e a auzência do seu geral pelo grande número de ocupações de que este último está sobrecarregado. Vindo em seguida a falar de vós, perguntou-me si éreis o autor das óbras de economia política publicadas pelo vósso homônimo; vi lógo que o meu interlocutor não conhecia siquér a ezistência da doutrina religióza em nome daqual eu vinha falar-lhe. Não éra fácil iniciá-lo no conjunto das vóssas idéias em uma só conferência que ele não tinha ares de querer prolongar nem renovar. Fís o milhór que pude chamando a sua atenção sobre o nósso dógma da separação dos poderes, sobre a preponderância que damos à moral, sobre a dignidade que deixamos à mulhér na sociedade. Falei da nóssa prática do culto privado, do sistema de comemoração das grandes memórias do catolicismo; insisti nos perigos que ameaçarão a órdem européa durante a reorganização das opiniões e dos costumes e sobre a necessidade de uma liga entre as almas religiózas para manter a tranquilidade material respeitando a livre espozição das doutrinas. Eu queria, antes de formular nitidamente as vóssas últimas propostas, obter a certeza de que a nóssa Sociedade *éra tomada a sério* e a declaração que um dos membros da Companhia de Jezus, estudaria concienciózamente pelo menos um dos rezumos que trázem o vósso nome, afim

de esclarecer os membros da sua órdem, e sobretudo o seu geral, sobre o valor relativo do Pozitivismo comparado com as outras seitas anti católicos.

Ofereci pôr a dispozição deles todos os ezemplares que possuo, dar verbalmente todos os dezenvolvimentos que eu pudesse achar e, enfim, prolongar a minha estada em Roma por tanto tempo quanto esses Senhores o julgássem conveniente, afim de deixar-lhes o tempo de apreciar a utilidade da liga mediante um suficiente conhecimento da doutrina. Porem a todos os meus discursos e a todas as minhas instâncias, o Sr. Robillon opoz com uma uniformidade sistemática a mesma respósta: « Somos póbres religiózos estra-« nhos à política. Em moral, pregamos a lei e o nome « de Jezus e a fé catolica; é-nos impossível entrar em « uma liga que não tem por fito diréto o triumfo do « nome de Jezus. Sabemos que a órdem européia póde « ser perturbada, porem nada podemos fazer, a não « ser confessar o nome de Jezus e fazer-nos massacrar « por ele. Estamos muito comovidos com os sentimen-« tos que tendes a nósso respeto, porem não podemos « aceitar congraçamento algum comvosco. Sejamos « amigos e agindo cada um do nósso lado. »

Tal era, Senhor, a invariável resposta a todos os meus argumentos. Em vão procurava eu o igraciano tal qual o compreendeis e tal qual será fatalmente dentro em pouco: achava sempre o jezuita, admirável de benevolência, é verdade, porem afetado déssa surdêz intelectual de que fala Molière, que é tanto mais profunda quanto é voluntária.

Compreendi então que a primeira tentativa do Pozitivismo não teria outro efeito sinão de enfileirar os Jezuítas no número dos atentos à doutrina nóva. Esse primeiro apelo éra indispensável, pois o seu geral e os seus principais membros parécem-me ignorantes em sociologia como simples jornalistas. Creio, todavia, que apezar da sua recuza de empenhar-se em um ezame qualquér, eles encarregarão os Membros parizienses de velarem sobre o dezenvolvimento das nóssas idéias.

Lamento que a atitude do Sr. Robillon não me haja permitido pedir uma ou várias outras entrevistas, porem a discreção e mesmo a dignidade opunhão-se a isso. Terminei pois a nóssa conferência suplicando ao padre Jezuíta, que reprezentava a nóssos ólhos a órdem inteira, de ezaminar sériamente éssa nóva manifestação do espírito de progresso que não se mostrava como as outras radicalmente hostil ao espírito de órdem. « A previdência, disse-lhe eu, é um dever « mesmo em política. Pensai nos perigos do porvir, « não por vós porem pelos outros, e começae, desde o « prezente, as ligas que pudérem adoçar os tempos « de provação da humanidade. De resto, antes de « deixar-vos, repetirei a boa palavra que tivestes a be-« nevolência de dizer-me logo: Sejamos amigos; éla é « já um começo de união e os acontecimentos a dezen-« volverão cada vez mais. Sabei pois, desde hoje, « que néssa cidade de Paris onde o partido republicano « pronuncia o vósso nome como o do principal inimigo, « eziste um novo partido energicamente devotado à « República, porem préstes a defender a vóssa liberda-« de como a sua. Quando as tempestades políticas do « porvir manifestárem toda a intensidade da crize mo-« dérna, achareis os jóvens pozitivistas prestes a fazê-« rem-se matar por vós como estais prontos a fazer-vos « massacrar por Deus. »

Tal é, Senhor, a rezenha (*compte-rendu*) da minha entrevista com o Sr. Robillon. Procurei torná-la tão fiel quanto possivel, a vós cabe vêr o que se deve seguir-lhe; ignóro si julgareis conveniente estabelecer laços com os Ignacianos de Paris; para o que concerne Roma, mandai e obedecerei.

Vósso inteiramente devotado e respeitozo dicípulo.

Alfredo Sabatier.

(*Rev. Occ.* Tome XVII, 98—1886 — ps.78 a 84).

Antes de proseguir na transcripção das cartas de nosso Mestre, sobre a aliança religioza, devemos lembrar os seguintes extractos :

O apelo que criteriozamente notastes na minha ultima circular (1), ao conjunto dos teologïstas sinceros, achar-se-á especialmente dezenvolvido pelo meu opusculo excepcional (2). Constituirei ahi *a aliança religiosa* que ligará, sob o pozitivismo, primeiro os catolicos, depois os muzulmanos, emfim os protestantes que aspiram á reconstrucção do poder espiritual ; e mesmo os deistas e panteistas, si os ha, nos quaes o principio da separação das duas potencias (espiritual e temporal) haja prevalecido sobre as tendencias revolucionarias. Tendo agora acabado a geração da produção, o pozitivismo começa a da instalação, que o meu proximo opusculo (3) abrirá, espero, em dispozições verdadeiramente conciliantes, apropriadas para congraçar as almas selectas de todos os partidos em torno do nucleo regenerador, que, como o sentistes judiciozamente, não constitui um partido, por isso mesmo que abraça o conjunto da solução.

Augusto Comte — *Cartas a diversos*, publicadas pelos seus testamenteiros.—Tomo I.—Primeira parte. —Cartas a G. Audiffrent ; carta de lunedia, 1º de Homero de 67 (segunda-feira 29 de Janeiro de 1855), p. 238.

A sabia rezerva do clero catolico formará como o sentistes perfeitamente um contraste crecente com as animozidades protestantes ou deistas. Tendemos assim para a realização do voto que emeti em 1839, em uma nota do tomo IV da *Filozofia Pozitiva* (4), sobre o

(1) *Sesta Circular anual* dirigida a cada cooperador do livre subsidio espontaneamente instituido para o sacerdocio da Humanidade. Paris, lunedia 15 de Moizés de 67 (segunda feira 15 de Janeiro de 1855). Edição Jorge Lagarrigue, ps. 57 a 60.

(2) *Apelo aos Conservadores*—Traduzido e anotado por Miguel Lemos. Publicação n. 194 da Igreja Pozitivista do Brazil.

(3) *Apelo aos Conservadores.*

(4) Cremos que a nota a que nosso Mestre se refere é a do Tomo V, ps. 326 a 327, reproduzida á p. LIII, da prezente publicação.

acordo do pozitivismo e do catolicismo para afastar de toda discussão o protestantismo, como incapaz de rezultado algum. No fundo, o triunfo da Humanidade sobre Deus reduz-se agora a fazer irrevogavelmente prevalecer o *nós* sobre o *eu*. Por mais pessoal que seja a doutrina teologica, a sabedoria sacerdotal tornou-a empiricamente social. Porém a metafizica não póde nunca ser sinão individual, de maneira a suscitar dispozições tão retrogradas como anarchicas, negando toda divisão dos dois poderes (temporal e espiritual), para tender para a pedantocracia sonhada pelos sofistas gregos. Eis pois os nossos verdadeiros inimigos, ao passo que o clero catolico verá em breve em nós herdeiros, e mesmo defensores contra a opressão que o ameaça, si as tres partes do orçamento teorico (teologica, metafizica e sientifica) não forem suprimidas simultaneamente. Eis porque conto recrutar um centezimo dos padres francezes, ao passo que não espero converter um milezimo dos nossos pedantes.

Ibidem. — Carta de venerdia 19 de Homero de 67 (sexta-feira 16 de Fevereiro de 1855), a G. Audiffrent, p. 242. Os parentezes são desta tradução.

Resposta de Augusto Comte a A. Sabatier.

(2ª carta)

Ao Sr. Alfredo Sabatier em Roma.

Paris, (10, rua Monsieur-le-Prince)
Venerdia 9 de Aristóteles 69 (6 de Março de 1857).

Meu caro Dicípulo,

Depois de haver cuidadózamente relido a precióza carta que ésta manhã recebi de vós, esperimento a necessidade de vos fazer imediatamente chegar as minhas justas felicitações sobre a maneira plenamente satisfatória pela qual haveis recentemente preenchido a missão, não menos difícil que importante, que tinheis dignamente aceitado. Na memorável entrevista que me descreveis, haveis nobremente manifestado a superio-

ridade espontânea do Pozitivismo sobre todo teologismo, não sómente quanto à elevação dos pensamentos, mas tambem pela moderação e a generozidade dos sentimentos, e mesmo a polidêz dos procedimentos. Não é vóssa culpa nem minha, si aqueles nos quais via já verdadeiros ignacianos são aínda simples jezuítas, desconhecendo a situação ocidental, e sacrificando o fim aos meios, até que nóvas comoções esclarêção o seu empirismo sobre perigos que sofrerão, ao passo que podião ajudar-nos a prevení-los ou abrandá-los. Não se poderia milhór dar a sua demissão involuntaria do verdadeiro poder espiritual, nem aceitar mais a prezidência social do Pozitivismo, do que o fez vósso ingênuo interlocutor, assás atrazado provavelmente para nem siquér sentir quanto Ignacio de Loyola ecéde, a todos os respeitos, o seu Jezus-Cristo. Mas, apezar do fraco alcance e a insuficiente emancipação deles, esses empíricos, que perzisto em crêr honestos, serão espontâneamente influenciados pela vóssa admiravel carta preliminar, em virtude da qual tal entrevista não ficará sem rezultados, mesmo próximos. Seja como fôr, haveis agóra cumprido éssa delicada negociação com tanto criterio e discreção, como dignidade. É deles que deverião dóravante proceder nóvos contatos, que acolhereis sem adiantar-vos a eles.

Vou sómente vos enviar amanhã, pelo correio, para o geral dos jezuítas, ao qual peço-vos de os transmitir de minha parte, por intermedio de M. Robillon: 1º um ezemplar do *Catecismo pozitivista*; 2º um ezemplar do *Apelo aos conservadores*; 3º um ezemplar da minha *Oitava circular anual*. Si éssa triplice remessa fôsse convenientemente acolhida, eu a faria em bréve seguir dos quatro volumes da *Política pozitiva*. No cazo contrario, teremos sempre feito o nósso dever colocando esses personagens ao alcance de conhecêrem a fé regeneradora, cuja ezistência não parécem suspeitar; si todavia a sua linguágem, a esse respeito, é assás sincera, o que antigos contatos com a côrte romana me fázem supôr duvidozo. Néssa situação, não devo aqui fazer tentativa alguma para com o estado-maiór francês, cujos passos quaisquér aguardarei si o geral (général) lh'os prescrever. Conforme o plano total dos meus últimos trabalhos, o opúsculo que ha muito projetei sob o título de *Apelo aos ignacianos*, não aparecerá sinão em 1863, época em que graves acontecimentos terão talvez atraído já a atenção desses empíricos sobre a eficacia conservadora e a aptidão conciliante do Pozitivismo, que acabará por tornar-se a garantia única social deles.

. . . . . .

Todo vósso

Augusto Comte.

P. S.—Alem do ezemplar da minha última circular que destino ao Sr. Bex, a minha remessa de amanhã deve tambem conter um para vós, cazo não tenhais recebido o que vos dirigi, pelo Sr. Profumo, desde fins de Janeiro.

Ao Sr. Alfredo Sabatier.
via del Banco Santo Spirito, nº 6, 2º piano Roma (Italia).

(*Rev. Occ.* Tome XVII, 98-1886—ps. 85 a 87. Ed. dos Testamenteiros, T. I,—2ª parte, ps. 364 a 366).

Carta de Augusto Comte a G. Audiffrent

Paris, 27 de Aristóteles de 69. (1)

Meu caro discípulo,

. . . . . .

Essa doloróza esplicação me interdiz de estender-me tanto quanto quizéra hoje sobre a minha segunda comunicação, relativa á memorável embaixada do Sr. Sabatier junto ao chéfe ignaciano, realizada em Roma a 1º de Aristóteles.

O meu eminente enviado transmitiu-me recentemente, a este respeito, um admirável relatório integralmente lido á sociedade pozitivista a 11 de março, e publicável ulteriormente no prefácio do meu apelo aos ignacianos.

(1) 24 de Março de 1857. — R. T. M.

Agindo antes como missionario do que como embaixador, como o dévem os órgãos. mesmo temporais, do pozitivismo, ele nobremente preparou a sua missão especial por uma incomparável carta geral, da qual transmitiu-me uma cópia literal, sobre a doutrina em cujo nome fala ao chéfe dos jezuítas. Ele caraterizou-a sobretudo como colocando a *dignidade na submissão*, a *felicidade na obediencia*, e a *liberdade no devotamento*. Mas tudo isso não impressionou de módo algum, pelo menos em aparência, ao seu interlocutor, que não éra o Geral mesmo, mas o seu encarregado dos negocios francezes, o padre Robillon, especialmente dezignado pelo Sr. Beckx, para éssa conferência ecepcional, assim ficada até ao prezente preliminar.

Ainda incapaz de tornar-se um verdadeiro ignaciano, o que só o pozitivismo poderá lhes inspirar sob a pressão dos acontecimentos, o chéfe jezuíta ingenuamente abdicou toda verdadeira pretenção ao poder espiritual por ésta declaração reiterada:

« Somos póbres religiózos, alheios à política. Não «podemos aceitar liga alguma que não tivésse por objéto «diréto o triunfo do nome de Jezus. Sabemos que a «órdem européa póde ser gravemente perturbada: «porem nada podemos ahi, sinão fazer-nos massacrar «em nome de Jezus. Sejamos amigos, porem agindo «cada um do nósso lado. »

Vêdes que o pozitivismo está dóravante desprovido de qualquér concurrência real na reorganização intelectual e moral do ocidente. O meu eminente órgão fez involuntariamente sentir aos jezuítas, mediante esse primeiro contato oficial das duas únicas igrejas orgânicas, a superioridade, não sómente intelectual, mas sobretudo moral da nóva fé, quanto á generozidade dos sentimentos, á abnegação da conduta, e mesmo á polidez das maneiras. Ao mesmo tempo nada é mais próprio do que tal próva para manifestar a admirável plenitude da conversão pozitivista de um jóvem apóstolo, que, tres anos antes, estava no estado mais revolucionário

A minha resposta imediata, felicitando o Sr. Sabatier, especialmente o demoveu de toda nóva tentativa atual, a menos que o chéfe jezuíta não dê algum passo para ele; o que paréce pouco provável, embóra a proposta formal não tenha podido mesmo ser aínda enunciada. Enviei sómente pelo correio, ao Sr. Sabatier, para o Sr. Beckx, o *Catecismo pozitivista* e o *Apelo aos conservadores*, com a minha oitava *circular*. Veremos si éssa remessa sucita nóvos contatos.

Todo vósso

AUGUSTO COMTE.

(Cartas de AUGUSTO COMTE á divérsos, publicadas pelos seus testamenteiros, Tomo I, 1ª parte, ps. 376 a 378).

CARTA A G. Audiffrent

4 de Archimedes de 69 (1)

Sobre Napoleão III e Vieillard

. . . . . .

Utilisando esta doce ocazião imprevista de espandir-me, mais uma vez, devo primeiro dirigir-vos profundas felicitações pela vossa aptidão sempre nova, e cada ves mais maravilhosa, para tirar imediatamente proveito daz minhas menores indicações filozoficas. A vossa carta de jovedia o manifestou especialmente apanhando na minha de martedia, a abertura relativa ao verdadeiro inicio sistematico da educação real, que não poderia jamais tornar-se plenamente normal, sem remontar até á concepção, de maneira a comprehender a idade fetal. Todas as outras fazes da vida humana têm mais ou menos suscitado cuidados especiaes, ao passo que essa nunca foi objecto de uma solicitude regular, mesmo da parte das mães, comquanto éla deva certamente influir mais que qualquer outra sobre o conjunto da nossa evolução, sobretudo até o fim da virilidade, como bem o sentistes.

Devo plenamente sancionar as amargas reflexões geraes que vos inspira o nosso recente contacto romano com os melhores destróços do antigo sacerdocio. Segundo as informações emanadas do Sr. Congreve e que merecem

(1) 29 de Março de 1857. — R. T. M.

toda minha confiança, cumpre afastar igualmente a esperança de regeneração espontanea que eu a principio concebera para os dirigentes da aristocracia britanica. Porém si os chefes actuais da temporalidade estão tão abaixo da sua missão social como os pretensos directores espirituaes, isso deve sómente augmentar o zelo e a confiança dos dignos pozitivistas, fazendo-lhes melhor sentir a oportunidade da sua intervenção suprema, para fornecer, á ordem como ao progresso, os unicos orgãos verdadeiramente eficazes, cuja destinação será respeitada por toda parte sob a pressão crescente da situação ocidental.

Enquanto a porção menos atrazada do sacerdocio catolico achava-se involuntariamente subjugada em Roma, pelo pozitivismo, este recebia, em Paris, a sanção mais deciziva da parte mais adiantada dos aventureiros politicos que governarão o povo regenerador (francez) até o nósso advento temporal. Isso sobresahe de uma precioza entrevista que tive, a 23 de fevereiro, com o Sr. Vieillard, que eu ia ver, após dois anos de interrupção, para reclamar contra o estranhavel interdito com que a alfandega franceza havia inopinadamente ferido a segunda edição franceza do opusculo do Sr. Constant.

Tendo primeiro obtido plena satisfação sobre o motivo especial déssa nóva vizita, a nossa conferencia foi em breve concentrada na situação actual, sobretudo franceza. Ahi soube que o pozitivismo era já considerado, por todos os homens sérios de nosso governo, como o unico guia possivel do proximo porvir mesmo politico. O nosso ditador (Napoleão III) já leu agora a proposta deciziva que lhe faço solenemente no fim do *Apelo aos conservadores* [1]. Ela impressionou-o muito, embora tenha eu lugar de temer que ele não a aproveite, mais em virtude do seu egoismo do que pela sua superficialidade. Todavia especialmente aproveitei essa ocazião de fazer-lhe indirectamente saber que essa medida, conquanto se deva já lamentar que não esteja

(1) *Apelo aos Conservadores*. Tradução e notas de Miguel Lemos. p. 191 a seguintes. — R. T. M.

realizada, ficará sempre oportuna enquanto não se houver tornado uma concessão forçada. Tem-se por tal fórma necessidade de segurança que essa adopção, contanto que seja verdadeiramente livre, será por toda parte abençoada, por mais tarde que se decidão a tal.

Como orgão sistematico da Posteridade, fiz assim presentir a grave reprovação com que éla ferirá o ditador actual por não haver nenhumamente assegurado o porvir conquanto haja dignamente garantido o prezente. Pude então saber que não existe nele, nem mesmo em sua mulher, iluzão alguma, sobre a pretença solução oficialmente rezervada ao seu filho. (ps. 380 a 381).

2ª *Resposta de Sabatier a* Augusto Comte.

Sr. Augusto Comte

Recebida no martedia 6 de Arquimédes de 69 (31 de Março de 1857) (Resposta no terceiro dia).

Roma, 26 de Aristóteles (23 de Março de 1857) via del Banco di St. Spirito, nº 6, 2º piano.

Muito honrado Méstre,

Recebo após oito dias de espéra o bilhete seguinte:

Roma, 20 de Março.

« Senhor,

« Todos os meus momentos havendo sido tomados, ha oito dias, pelos ezercícios de um retiro, hontem á tarde, sómente pude fazer a leitura da vóssa carta. Os vóssos livros serão entregues ao meu superior geral e agradeço-vos em seu nome e por vós ao Sr. Comte, a boa intenção que tivestes, âmbos, remetendo-nos esses volumes, embóra encerrem um ataque diréto contra a santa Igreja católica e contra o seu divino fundador Nósso Senhor Jezus-Cristo.

« Não pósso sinão repetir-vos aqui, Senhor, o que tive a honra de dizer-vos: entre o sim e o não sobre a questão da divindade de Jezus-Cristo, a aliança é impossível, não ha que ocupar-se de tal; permitir-me-eis

porem, Sr. de orar por vós ao Deus de vóssa mãe e de dizer-me com consideração, Sr.,

« Vósso servo devotado,

« A. ROBILLON. »

Apresso-me em fazer chegar-vos éssa resposta que prova que dóravante os membros da companhia de Jezus não recuzão mais aos pozitivistas, e mesmo ultrapassárão em seu favor, éssa primeira atitude da benevolência que se chama polidêz. Esperemos que a leitura das vóssas óbras os esclarecerá assás para que o progrésso da aliança preceda aos terríveis acontecimentos do porvir, afim de os abrandar para a salvação de todos.

(*Revue Occidentale*, T. XVII, 98—1886,—ps. 87 a 88).

RESPOSTA DE AUGUSTO COMTE a A. Sabatier.

(3ª carta)

AO SR. Alfredo Sabatier, EM ROMA [1]

Paris, 10, rua Monsieur-le-Prince,

jovedia 8 de Arquimédes de 69 (2 de Abril de 1857)

Meu caro dicípulo,

Aprovo a vóssa interpretação da resposta que me transmitis para com as minhas recentes remessas ignacianas. A iniciativa e as dianteiras devendo naturalmente caterizar a superioridade real, cumpre pouco espantar-se que a grande liga religióza das almas selétas contra a irrupção anárchica do delirio ocidental coméce pelo Pozitivismo, único capaz de prezidir a éla. É á religião que convem a principal aplicação da lei dos tres estados, depois que todas as concepções preliminares lhe estiverem suficientemente submissas (*l'ont suffisamment subie*). Si, *como sentimento*, a religião é imutável e déve sómente dezenvol-

1. Os grifos são désta tradução. — R. T. M.

ver-se continuamente, éla está, *como concepção*, sujeita, na sua natureza, à marcha universal que regenera o conjunto mediante as partes. Ora, o estado pozitivo consiste, para a religião, em tender sistematicamente e dirétamente para a sua destinação normal, até então indiréta e espontânea: *regular toda a vida humana, privada e pública*. (Os grifos são desta tradução.)

Para éssa transformação deciziva, a filozofia das cauzas chiméricas é irrevogavelmente substituída pela das leis reais, que não póde plenamente prevalecer sinão dirigindo tal renovação da sínteze universal. Desde que o Pozitivismo dignamente preencheu éssa condição final, a situação ocidental déve cada vez mais sucitar o seu acendente necessário, manifestando a impotência social das religiões provizórias que, dirétamente votadas à salvação celeste, são radicalmente incapazes de apanhar o conjunto dos negocios terrestres, inapreciável antes do nósso advento.

Trinta e um annos me sepárão das memoráveis conferências que seguírão o opúsculo decizivo, em que eu havia publicamente consagrado a minha vida à fundação ocidental do verdadeiro poder espiritual. Então, o verdadeiro chéfe do partido católico (o padre La Mennais) provocou tres livres entrevistas, nas quais, como dígnos adversários, sem nenhuma vã esperança de conversão mutua, fomos espontâneamente conduzidos ao esboço da grande liga religióza, agóra chegada à sua plena madureza. Essa lembrança carateristica sustenta, apezar das decepções individuais, a minha aspiração geral à realização deciziva desse santo projéto, no qual dóravante preenchi as condições de uma prezidência necessária, que será no começo aceita pelos milhóres destróços do antigo sacerdócio. Emquanto abris admiravelmente em Roma as nóssas relações ignacianas, os meus dois eminentes dicípulos de New-York [1] esboçon os nóssos contatos paternais com os católicos americanos que, lá, destituídos de toda do-

(1) Henry Edger e John Metcalf. — R. T. M.

minação, mesmo ideal, são mais bem accessiveis ao nósso acendente. Porem esse duplo esforço não instituirá a santa liga sinão quando as simpatias femininas pudérem neste particular ativamente secundar os impulsos masculinos.

Todo vósso

Augusto Comte

Ao Sr. Alfredo Sabatier,

via del Banco de Santo Spirito, nº 6, 2º piano Roma (Italia)

(*Revue Occidentale*, Tomo XVII, 98-1886 — ps. 88 a 90. — Ed. dos Testamenteiros, Tomo I, — 2ª parte, ps. 367 a 368).

11ª Carta a Edger

A M. H. Edger, em Modern Times (Long Island)
Paris, (10, rue Monsieur le Prince) venerdia 9 de Archimedes de 69 (1)

Meu caro discípulo,

A vóssa ecelente carta de 11 de Aristóteles, que recebi Martedia 6 de Archimédes, paréce-me, no seu conjunto, indicar uma dispozição ecepcional ao dezanimo e mesmo á amargura, em consequência de dezapontamentos recentes. Antes de responder as vóssas divérsas perguntas especiais, creio pois dever diretamente dissipar éssa tendência funesta, esplicando a sua fonte geral. O cumprimento desse paternal oficio póde aliás dezenvolver a reação cerebral que sucita-me cada uma de nóssas preciózas conversas. Tenho especialmente necessidade disso durante a santa semana que traz-me, todos os anos, a principal catástrofe da minha vida íntima. Tal dôr é desta vêz, agravada pela primeira suspensão completa, após onze anos, da discordancia cristã entre as datas hebdomadárias e mensais. É ainda no Domingo de Ramos que déve depois de amanhã sobrevir o fatal aniversário, em que começa

(1) 3 de Abril de 1857 — J. L.

a eternidade subjetiva dóravante assegurada á angelica inspiradora da religião pozitiva. Os meus íntimos quadros da doloróza semana assim terminada, quando eu os houver suficientemente publicado na biografia prometida para 1864, serão talvez destinados a dotar os nóssos sucessores de uma comemoração anual mais bem merecida do que aquéla com que os nossos predecessores honrárão a *Paixão* chimérica do pretenso fundador do catolicismo. Ouzando confiar-vos éssa sécreta esperança, que nunca pude até aqui formular a ninguem, dou-vos uma confirmação deciziva da plena harmonia que sinto irrevogávelmente estabelecida entre nós, em virtude da vóssa admiravel natureza sinpatica.

O pozitivismo só ezalta os instintos altruístas, e comprime todos os pendores egoístas. Ele vem irrezistivelmente regular a vida humana, tanto privada como pública, no meio da anarchia universal. Os seus verdadeiros adéptos dévem pois esperar o dezencadeamento das mais violentas animozidades em todos os que, sobretudo entre os letrados e os burguezes, querem indefinidamente prolongar o interregno espiritual afim de perpetuar a indiciplina moral. Eu sei que, a este respeito, afastastes criteriozamente toda iluzão, e nobremente rezolvestes jamais conceder atenção alguma séria a ataques facilmente previstos. Eles não vão tardar a se dezenrolar, tanto na America como na Europa, agora que a conspiração do silencio acha-se essencialmente superada. Devemos por toda parte esperar as mais ignobeis calunias, sem que o seu curso deva jamais perturbar o surto dos nóssos trabalhos, deixando á nossa vida, privada e pública, o cuidado de responder por nós junto das almas verdadeiramente competentes.

Porém, conquanto saibais desdenhar os nóssos contemporaneos, vivendo com os nóssos decendentes e os nóssos antepassados, não podeis desprezar tanto as decepções rezultantes da insuficiencia ordinaria dos vóssos próprios irmãos actuais. Não falo dos falsos

pozitivistas, numerozissimos nos Estados Unidos, como na Inglaterra, que rejeitão a minha *Politica* admitindo a minha *Filozofia*: esses dévem em breve tornar-se os nóssos principais inimigos, como ha muito tempo anunciei. Os únicos dezapontamentos, verdadeiramente amargos, provém dos pozitivistas completos, isto é religiózos, cujo *espirito* não repele dógma algum nósso nem mesmo prática alguma nóssa ou regra alguma nóssa, embora o seu *coração* não haja regenerado os seus *habitos*. Sejão quais forem os perozos atritos que éssa insuficiencia deva sucitar-vos, cumpre entretanto explicar a si-mesmo, sem imputar ás imperfeições individuais, uma incoherencia peculiar á geração em que o pozitivismo surgiu. Ela pezou especialmente sobre mim em consequencia dos habitos negativistas espontaneamente inherentes ao centro iniciador, no qual o décimo-oitavo século fez tristemente prevalecer a sua fatal tendencia à secura moral ezaltando o surto mental. Uma *emancipação* absoluta que só convinha às almas capazes de concorrer para o advento da síntese universal, foi indistintamente estendida a todos os ocidentais, sobretudo em França, de maneira a dissolver toda cultura afetiva. Foi em tal meio que o pozitivismo teve entretanto de surgir, de sorte que os seus adeptos têm ordinariamente emanado até aqui de uma massa indiciplinável na qual rezidirá o principal obstaculo ao seu acendente inicial.

Si haveis justamente notado a precioza ecepção que oferece-vos o nóbre Lonchampt, cumpre completar essa observação notando que esse incomparável dicípulo passou diretamente do catolicismo ao pozitivismo sem estação alguma no septicismo. Apezar da ecelencia da sua natureza, varios dos seus verdadeiros confrades ter-me-ião talvez satisfeito tanto como ele, si houvessem sido, como ele prezervados da fatalidade que faz hoje passarem os jóvens pensadores francezes, por muitos anos de indiciplina total, donde rezulta depois a discordancia ordinaria entre o seu coração e o seu

espirito, apezar das convicções as mais completas e as mais estaveis. Achareis menos obstaculos a esse respeito entre os pozitivistas diretamente emanados do protestantismo que, sem ser tão diciplinante como o catolicismo, mantem alguns habitos de verdadeira cultura moral.

Tal explicação conduz-me a começar as minhas respostas especiais, felicitando-vos pelos venturozos contactos que sabeis agora instituir com os católicos americanos, donde pódem em breve provir preciózos prozelitos. Enquanto esse digno esforço se esboçava em um dezerto transatlantico, uma equivalente tentativa realizava-se, na capital do catolicismo, para com os milhores destróços do antigo sacerdocio. O eminente revolucionario francez, cuja maravilhoza conversão recentemente assinalei, o Sr. Alfredo Sabatier, nobre amigo do Sr. Lonchampt, pelo qual foi primeiro iniciado, acaba de entender-se, em meu nome, em Roma, com o Geral dos Jezuitas para começar a grande liga religióza à qual só o pozitivismo póde prezidir, de maneira a salvar o Ocidente da imensa dezordem de que está agora ameaçado. Em uma admiravel carta oficial, que saberei finalmente publicar, o meu digno embaixador caracterizou diretamente a nóssa religião como colocando «a dignidade na submissão, a felicidade na obediencia, e a liberdade no devotamento.» Sabereis com alegria que esse preciozo dicípulo elabora, para uzo do publico italiano, uma judicióza exposição sumaria do pozitivismo que nos indemnizará do pretenciozo opusculo de Douai, [1] cujo autor deveis agora considerar como irrevogavelmente abortado, por esse ecesso de prezumpção e falta de ternura que, combinados, já me tem frustado de tantas esperanças.

.....

Ed. J. Lagarrigue, ps. 58 a 62—Ed. dos testamenteiros T. I, 2ª parte. (ps. 200 a 204).

---

(1) Aluzão a Blignières. — R. T. M.

Carta a G. Audiffrent

Paris, sabado 23 de Arquimédes de 69 (1).

Meu caro dicípulo,

. . . . . .

Após um maduro exame da vossa concepção poetica, não creio dever ainda modificar a construção que, ha dois anos, contemplo, todas as manhãs, no fim da minha oração, quanto ao altar da Humanidade. A vossa idealização da filozofia da historia é dignamente fundada em uma sinteze, plenamente admissivel. Porém similhante quadro não deve absorver o nosso culto publico, cujo plano anual só concede tres mezes á preparação humana; o que fornece somente seis semanas para a grande tranzição ocidental entre a teocracia e a sociocracia, durante os trinta ultimos seculos. Qualificando-a com razão de *epizodio* necessario, como devem implicitamente apreciá-la os sabios teocratas actuais, deverieis ter reconhecido que não se podia consagrar-lhe a principal atenção hebdomadaria na adoração sistematica da Humanidade, que já lhe vota uma suficiente glorificação. Eis porque o vosso quadro não póde ser convenientemente dezenvolvido sinão durante a faze correspondente do culto anual, e só deve afinal influir na construção da parte analoga do Grande Altar, cujo conjunto deve ser essencialmente antes estatico do que dinamico.

Em virtude da consistencia que adquire em mim, salvo os aperfeiçoamentos secundarios, a imagem que vos descrevi o ano passado, sou agora conduzido a elevar-me do plano do altar ao do templo mesmo, em relação ao qual não se poderia normalmente conservar nenhum tipo teologico. As nossas conversas de outono me permitirão, espero eu, indicar-vos, a esse respeito, a minha concepção geral, a menos que não esteja muito indeterminada então. (2)

É tambem para essa feliz expansão intima que eu rezervo a comunicação de uma concepção poetica da qual acaba o meu culto privado irrevogavelmente de enriquecer-se durante o augusto aniversario da que saio apenas (aniversario da morte de Clotilde). Ele devia este ano adquirir um poder excepcional suspendendo, pela primeira vez após onze annos, a discordancia cristã entre as datas hebdomadarias e mensaes; mesmo o dia fatal coincidiu, como em 1846, com o domingo de Ramos. Em virtude desse concurso que a minha prezente disponibilidade tornava plenamente apreciavel, não ficareis sorprehendido que a minha comemoração anual tenha se tornado então mais decizíva. A instituição de que ela espontaneamente afinal dotou o meu culto intimo, deve tambem fecundar o meu poema prometido, que agora rezolvi executar, embora em proza sómente, em 1864. Durante o solene domingo fixei-me definitivamente sobre a natureza e a destinação de cada um dos seus treze cantos, a ponto de poder já formular deles um plano tão prezizo como o dos dois volumes da minha moral pozitiva.

A admirável carta nova que recentemente recebi de meu eminente dicípulo romano começa por uma indicação do acolhimento inesperado que o geral ignaciano finalmente fês à remessa de que vos falei, embóra eu receiasse mesmo que a alfandega papal interceptasse éssa transmissão postal. Os seus agradecimentos escritos são verdadeiramente convenientes para o Sr. Sabatier e para mim: o que me fás agóra esperar que o *Catecismo pozitivista* e o *Apelo aos conservadores*, serão seriamente lidos no *Jezus*. Esta negociação nacente não está pois aínda adiada indefinidamente como eu temera a princípio; e talvês éssas leituras impressionem assás os chefes atuais do catolicismo para que eles utilizem a estada em Roma do meu incomparável enviado sem esperar a publicação, em 1863, do meu *Apelo* aos ignacianos, cujo prefácio reproduzirá o admirável relatório inicial do Sr. Sabatier. (ps. 388 a 390).

(1) 17 de Abril de 1857. — R. T. M.

(2) Foi em virtude dessas observações e das da carta seguinte que modifiquei a minha concepção do altar da Humanidade e que cheguei á que imprimi no meu opusculo do *Templo da Humanidade*.

A ária elíptica sobre a qual se elevão os treze grandes tipos do calendario concreto, com S. Paulo no meio, reprezentando a religião, me tinha sido indicada na minha vizita a Paris. Era por treze degraus consagrados aos treze mezes do calendario abstracto que se elevava dessa ária á estatua da Humanidade.

Na minha comunicação, que não foi aceita, eu dava evidentemente demaziada importancia á evolução historica. O passado no culto deve cada vez mais apagar-se sobre a pressão dos seculos acumulados, de modo que a ordem, isto é, a calma, prevaleça cada vez mais sobre o movimento, em outros termos, sobre o progresso (G. A.).

Carta a G. Audiffrent

Paris (10, rue Monsieur le Prince), Jovedia 15 de Cézar de 69. (1)

. . . . . .

Uma alma tão distinta como a vóssa, intelectualmente e moralmente, não tinha precizão sinão de uma advertencia motivada para retificar a ezageração histórica do vósso último projéto poético, no qual a natureza essencialmente estática do culto normal da Humanidade achava-se radicalmente desconhecida. Afim de milhór firmar-vos sobre éssa grande condição, convido-vos a notar que, em todas as religiões provizórias, a beatitude prometida é sempre caraterizada por um estado por tal módo fixo que o *tempo* não ezistirá mais, o que significa que não se terá mais porvir, porque o prezente sendo plenamente satisfatório, não se ligará sinão ao passado preparatório. O meu recente volume fás já sentir que a noção do *progrésso* permance essencialmente peculiar à evolução preliminar, a segunda vida não comportando individualmente e coletivamente, sinão um simples aperfeiçoamento contínuo, tornado cada vês mais insensível, ao ponto de tender para a plena imobilidade, único termo normal das aspirações humanas sob qualquér regímen.

Quanto á vossa apreciação geral, radicalmente sã, da liga religioza, cujo alcance não é bem sentido sinão por vós, cumpre milhór conceber o verdadeiro caracter de tal aliança, na qual a prezidencia pozitivista não comporta partilha alguma, e deve entretanto respeitar a independencia necessaria de cada elemento. A conciliação rezulta de que o acendente do pozitivismo limita-se então á porçãõ do publico ocidental, que representa o porvir, ao passo que os quatro monoteismos subordinados, catolicismo, islamismo, judaismo e protestantismo propriamente dito, não actuão sinão sobre as almas muito mais numerózas, porém muito menos influentes, nas quais o passado domina ainda. Eles serão naturalmente conduzidos a reconhecer a nossa supre-

(1) 7 de Maio de 1857.

macia pelos mesmos impulsos sociais que lhes farão finalmente almejar uma liga religioza que só o pozitivismo póde instituir e manter em virtude de suas afinidades espontaneas com os diversos elementos, todos mutuamente incompativeis sem éssa prezidencia comum. Ao passo que a liga do decimo sexto seculo devia sómente congraçar as diferentes populações catolicas contra a iminente invazão do protestantismo, a do decimo-nono unirá todos os elementos verdadeiramente religiozos do Ocidente contra o concerto, cada vez mais sistematico das almas radicalmente indiciplinaveis, cujo acendente social tenderia a dissolver qualquer religião, e por conseguinte, qualquer governo. Si a primeira liga não pôde realmente durar alem de uma geração, por não atingir o seu alvo, a segunda não deve tambem funcionar sinão durante esse mesmo tempo, porque esse será plenamente suficiente à sua principal destinação, a preponderancia deciziva do principio religiozo, mediante a instalação da fé pozitiva, livremente assistida pelas diversas crenças caducas.

Devemos já contar com confiança com a formação ocidental dessa nobre liga temporaria, porque a anarquia mental e moral vai em breve dezenvolver-se, a ponto de atrahir a principal atenção continua de todas as almas honéstas para a terminação directa do interregno religiozo. *Tenho muitas vezes anunciado que estamos sómente no inicio déssa anarquia* que não podia plenamente surgir, enquanto a ordem material estava habitualmente ameaçada. As preocupações que esta sucita tenderão a suspender as dissidencias espirituais diante de um perigo universalmente sentido. Conquanto essa ordem não póssatambem durar sinão sob a assistencia continua de laboriózos artificios empiricos, que deixão sempre recear a sua proxima dissolução, a sua manutenção permanece todavia assegurada, salvo as tempestades passageiras, pela infatigavel vigilancia dos diversos governos ocidentais, que, so-

bretudo no centro, esforção-se com um sucesso que meréce todo o nosso reconhecimento, por abafar tanto dentro como fóra, os rezultados praticos das tendencias anarquicas, cujo tratamento não lhes pertence. Em virtude dessa precióza dispozição habitual, principal diferença entre os estadistas do decimo-nono seculo e os do decimo-oitavo, a calma material acha-se assás assegurada para permitir o pleno dezenvolvimento da dezordem espiritual, chegada já, mesmo no seio das familias, a perturbar as diversas relações sociais, por uma ação dissolvente contra a qual a impotencia necessaria dos governos os impelirá em breve a secundar a reorganização religioza. É do livre surto déssas perturbações radicais que surgirá de mais em mais a necessidade da santa liga peculiar ao decimo-nono seculo, sem que o saiba mesmo a maioria dos que se tornarão os seus membros mais devotados, sobretudo si os meus dicipulos souberem assaz preencher, a esse respeito, as condições de iniciativa necessariamente ligadas ao seu estado sistematico, essencialmente esteril até aqui, por falta de coração e de caracter. (ps. 394 a 396).

CARTA A G. Audiffrent.

Paris (10, rue Monsieur le Prince) jovedia 8 de S. Paulo 69 (1).

Meu caro dicípulo,

. . . . . .

Afim de milhór animar o vósso útil projéto local de propaganda ignaciana, devo anunciar-vos que o vósso jóvem compatriota Sr. Sémerie recentemente empreendeu uma tentativa equivalente para com o famozo padre Felix, com o qual ele tem alguns contatos pessoais. Convidei-o dirétamente, estes últimos dias, a dar-se uma milhór atitude néssa relação, pondo-se ahi como o prolongamento da missão sistemática recentemente aberta pelo Sr. Sabatier junto ao geral ignaciano: esse inicio já deve cessar de ser

(1) 28 de Maio de 1857. — R. T. M.

um mistério, aguardando a publicidade que lhe proporcionará o meu apelo aos ignacianos, em 1863. Deveis por mais forte razão, tomar tal carater nesse terceiro contato, no qual vos instigo a fazer primeiro ler a minha última circular e sobretudo a reprezentar o pozitivismo como dirétamente rezumido na utopia da *Virgem-Mãi* que nos deve tornar especialmente objéto da atenção de todos os dígnos católicos de ambos os séxos. (Ed. dos testamenteiros. T. 1, 1ª parte, p. 401).

CARTA A G. Audiffrent

Paris (10, rue Monsieur le Prince) lunedia 5 de Carlos-Magno de 69 (1)

Meu caro dicípulo,

. . . . . .

...Não poderia recomendar-vos demais a paciência e a condecendência nas vóssas relações com o chefe ignaciano de Marseille, quando mesmo vos deixasse a superioridade da polidêz. A verdadeira prezidência social é sobretudo caracterizada pela iniciativa, a qual doravante cabe ao pozitivismo. É uma inversão decizivа dos meus contatos de 1826 com o chefe correspondente do partido católico, [2] que, apezar do carater absoluto de sua doutrina, fês-me então sentir a superioridade da sua situação provocando as nóssas memoráveis conferências sobre o poder espiritual, ao passo que somos nós hoje que, segundo o gênio relativo da religião universal vamos ao encontro das dígnas coalições. (ps. 405 a 406).

Informação da Revista de Littré — Janeiro a Junho de 1874 — p. 313 — (Transcripto da *Rev. Occ.* Vol. XVII, 1886, ps. 92 a 93)

«O Sr. Tomasso Titoni, de Roma, escréve-me que em uma venda publica acaba de comprar um exemplar do *Catecismo pozitivista* do Sr. Comte trazendo estas palavras: *ao Sr. Bex, geral dos Jezuitss, oferecido pelo autor Augusto Comte. Paris, 10 de Aristoteles de 69*; e. enviando-me um fac-simile da epigrafe, pergunta-me si

(1) 22 de Junho de 1857. — R. T. M.
(2) Aluzão a La Menais. — R. T. M.

isto é autentico. É autentico com efeito: a letra é do Sr. Comte, e todos os que, nesse tempo, estavão junto dele, sabem que elle fez entregar por um dos seus discipulos, ao geral dos jezuitas, um exemplar do seu *Catecismo*..... .....
De resto, o exemplar recolhido pelo Sr. Tittoni, por ocazião da venda da mobilia dos jezuitas, ...: não está siquér cortado».

Nota desta transcripção

A resposta supra do padre Robillon a A. Sabatier prova que, as paginas do exemplar do *Catecismo* oferecido por nosso Mestre ao geral dos jezuitas Sr. Bex, *devem ter sido cortadas, quanto bastou para que o padre Robillon julgasse que* podia dizer que os volumes oferecidos encerrão «um ataque directo contra a santa Igreja católica e contra o seu divino fundador Nosso Senhor Jezus-Cristo».

Escritos do Padre Gruber

Circulares anuais de Miguel Lemos

Circular de 101 (1889) — ps. 25 a 26

.....

Do lado da Allemanha temos a apontar tres publicações relativas ao pozitivismo.

A primeira pela data e a mais importante é trabalho de um membro da Companhia de Jesus, o Padre Hermann Gruber [1]. É um epítome assás concienciozo da doutrina e da vida de Augusto Comte. Este opusculo deixon muito a quem de si todas as pretendidas espoziçõe do pozitivismo oriundas de escritores católicos e destinadas a refutar uma doutrina que eles nem siquer conseguírão conhecer suficientemente. O Padre Gruber fez louvaveis esforços para aprezentar um apanhado fiel e completo, conquanto sumario, do duplo assunto de seu livro. Infelizmente, as concluzões que ele tira desse estudo não são as que érão de espe-

(1) *August Comte, der Begründer des Positivismus. Sein Leben und seine Lehre* — von H. Gruber, S. J. Freiburg im Briegau 1889. (Augusto Comte, o Fundador do Pozitivismo. Sua vida e sua doutrina, por ...)

rar de um relator tão bem informado. Apezar dos elogios que dispensa ao saber e a virtude do nósso Méstre, o autor perziste, a ezemplo de seus predecessores, em clássificar o pozitivismo entre os produtos funestos do materialismo impio de nóssa época e contenta-se com afirmar sem provas a superioridade do catolicismo. Entretanto, ele reconhece com lealdade o nenhum fundamento das criticas formuladas por Littré, e Stuart Mill contra a parte politica e religioza do pozitivismo, sob o pretesto de que esta se acha em contradição com a sua baze filozófica.

Como quér que seja, acredito que esta óbra si fosse traduzida em francez poderia prestar grandes serviços despertando no mundo católico vistas mais simpáticas e mesmo determinando nesse meio adezões por parte dos leitores capazes de chegarem por si mesmos à concluzões opostas às do jezuíta alemão.

A outra publicação germanica chega-nos de Hamburgo e tem como autor o Dr. Max Brutt [1]. É um rezumo dos principios da filozofia pozitiva, segundo a óbra fundamental do nósso Méstre. Encontra-se neste escrito grande copia de informações uteis sobre os autores alemãis que se têm ocupado do pozitivismo, ou que dele se têm aproximado a seu modo.

A terceira óbra compõe-se essencialmente de dois artigos publicados pelo Dr. Hugo Göring sobre Sofia Germain e Clotilde de Vaux [2]. Estas noticias biograficas são seguidas, quanto a Sofia Germain, da tradução aleman do seu eminente opúsculo filozófico, e, quanto a Clotilde de Vaux, da tradução na mesma lingua de *Lucie*, a comovente novela inserida por Augusto Comte no tomo 1º de sua *Politica Pozitiva*. O Dr. Göring dá-nos tambem a poezia de Clotilde — *Os*

(1) *Der Positivismus, nach seiner ursprünglinchen Fassung dargestelle und beurteilt*, von Dr. Max. Brutt. Hamburg. 1889. (O Pozitivismo esposto e ezaminado segundo a sua concepção fundamental, por...).

(2) *Sophie Germain und Clotilde de Vaux. Ihr Leben und Denkem.* von Dr. Hugo Göring. Zurich. 1889. (Sofia Germain e Clotilde de Vaux. Suas vidas e pensamentos, por...).

pensamentos de uma flor—traduzida em versos alemãis pela Sra. Matilde Wesendonk, de Berlim, poetiza distinta.

Vemos, pois, que o pozitivismo penetra cada vez mais no meio germanico, onde em breve chamará a atenção de todos os espiritos ativos.

Tais são as principais manifestações que dizem respeito à marcha geral do pozitivismo durante o ano de 1889.

Circular de 103 (1891) — ps. 19 a 22

.....

Outra publicação germanica que nos interessa é um novo livro do Padre jesuíta Gruber, em que ele continua a passar em revista a história do pozitivismo, espondo agora a marcha e dezenvolvimento da doutrina, desde a morte de Augusto Comte até os nóssos dias [1]. Néssa rezenha o autor compreende, como outras tantas derivações da filozofia pozitiva, uma série de escolas e de escritores alheios verdadeiramente á direcção de Augusto Comte, muitos deles adversários do pozitivismo, si bem que tenhão, de fato, se alimentado á custa de depredações efetuadas na vasta mésse deixada pelo nósso Méstre.

A parte que nesse livro dís respeito ao pozitivismo no Brazil é muito deficiente e acuza pouco cuidado no módo por que forão aproveitadas as fontes de informações, nem todas dígnas de fé. Frequentes vezes a nossa atitude e opiniões são ahi aprezentadas sob um ponto de vista falso. No numero dos pozitivistas brazileiros, o autor inclui pessoas que são até adversários ferozes de nóssa doutrina. Por fim, atribúi errada-

(1) *Der Positivismus von Tode August Comte's bis auf unsere Tage* (1857-1891) von Hermann Gruber, S. J. Freiburg in Breisgau. Herder sche Verlagshanllung. 1891.

Acaba de aparecer a trad. franceza do livro anteriormente publicado pelo mesmo autor sobre a vida e a doutrina de Augusto Comte. Dela nos ocuparemos em nossa prossima circular.

mente a Benjamin Constant a fundação em 1871, da primeira sociedade pozitivista do Brazil. [1]

Quanto ao valor total da nóva óbra do Padre Gruber, preferimos transcrever aqui a apreciação que dela fez o Sr. Congreve, na sua circular:

« Recebi, graças á gentileza do Sr. Roschlau, dois ou tres folhetos que têm relação com o Pozitivismo. Considerados em si mesmos e pelas suas citações eles confirmão a impressão produzida pela tradução do Catecismo, isto é, que o sistema é objéto na Alemanha de uma atenção cressente, e que ahi está sendo livremente discutido.

« A mais importante das óbras que me forão enviadas é a continuação pelo Padre Gruber, S. J., do seu ezame do Pozitivismo.

« No anno passado tivemos o seu trabalho sobre Augusto Comte; este anno ele trata do Pozitivismo e da ação dos Pozitivistas desde a morte do seu Fundador. Neste opúsculo, como no primeiro, ele mostra ter pesquizado muito ao traçar os esforços realizados durante o periodo estudado. O ezame é muito compreensivo, e inclui uma longa apreciação da obra de Littré, e estende-se a muitos escritores neste país e alhures, muito indiretamente ligados ao Pozitivismo.

« O autor quando trata dos que professão aceitar, em maiór ou menor grau, o ensinamento de Comte,

(1) Este erro foi editado pela *Revue Occidentale*, orgão do Sr. Laffite, e cuidadozamente mantido e propagado por ele e seus partidarios, com o fito de fazer crer que não é a nós que se deve o organização da propaganda pozitivista no Brazil.

A primeira sociedade pozitivista foi fundada aqui em 1876 por iniciativa do nósso falecido confrade Oliveira Guimarãis, e com o concurso, não só de Benjamin Constant, mas dos Srs. R. Teixeira Mendes e Miguel Lemos, e mais algumas pessôas que se dizião pozitivistas. Pouco depois, o Sr. Teixeira Mendes e eu retiramo-nos para a Europa, não tendo tido esta sociedade até a minha volta da Europa, em 1881, sinão uma ezistencia nominal.

Sobre estas origens do movimento pozitivista no Brazil, vide o men primeiro relatorio anual, o opusculo que em 1889 publiquei com o Sr. Mendes sobre a nossa iniciação no pozitivismo, e a recente biografia de Benjamin Constant pelo mesmo confrade.

Retomarei este assunto na nóva edição de minha 1ª circular anual, que tencionо publicar brevemente.

mostra seguir de preferencia as relações do Sr. Laffite e seus sequazes; e dahi rezulta que as suas afirmações são por vezes, no que dizem respeito aos que divergem, inexatas, como um conjunto insuficiente e inveridico, em virtude da soma de fatos suprimidos.

« Não vejo razão para acuzar o escritor de estar de má fé. Apenas não conseguiu libertar-se da iluzão cauzada por espozições que ele aceitou como suficientes. Acressentarei, que ele não fez, que eu saiba, nenhum pedido de informações àqueles que se confessão dicipulos completos de Augusto Comte. [3] Surgiu isto de suas citações. O rezultado é uma espozição um tanto parcial.

« Naturalmente a concluzão do Sr. Gruber é altamente condenatoria do Pozitivismo. Ele conclui em favor do catolicismo romano como o verdadeiro Pozitivismo, regeitando a religião relativa pela absoluta. »

Com efeito, não deixa de ser curioza e significativa esta inversão na comparação das duas sintezes. O Pozitivismo, no seu escopo, é ahi tomado como termo de comparação para o catolicismo, de modo que o Padre Gruber declara que este é que é o *verdadeiro pozitivismo*. Bem ezaminada, esta propozição encerra uma confissão involuntaria da superioridade da nóva religião sobre a antiga.

Circular de 104 (1892) — p. 16

. . . . . .

b) A edição franceza do volume do Padre Gruber, sobre a vida e a doutrina de Augusto Comte. (22) Vem acrecida de um prefacio pelo Sr. Ollé Laprune.

(3) Devo, porém, dizer que logo que recebí aqui o primeiro livro do Padre Gruber sobre Augusto Comte, em 1889, endereceí-lhe uma coleção de nóssas pnblicações d'entre as que mais poderião esclarecê-lo sobre a situação atual do Pozitivismo. Éssa remessa chegou ao seu destino. Por outro lado, o Sr. J. Lagarrigue tambem forneceu em tempo por correspondencia e por livros, todos os esclarecimentos necessários. — M. L.

(22) *Auguste Comte, Fondateur du Positivisme. Sa Vie, sa Doctrine.* Traduit de l'allemand par M. l'Abbé Mazoyer. Paris, 1892. O volume é ornado com um retrato do Mestre.

em que se fala muito do pozitivismo no Brazil. Mas o escritor francez exagerou a influencia politica e social que temos exercido e continuamos a exercer em nossa patria. Quanto ao que diz respeito á apreciação do lugar que cabe ao pozitivismo entre as diversas doutrinas que disputão hoje a direção intelectual e social, notamos nesta parte um espirito mais aberto, vistas menos estreitas que as que habitualmente encontramos nos criticos catolicos.

Acerca da propria obra do Padre Gruber já falei a propozito de sua edição aleman. Mas a tradução franceza que acaba de aparecer oferece-nos um bom ensejo para julgarmos melhor similhante trabalho. Este juizo definitivo não póde deixar de ser mais desfavoravel do que o que fomos levado a fazer pelas impressõees de uma primeira leitura. Sempre superficial, malevolente algumas vezes, o autor parece, se haver contentado apenas, para compôr o seu livro, com folhear ás pressas as obras de Augusto Comte e os numerozos materiais que teve a seu dispôr. Sobre este assunto, o melhor que tenho a fazer é reenviar-vos para as paginas que o Sr. Lagarrigue consagrou ao livro do jezuita alemão em sua Primeira Circular Anual. (Vide os anexos).

Anexo E da Circular de 1892 — ps. 69 a 73

O livro do Padre Gruber sobre a vida e a doutrina de Augusto Comte

(Extracto da 1ª Circular annual de Jorge Lagarrigue, anno 1892, sahida em 1893; ps. 13 a 17)

(Tradução desta reprodução)

Devo assignalar emfim, como um acontecimento interessando o Pozitivismo, a tradução franceza do livro do Padre Gruber da Companhia de Jezus, sobre Augusto Comte. 1 É-me grato reconhecer que é a melhor expozição da obra e da vida do grande Renovador

1 Auguste Comte. *fondateur du Positivisme. Sa Vie. sa Doctrine* traduit de l'allemand par M. l'abbé Mazoyer, chez Lethielleux, Paris 1892.

que haja sido feita por um adversario do Pozitivismo. O Padre Gruber consultou com effeito as obras mesmas de Augusto Comte, e as dos seus principaes biografos. Nós lhe agradeceremos sempre ter reconhecido a perfeita continuidade da obra e da vida do nosso Mestre, como de ter mostrado que a sua biografia por Littré é um livro de má fé, inspirado por Madame Comte. É incontestavel que o trabalho do Sr. Gruber dará aos catholicos e mesmo aos livres-pensadores que o lerem uma idéa menos falsa da nossa doutrina e do seu fundador, que a que eles fazem ordinariamente, mediante os escriptos habituaes dos nossos adversários, tão superficiaes como mentirozos.

Porém a imprensa em geral por tal módo exagerou o merito do livro do Sr. Gruber, ao ponto de aprezentá-lo como uma narrativa muito exacta e imparcial da obra e da vida de Augusto Comte, que cumpre premunir o publico contra similhante apreciação.

Sem insistir sobre varias inexatidões de detalhe, direi que o Sr. Gruber, obedecendo, involuntariamente talvez, ás suas antipatias teologicas, aprezenta em geral sob um aspecto desfavoravel o caracter e as acções de nosso Mestre, de maneira a deixar inteiramente na sombra a grandeza e a nobreza da sua incomparavel vida. Assim está ele longe de prestar inteira justiça á longanimidade da conducta de Augusto Comte para com a sua indigna espoza. Ele faz mesmo acreditar ao leitor que o nosso Mestre uzava para com ella de odiozos processos, como quando diz (pagina 321) que « para assegurar a execução das suas ultimas vontades, *fingiu* possuir um segredo por tal fórma grave que si o divulgasse, a sua indigna espoza seria mesmo abandonada pelo seu principal defensor. » Como ouzou o Padre Gruber dizer isso de um homem que nunca avançou uma só idéia contraria ao que ele sabia ser a verdade? Como poude ele ignorar que esse segredo existia effectivamente e não era sinão o passado impuro de Madame Comte!

O Padre Gruber é igualmente soberanamente injusto para com o Mestre, quando narra as suas lutas com os sientistas e os academicos que lhe tirárão todos os meios de existencia. A ouvi-lo, seria Augusto Comte que teria todas as culpas; ele não deixa transparecer nada do odio encarniçado dos seus perseguidores. A esse respeito, o proprio Littré, embora academico, mostra-se mais imparcial e mais veridico na sua biografia.

Porém onde a secura e a antipatia teologicas cegárão inteiramente o Padre Gruber, é quando aprecia as relações de Augusto Comte e de Clotilde de Vaux. Ele ouza reproduzir a esse respeito as infames palavras de Mr. Guardia, e não sabe vêr sinão a caricatura do bélo e do nóbre, na pura e incomparavel ternura que palpita em cada uma das cartas do nosso Mestre a sua bem-amada. A sua alma é incapaz de admirar essa sublime transformação moral de Augusto Comte, que, desprendendo-se gradualmente de todo apetite sensual, eleva-se afinal até ao amor mais casto, mais profundo e mais desinteressado.

Em rezumo, o leitor não poderia achar no livro do Sr. Gruber sinão uma imagem bem palida e bem desfigurada da maiór existencia de que se possa honrar a Humanidade, dessa alma incomparavel que juntou á sociabilidade de São Paulo, a inteligencia de Aristoteles e a energia de Junio Bruto.

Não insistiremos demaziado agora sobre a insuficiencia do livro do Sr. Gruber, no que concerne á expozição da doutrina pozitivista, pois sabemos quanto é dificil fazer déla um bom rezumo. Porém os graves erros nos quaes ele cahiu e que eram faceis de evitar com um pouco de atenção, nos próvam que ele não tinha estudado a nossa doutrina suficientemente para poder comprehendê-la. Assim estamos autorizados a afirmar que ele não possuia sinão uma noção superficial da teoria cerebral de Augusto Comte, baze essencial entretanto do seu sistema religiozo, pois, a não ser assim,

ele não teria cometido este erro grosseiro de dizer (p. 252) que o signal pozitivista se faz *levando a mão successivamente aos orgãos do amor* (*occiput*), *da ordem* (*alto da cabeça*) *e do progresso* (*fronte*). Sabe-se, com efeito, que os dois principaes orgãos do amor e da ordem,—*a bondade* e *a deducção*,—achão-se colocados na parte superior e media da *fronte*, o segundo abaixo do primeiro, e que é o principal orgão do progresso —*a perseverança*— que se acha colocado no *alto da cabeça*.

O leitor póde igualmente verificar quão pouco o Padre Gruber comprehendeu o *Quadro Sociolatrico* que ele reproduz na pagina 232 do seu livro, considerando que, das sete notas que ele colocou abaixo desse quadro, só ha uma que seja exacta, a terceira, as outras seis sendo inteiramente erroneas ou incompletas. Era entretanto bem facil evitar esses erros lendo com um pouco de attenção as explicações que dá a esse respeito o quarto volume do *Sistema de Politica Pozitiva*.

Sejam quaes forem os defeitos do livro do Sr. Gruber, não duvidamos entretanto que por seu intermedio o Pozitivismo possa atingir algumas almas capazes de serem convertidas e que, sem ele, o terião para sempre ignorado. O seu aparecimento deve ser aliás considerado como um signal dos tempos, como um sintoma do acendente profundo, embora pouco aparente, que o Pozitivismo exerce cada vez mais sobre o publico occidental.

Circular de 105 (1893) — ps. 14 a 15

. . . . . .

Apareceu a anunciada edição franceza do segundo livro do Padre Gruber sobre o Pozitivismo. (17) Acerca deste defeituozo trabalho já vos falei em minha Undecima Circular Anual, e do que então escrevi vos lembrarei apenas o que é relativo ao Brazil:

(17) *Le positivisme depuis Comte jusqu'à nos jours*. Traduit de l'allemand por M. l'abbé Mazoyer, du clergé de Paris, 1 vol. in-16. Paris. P. Lethielleux, libr.-éditeur. 1893.

« A parte que nesse livro diz respeito ao pozitivismo no Brazil é muito deficiente e acuza pouco cuidado no modo por que forão aproveitadas as fontes de informações, nem todas dignas de fé. Frequentes vezes a nossa atitude e opiniões são ahi aprezentadas sob um ponto de vista falso. No numero dos pozitivistas brazileiros, o autor inclûi pessoas que são até adversários ferozes de nossa doutrina. Por fim, atribûi erradamente a Benjamin Constant a fundação, em 1871, da primeira sociedade pozitivista do Brazil. » (18)

Em uma nota da pag. 82 o Padre Gruber agradece a um « correspondente anonimo do Rio de Janeiro », que supõe ser eu, a remessa de varias de nóssas publicações. Como isto póde ser mal interpretado, devo dizer que eu nada escrevi ao referido autor, limitando-me a enviar-lhe pelo correio os impressos a que alude, com o unico fim de lhe ministrar elementos com que pudésse evitar erradas apreciações no livro que projetava publicar sobre e pozitivismo depois da morte de seu Fundador.

Extracto da publicação n. 6 do ano 72/139 (1926)
A aliança religiosa e a regeneração humana. Ps. 21 a 22

Tudo quanto precede evidencia que a liga religiosa que Augusto Comte propõe aos catolicos tornarem *voluntaria*, como já o é por parte dos positivistas, existe, de facto, espontaneamente, graças ao ascendente inilludivel da Humanidade sobre todos os seus filhos.

(3) Não é de estranhar que os estrangeiros assim se enganem, quando mesmo entre nós, sem falar no jornalismo cujas sentenças pouco importão, historiadores da Republica ha que timbrão de graves e profundos, e que entretanto mostrão desconhecer, além de muitas outras, a historia do movimento pozitivista no Brazil, atribuindo a Benjamin Constant um apostolado politico e social que ele nunca exerceu.

A ação direta do Fundador da Republica, como alhures o temos amiudo exposto, foi puramente intelectual, e ainda assim limitada ás concepções geraes do *Sistema de filozofia Pozitiva*, e mais especialmente ao que nesse tratado fundamental se referia ao dominio matematico. Seu meritorio concurso em similhante movimento foi fornecer á elite de uma parte de nossa mocidade, pelas entuziasticas referencias que costumava fazer, em suas aulas e conversações, a Augusto Comte e ao pozitivismo, um estimulo suficiente para impelir muitos desses moços a simpatizar com as soluções politicas e sociais, propagadas por nós.

Desde o inicio philosophico de Augusto Comte, a effectividade dessa liga se patenteou, conforme observa Augusto Comte, no seguinte trecho do IV tomo do *Systema de Politica Positiva*:

«Emfim, o quinto opusculo (*Considerações sobre o Poder espiritual*) expoz, de uma maneira decisiva, em março de 1826, no mesmo periodico (*O Productor*), a divisão, philosophica e social, das duas potencias elementares.

«A minha tendencia contínua a fundar um novo sacerdocio tornou-se desde então assaz pronunciada para attrahir-me, ao mesmo tempo os reproches da escola revolucionaria sobre pretexto de theocracia, e as felicitações da escola retrograda, em nome da ordem. O contraste das duas apreciações que esse trabalho inspirava a dous escriptores acreditados (Benjamin Constant e Lamennais) indicava já a attitude normal po partido que eu instituia em relação áquelles dos quaes eles eram os chefes respectivos. Essa opposição poude ser especialmente verificada em um mesmo espirito, quando o eloquente defensor do catholicismo tornou-se cegamente hostil á doutrina positiva, á medida que elle degenerava em declamador revolucionario.» (*Appendice geral*, pags. III a IV.)

. . . . . .

Note-se que, por uma feliz coincidencia, o ano de 1826, no qual Augusto Comte trouxe, aos esforços regeneradores do Sacerdocio Catholico, o apoio do Positivismo nascente, era o do sexto-centenario subjectivo do grande S. Francisco de Assis, o incomparavel reformador do decimo-terceiro seculo.

Os documentos relativos ás relações entre Augusto Comte e Lamennais, acham-se reunidos na publicação da Igreja Positivista do Brazil, sob o titulo: Clotilde de Vaux (n. Marie) et Augusto Comte. Tomo II (Segunda parte), n. 388 B, sahido a 5 de Moisés de 64/130 (5 de Janeiro de 1918).

Chegado ao termo da sua carreira, Augusto

Comte tomou a iniciativa de tornar *voluntaria* por parte dos catolicos, a liga religiosa, propondo-a ao Geral da Companhia de Jesus, em Roma. Foi encarregado dessa missão em prol da regeneração humana, Alfredo Sabatier. Infelizmente, o Geral dos Jesuitas não correspondeu aos votos altruistas do nosso Mestre.

Depois da calamitosa morte de Augusto Comte, a evolução da Humanidade vae tornando cada vez mais evidente a convergencia espontanea dos esforços religiosos dos catolicos e dos positivistas. De sorte que, sejam quaes forem as decepções do presente, os verdadeiros positivistas sentem-se amparados incessantemente, pela Humanidade, e antevêm, como cada vez mais proximo, o dia em que os catolicos aceitarão voluntariamente a aliança em que o Destino benevolo, embora cego, cada dia mais os empenha.

Concluindo a *Imitação*, Thomaz de Kempis formulou a sentença:

«Toda razão e toda investigação natural deve seguir a fé, e não precedel-a nem infringil-a.» (Livro IV, cap. XVIII).

Augusto Comte tomou essa sentença para epigrafe da *Synthese Subjectiva*, traduzindo-a no seguinte axioma:

O homem deve cada vez mais subordinar-se á Humanidade

Augusto Comte já havia assignalado a origem desse axioma, transformando a maxima catholica:

«O homem se agita e Deus o conduz»

no principio positivista:

«O homem se agita e a Humanidade o conduz».

Extrato da publicação n. 354. Ps. 22 a 29

Ainda as relações entre os católicos e os pozitivistas.

O predominio do amor universal léva naturalmente, e tambem cada vez mais sistematicamente, a abster-se de tratar das *divergências* que divídem as almas, sobretudo quando éssas divergências lígão-se

aos sentimentos mais delicados votados a crenças inacessíveis a todo ezame pozitivo, como as crenças sobrenaturais e metafízicas.

Eis porque não é lícito, aos verdadeiros pozitivistas, entreter-se, *com os fiéis das divérsas religiões*, acerca das crenças sobrenaturais respectivas, a menos que circunstâncias involuntárias solicítem a manifestação das opiniões pozitivistas, a tal respeito. E, nesse cazo, cumpre limitar-se ao que é imprescindível para caraterizar a opinião pozitivista, espondo éssa opinião sem jamais esquecer os deveres do mais sincéro respeito, para com as instituïções religiózas da Humanidade, cuja realidade objetiva os nóssos irmãos acêitão.

—

Mas, está claro que, entre pessoas que possúem as mesmas crenças, o predominio do Amor universal *póde*, pelo contrário, ocazionar habitualmente, e ezigir até, minunciózas e cabais esplicações acerca das *divergências* entre a religião respectiva e as demais. Assim, nada mais fraternal do que um pozitivista esplicar a outro pozitivista a evolução da Humanidade, elevando se do Fetichismo ao Pozitivismo, através do Teologismo, quér Politeista, quér Monoteísta. E para isso, tem-se de esplicar as teorias da Religião da Humanidade acerca de todas as crenças quaisquér, naturais ou sobrenaturais.

Nada, tambem, mais de acordo com a fraternidade universal do que espor claramente as concepções de uma doutrina, nos escritos *esplicitamente* destinados a aprezentar o conjunto déssa doutrina. Porque, quem vai ler escritos de tal natureza sabe préviamente o que neles eziste ou póde ezistir fundamentalmente em dezacordo comsigo.

—

Iso posto, consideremos as acuzações feitas a Augusto Comte, por cauza das opiniões por ele emitidas sobre Jezus Cristo.

Sábem todos que, segundo a crença católica,

Jezus Cristo é, ao mesmo tempo, verdadeiro Deus e verdadeiro hômem. E éssa crença é bazeada nas próprias declarações atribuídas a Jezus Cristo. Lógo, para aceitar éssa crença, é precizo, *antes de tudo*, crer em Deus. Desde que não se crê em Deus, ou, milhór, desde que não se crê no *sobrenatural*, ¿ que juízo formar-se de um hômem que se declara Deus?

Si Aristóteles, ou São Paulo, São Bernardo, Descartes, etc., si declarássem Deus, ou consentíssem que os julgássem Deus, apezar de todo o seu maraviIhozo saber, e apezar de todas as incomparáveis virtudes, privadas e públicas de que dérão prôvas, ¿ que juízo a moral e a razão obrigarião a formar deles?...

Pois bem, todos os católicos sábem que os pozitivistas não crêem em Deus; portanto, os católicos não pódem estranhar nenhuma das opiniões que Augusto Comte manifestou sobre Jezus Cristo, quér nos seus livros, quér nas cartas aos seus dicípulos e convérsas com estes. ¿ Quando foi que Augusto Comte molestou alguem falando acerca dos sentimentos e opiniões aceitadas pelas pessoas a quem se dirigia?

—

E para que não réste a mínima dúvida, a este respeito, bastará lembrar que os géstos e as palavras atribuídas a Jezus, nos Evangélhos, só encôntram, *por vezes*, *esplicação* na qualidade de Deus que os católicos crêem pertencer a Jezus-Cristo. Disso dá testemunho insuspeito a seguinte passágem de um escritor católico:

« Foi no trigézimo-terceiro ano de Jezus-Cristo, trigézimo da éra vulgar, que o Salvador tendo rezolvido manifestar-se ao mundo, foi ao batismo de São João, daí ao dezérto, depois a Caná de Galiléa, onde foi convidado para as bôdas com sua Mãi e seus dicípulos. O vinho vindo a faltar, a Mãi de Jezus disse-lhe: « *Eles não têm vinho* », Jezus respondeu-lhe: *O que ha de commum entre vós e mim? A minha hora não é ainda chegada* ». São Crizóstomo e aqueles que têm costume de seguí-lo nas suas esplicações, crêem que a

Santa Virgem tivéra néssa ocazião algum movimento de vaidade, e que éla tinha sido tentada pelo dezejo de vêr-se ezaltada pelos milagres de seu Filho; e que foi isso o que acarretou éssa respósta do Salvador, *que paréce um pouco dura.* (Somos nós que sublinhamos.) Mas os outros Padres e os comentadores atribúem o que disse a Santa Virgem à sua caridade e à sua compaixão para com aquéla póbre gente; e as palavras do Salvador, eles atribúem, *não a Jezus como hômem, mas a Jezus como Deus.*» (Somos nós que sublinhamos.) (Vide Dom Augustin Calmet — *Dictionnaire de la Bible*, article *Marie.* — Collection Migne.)

Quanto à alegação que consiste em negar que Jezus Cristo se haja declarado Deus, considerando-se como apócrifas ou mal interpretadas tais declarações, os católicos não a podem formular. Portanto, não é lícito aos católicos estranhárem que Augusto Comte não tivésse tomado tal alegação em consideração. É, porém, evidente que, si ficasse provado o fundamento déssa alegação, nenhuma acuzação caberia a Augusto Comte pelas opiniões dele, *apoiadas* em um dado biográfico geralmente aceito. Augusto Comte teria sido, em similhante hipóteze, vítima de uma informação inezata com todos os vizos de verdade.

Nóte-se agora que as instituições católicas, — dógma, culto e regimen—áchão-se fundamentalmente, não nos Evangélhos, porém nas Epístolas de S Paulo. A própria instituição da Eucaristia, afirma categóricamente São Paulo, que a recebeu pela *revelação* de Jezus Cristo. São Paulo afirma tambem que não recebera de homem algum, porém sim pela *revelação* de Jezus Cristo, toda a doutrina que pregava. Em tais condições, os católicos procédem *coerentemente* atribuíndo a fundação do Catolicismo a Jezus Cristo, porque os católicos crêem em Deus, e crêem que Jezus Cristo é Deus.

Mas, Augusto Comte que não acreditava em Deus, a quem havia de atribuir as doutrinas de São Paulo

sinão ao proprio S. Paulo? A quem havia, pois, de considerar como fundador do Catolicismo, sinão ao próprio São Paulo? (1)

Augusto Comte não disse que São Paulo «*por conveniência atribuíu a Jezus a deificação que haveria de assumir, si não se houvésse já espalhado a legenda daquele tipo . . .*», confórme lhe atribuíu o Dr. Felício dos Santos.

Nósso Méstre afirma justamente que a elevação moral e mental de que São Paulo deu próvas, *não consentiria que ele se deificasse.* Mas, éssa elevação moraí e mental, unida à sua grandeza política, levou São Paulo,—em conseqüência do estado mental *fatalmentê teológico-metafízico* em que ele bem como todos os seus contemporâneos *sem ecepção* se achávão, — a sentir *sincéramente* que o fundador do monoteísmo ocidental devia ser o próprio Deus. Em tal situação. São Paulo foi levado *sincéramente* a aceitar que Deus se havia incarnado em Jezus, desde que teve a vizão de Damasco, vizão que, segundo o estado mental teológico-metafízico de São Paulo, foi considerado como um fato *objetivamente real*, e, portanto, lhe demonstrou a resurreição de Jezus, e a divindade de Jezus.

A teoria cerebral de Augusto Comte, dezenvolvendo e consolidando o trabalho monumental de Gall, bem como a teoria sociológica de Augusto Comte, permítem compreender éssa evolução de São Paulo, de acordo com a sublimidade moral e mental patenteada nas Epístolas de São Paulo, estreme de qualquér facinação pessoal.

Si São Paulo não se tivésse convencido que algum

(1) S. Paulo não viu, em Jesus, o Messias, sinão desde o dia em que acreditou que Jesus éra Deus. Essa atitude de S. Paulo fás facilmente compreender a de Augusto Comte, a respeito de Jezus. Cumpre, porém, não esquecer que os sentimentos e as opiniões teológicas de S. Paulo o tornárão, antes de sua conversão, inimigo e perseguidor dos cristãos; ao passo que os sentimentos e as opiniões pozitivistas inspirárão, a Augusto Comte, uma gratidão e uma veneração sempre crecentes para com o catolicismo e para com a missão dos católicos afim de assegurárem a regeneração social.

(Nóta em 22 Archimédes de 59 125—16 de abril de 1913.)

Santa Virgem tivéra néssa ocazião algum movimento de vaidade, e que éla tinha sido tentada pelo dezejo de vèr-se ezaltada pelos milagres de seu Filho ; e que foi isso o que acarretou éssa respósta do Salvador, *que puréce um pouco dura.* (Somos nós que sublinhamos.) Mas os outros Padres e os comentadores atribúem o que disse a Santa Virgem à sua caridade e à sua compaixão para com aquéla póbre gente ; e as palavras do Salvador, eles atribúem, *não a Jezus como hômem, mas a Jezus como Deus.* » (Somos nós que sublinhamos.) (Vide Dom Augustin Calmet — *Dictionnaire de la Bible*, article *Marie.* — Collection Migne.)

Quanto à alegação que consiste em negar que Jezus Cristo se haja declarado Deus, considerando-se como apócrifas ou mal interpretadas tais declarações, os católicos não a podem formular. Portanto, não é lícito aos católicos estranhárem que Augusto Comte não tivésse tomado tal alegação em consideração. É, porém, evidente que, si ficasse provado o fundamento déssa alegação, nenhuma acuzação caberia a Augusto Comte pelas opiniões dele, *apoiadas* em um dado biográfico geralmente aceito. Augusto Comte teria sido, em similhante hipóteze, vítima de uma informação inezata com todos os vizos de verdade.

Nóte-se agora que as instituições católicas, — dógma, culto e regimen—áchão-se fundamentalmente, não nos Evangélhos, porém nas Epístolas de S Paulo. A própria instituição da Eucaristia, afirma categóricamente São Paulo, que a recebeu pela *revelação* de Jezus Cristo. São Paulo afirma tambem que não recebera de homem algum, porém sim pela *revelação* de Jezus Cristo, toda a doutrina que pregava. Em tais condições, os católicos procédem *coerentemente* atribuíndo a fundação do Catolicismo a Jezus Cristo, porque os católicos crêem em Deus, e crêem que Jezus Cristo é Deus.

Mas, Augusto Comte que não acreditava em Deus, a quem havia de atribuir as doutrinas de São Paulo

sinão ao proprio S. Paulo? A q... pois, de considerar como fundador do Catoli... sinão ao próprio São Paulo? (1)

Augusto Comte não disse que S... *veniência atribuíu a Jezus a deificação... sumir, si não se houvésse já esp... tipo . . .* », confórme lhe atribuí... Santos.

Nósso Méstre afirma justa... moral e mental de que São Paulo ... *sentíria que ele se deificasse.* Mas ... e mental, unida à sua grandeza ... Paulo,—em conseqüência do estado ... *teológico-metafízico* em que ele bem ... contemporâneos *sem ecepção* se a... *sincéramente* que o fundador do m... devia ser o próprio Deus. Em tal ... foi levado *sincéramente* a aceitar q... carnado em Jezus, desde que teve a ... vizão que, segundo o estado men... zico de São Paulo, foi considerado ... *tivamente real*, e, portanto, lhe dem... ção de Jezus, e a divindade de Jezus.

A teoria cerebral de Augusto ... vendo e consolidando o trabalho mo... bem como a teoria sociológica de Aug... mítem compreender éssa evolução d... acordo com a sublimidade moral e m... nas Epístolas de São Paulo, estreme de ... nação pessoal.

Si São Paulo não se tivésse convencid...

(1) S. Paulo não viu, em Jesus, o Messias, sinão de... que acreditou que Jesus éra Deus. Essa atitude de S. Paulo ... mente compreender a de Augusto Comte, a respeito de Jezus. C... porém, não esquecer que os sentimentos e as opiniões teológica... S. Paulo o tornárão, antes de sua conversão, inimigo e perseguidor ... cristãos ; ao passo que os sentimentos e as opiniões pozitivistas inspi... rárão, a Augusto Comte, uma gratidão e uma veneração sempre crescentes para com o catolicismo e para com a missão dos católicos afim de assegurárem a regeneração social.

(Nóta em 22 Archimédes de 59 125—16 de abril de 1913.)

dos que, no seu tempo, pregávão o monoteísmo e anunciávão-se como Deus, e especialmente entre os Judeus, proclamávão-se o Messias, éra de fato Deus, ele teria apenas deixado a sua doutrina no vago, limitando-se a anunciar aos gentios, como os profétas aos Judeus, o futuro Redentor ou Messias. Jámais São Paulo se teria deificado. É isso que rezulta claramente dos ensinos de Augusto Comte.

—

Vê-se por aí, que São João Batista tendo tambem pregado a próssima vinda do Messias, e reconhecido, em Jezus, o Messias, constitúi o verdadeiro precursor judeu de São Paulo. Foi por isso que Augusto Comte colocou São João Batista no Calendario Pozitivista, entre os outros tipos judaicos, na última semana do mês de Moizés, semana cujo domingo é consagrado á celebração de Maomé.

Jezus foi, a principio, colocado, por Augusto Comte, no Calendario Pozitivista, depois de São João Batista, no sábado da última semana do mês de Moizés. Depois projetou colocá-lo como *adjunto* de São João Batista, considerando Jezus como simples hômem.

Nóte-se que *adjunto*, no Calendário Pozitivista, não quér dizer *sequás; adjunto* é o tipo cuja influência social foi análoga ou complementar da do tipo principal, e cuja fésta especial realiza-se, em lugar da deste, nos anos bissestos.

—

Si afinal, Augusto Comte convenceu-se que Jezus não podia ser colocado no Calendário Pozitivista, foi, primeiro, pelo fato do calendário pozitivista conter únicamente tipos puramente humanos, aliás históricos ou legendarios. Ao passo que Jezus é Deus, confórme a crença católica. E, em segundo lugar, desde que não se crê na divindade de Jezus, os dados constantes dos Evangélhos não motívão uma glorificação especial de Jezus, como simplesmente hômem.

¿Que prevenção censurável, em tal apreciação, eziste, acerca de Jezus? Repetimos: toda éssa apreciação decórre do dilema, crer ou não crer em Deus. Porque, si não se crê em Deus, não se póde crer na divindade de Jezus. E si não se crê na divindade de Jezus, não se póde ter, de Jezus *como simples hômem*, a opinião que os católicos têm. Pois vimos que, muitos atos e palavras atribuídas a Jezus, nos Evangélhos, só são aceitáveis acreditando que Jezus é ao mesmo tempo verdadeiro Deus e verdadeiro hômem. [1]

—

É precizo, enfim, não esquecer que, considerando a crença em Jezus como foi pregada por São Paulo, isto é, no ponto de vista católico, reprezentando a *humanização* de Deus, éssa crença mereceu sempre, e cada vês mais, a profunda admiração e a profunda veneração de Augusto Comte. Para quem crê em Deus, similhante misterio institui a baze para assegurar o acendente do altruísmo sobre o egoísmo, sobre o espírito, e sobre a atividade. Porque só ele condus ao culto católico de Maria, confórme o sistematizou São Bernardo, culto que prepara dirétamente o culto da Humanidade rezumido na utopia pozitivista da Vírgem-Mãi.

1. Cumpre não esquecer que a deificação não tem, no Monoteísmo o mesmo alcance, que no Politeísmo. Porque, no Politeísmo, o afastamento entre o tipo humano e o tipo divino éra infinitamente menor do que no Monoteísmo. Dada a ingenuidade das crenças primitivas, a pretenção de ser ou tornar-se Deus éra, enquanto prevalece o Politeísmo, compatível com cérta superioridade real, moral e mesmo intelectual, em cértos tipos, em relação aos seus contemporâneos. Ao passo que éssa pretenção tórna-se inadimissível, moralmente e mentalmente, no Monoteísmo, e especialmente em um Monoteísmo surgido e dezenvolvido após Homéro, Esquilo, Tales, Pitagoras, Aristóteles, Hipócrates, Arquimédes, Apolonio, Hipárco.

(Nóta em 23 de Arquimédes de 59 125—17 de Abril de 1913.)

Frontispicio da edição original.

REPÚBLICA OCIDENTAL.

Órdem e Progrésso—Viver para outrem,

CATECISMO POZITIVISTA,

OU

SUMARIA EXPOZIÇÃO DA RELIGIÃO UNIVERSAL,

EM ONZE CONFERENCIAS SISTEMATICAS

entre uma Mulhér e um Padre da **HUMANIDADE;**

Por Augusto COMTE,

Autor do *Sistema de filozofia pozitiva*,
e do *Sistema de politica pozitiva.*

O Amor por principio;
A Órdem por baze,
E o Progrésso por fim.

Preço deste Volume: TRES FRANCOS.

PARIS

Em caza do AUTOR, 10, rue Monsieur-le-Prince;

E NA CAZA CARILIAN-GŒURY E Vor DALMONT,

LIVREIROS DOS CÓRPOS DE PONTES E CALÇADAS E DAS MINAS.

caes des Augustins, n.º 49.

Outubro de 1852

Sexagezimo-quarto ano da grande revolução.

Tradução e nótas de Miguel Lemos
1ª edição Abril de 1890 — 102º ano da Grande Revolução e
2º da República Brazileira.
Está na 3ª edição.

PROGRAMA DAS PRÉDICAS.

1º de Moizés

FESTA DA HUMANIDADE

HUMANIDADE — Grão-Ser
TÉRRA — Grão-Fetiche
ESPAÇO — Grão-Meio.

Primeira celebração (1º Moizés 93—1º Janeiro 1881)

—

COMEMORAÇÃO.

Preâmbulo. Invocação habitual. (de pé)

Fórmula sagrada, (fazendo simultâneamente o sinal pozitivista): [1]

O Amor por princípio, e a Órdem por baze;
O Progrésso por fim. [2]

1º Tens. Senhóra! etc.

Tens, Senhóra, tão grande potestade,
Que quem a graça quér e a Ti não córre,
Sem azas, lhe voar quér a vontade
A tua benignidade não socórre
A quem T'implóra só; com caridade,
Frequêntemente à súplica precórre.
Em Ti, mizericórdia; em Ti, piedade;
Em Ti, magnificência; em Ti concórre,
Tudo quanto, no Mundo, ha de bondade.

O Vírgem-Mãi, e Filha de teu filho!
A Ti, mais que à nós mesmos,
Amemos sem cessar;
E a nós, sómente
O puro amor de Ti nos faça amar!

1. Vide o *Catecismo pozitivista*, trad. e nótas de Miguel Lemos 3ª edição ps. 146 e 470.

2. Sobre esse enunciado definitivo da *fórmula sagrada*, dís nósso MÉSTRE:

"... ésta entrevista (a sua *décima Santa Clotilde*), acaba de inspirar-me a felis modificação que fís, ésta manhan (10 de Gutenberg de 66—22 de Agosto de 1854), a tempo sem dúvida, na fórmula fundamental da nóssa religião (*O Amor por princípio; a Órdem por baze, e o Progrésso por fim*) Combino néla o segundo termo com o primeiro izolando o último: o que déve dóra-

2º (Música). ALTRUITÀ, [1] etc. (canto) (sentados).

HINO DO AMOR

(*Coro da Caridade*. de ROSSINI)

(Letra só modificada por Miguel Lemos, nos vocábulos ; *Altruità* e *altruitade* em lugar de *Carità*, e *caritade*; *La Dea* em lugar de *Iddio*.) (2)

CORO — O altruitade,
Virtù del cor ;
Tu l'uomo infervori
Di santo ardor.
Tu l'affratelli ;
E nei martir
Consoli il poveto
De' suoi sospir.

SOLO — La Dea rivelasi
Solo per te :
Tu inspiri al misero
Del ben la fè.
L'alma che accendesi
Del tuo fervor,
Spande su gli uomini
Divin fulgor.

CORO — O altruitade,
Virtù del cor ;
Tu l'uomo infervori
Di santo ardor. etc.....

vante milhór adaptá-la á sua destinação normal. Enquanto eu tinha de superar a insurreição do espírito contra o coração e a sizão do progrésso para com a órdem, a fórmula primitiva permanecia preferível. Porem o meu volume final (quarto tomo da POLITICA POZITIVA) havendo assás preenchido ambas éssas condições, a nóva redação fará milhór sentir a constituição religióza do pozitivismo, a aliança entre o amor e a fé para guiar a atividade. Reprezentando a unidade como rezultante do concurso da simpatia interior com a órdem exterior, éla permite mais regular toda a ezistência, mesmo fizica, mediante uma destinação sempre altruísta. Assim, viverei milhór para a Humanidade, diretamente na minha carreira pública, indiretamente servindo a família cujo centro me oferéces, e que fás-me as vezes de pátria, de maneira a consolidar cada vés mais a nóssa íntima diviza : Amor e respeito etérnos.» (TESTAMENTO, ps. 216 a 217.)

1. Cantada pela primeira vês por ocazião da inauguração do Templo da Humanidade do Rio de Janeiro, a 3 de Gutenberg de 103 - 15 de Agosto de 1891), fésta da MULHÉR, idealizada na utopia pozitiva da VIRGEM-MÃI. O *Culto público* na Igreja Pozitivista do Brazil dezenvolveu-se, em tudo que é concernente à colaboração feminina e à múzica, especialmente o canto, sob a direção estética da venerável Espoza do Fundador da Igreja Brazileira, e a sua primeira conversão à RELIGIÃO DA HUMANIDADE, nóssa Irman Albertina Torres de Carvalho Lemos, que uma mórte prematura arrebatou á 1º de Homéro de 62/128 (29 de Janeiro de 1916).

(2). Informação de J. Mariano de Oliveira.—R. T. M.

SOLO — Allor che il mondo
Fur voce ud à
Di guerra il fremito
Si spegnerà.
Lira, l'orgoglio
Sian vinti allor
Da un sacro vincolo
D'eterno amor.

CORO — O altruitade,
Virtù del cor ;
Tu l'uomo infervori
Di santo ardor. etc.....

I *Comemoração especial*

1) Hino ao Amor (1ª parte) : Hino à Humanidade, à Térra, e ao Espaço ; (*de pé*).

HINO AO AMOR

Ensaio de uma paráfraze pozitivista do Cap. V, Liv. 3º, da IMITAÇÃO, de *Tomás de Kêmpis*, segundo a tradução em vérso de *Corneille*.

(2ª edição milhorada)

I

Ave! cara Humanidade!
Vírgem-Mãi! Nóssa Senhóra!
Fonte de toda bondade
Que nóssa alma entezóra!
Térna e humilde Divindade [1]
Que tudo no mundo adóra!

1. Na 1ª edição estava : *Soberana Santidade*. Modificamos em virtude do seguinte trecho da carta de nósso MÉSTRE a P. Laffitte, de 8 de Gutenberg de 64 (19 de Agosto de 1852) :

«. . Com receio de esquecimento, recomendo-vos *ex abrupto* de não aplicar à Humanidade a palavra de *Soberania* que, por ser absoluta, não convinha sinão a Deus ou ao Povo. É a palavra puramente relativa de *Supremacia* que cumpre empregar para com a nóssa deuza, que está infelizmente muito longe de ser *Soberana* no mundo real, embora seja ahi *Suprema*, isto é superior a todos os seres conhecidos, tanto coletivos como individuais. Sentireis facilmente o alcance désse precizão de linguágem, para fazer milhór contrastar o dógma pozitivo com o dógma teológico e o dógma metafizico.» (*Rer. Occ.* nº de 14 de Carlos-Magno 121 (1º de Julho de 1909). Trecho transcrito na *Circular anual* do *Apostolado Pozitivista no Brazil*, correspondente ao ano 120 (1908), p. 82).

Quanto ao epiteto de *humilde*, foi aplicado à nóssa Deuza por nósso

II

Sempre os óllhos compassívos
Póstos em nós com brandura,
Nos transes mais aflitivos
Com que a dor nos amargura,
Nos trazes os lenitivos
Da tua infinda ternura.

III

Te sêjão dadas mil graças,
Oh! Mãi de mizericórdia,
Que nóssas almas congraças
Em tua etérna concórdia,
Serenando as ameaças
Do egoismo em discórdia.

IV

Óra e sempre os teus louvores
Não cessarão de arroubar-nos,
Rememorando os favores
Que nunca dêixão de dar-nos
Teus carinhos, teus amores,
Para felizes tornar-nos.

V

Por ti se espande fervente
Da gratidão alma essência,
Á Térra beneficente,
Cuja perene assistência
Fórma a baze providente
De tua ecélsa ezistência.

Méstre, como se vê, entre outras passágens, no Catecismo pozitivista, tradução e nótas de Miguel Lemos, 3ª edição, 10ª *Conferência*, ps. 336 a 337:

«... O coração do verdadeiro pozitivista déve, no interior, repelir sempre as vontades arbitrárias, como seu espírito as afasta no exterior. *Nóssa humilde deuza* está, com efeito, izenta dos vários caprichos peculiares ao seu precursor todo-poderozo. Seus atos quaisquér séguem leis apreciáveis, que o estudo pozitivo de sua natureza e de seu destino nos revéla cada vês mais. Subordinando-nos tanto quanto possível a éssas leis, faremos sem cessar progréssos inezhauríveis na conquista da páz, da felicidade, e da dignidade.»

VI

A mesma santa homenágem
Nos recórda jubilóza
Do Sol a possante imágem,
Da Lua a face mimóza,
E a celéste linhágem
Da nóssa Térra amoróza.

VII

E nesse ditozo enleio
Do sentir alto e fecundo,
Tambem ao benino Meio
Que te envólve e ao nósso Mundo,
Se eléva do nósso seio
Um grato aféto profundo.

VIII

Vem! oh! vem! Deuza querida,
Virgem-Mãi! Nóssa Senhóra!
Ezultar a nóssa vida,
Alentando em cada hóra
A nóbre chama acendida
Nesse amor que te devóra.

IX

Es tu só a nóssa gloria
E toda a nóssa alegria!
Só arrimo da vitória
Nas lutas que a simpatia
Nésta vida tormentória
Tem de travar noite e dia.

X

Com a meiga solicitude
Socórre a fragilidade
Da nóssa póbre virtude.
E com a doce potestade
O nósso amor tíbio e rude
Sustem na adversidade.

XI

Vizita freqüentemente
Nósso filial coração,
Pois és tu únicamente
Quem lhe trás consolação,
Quem lhe ensina etérnamente
Os vérbos da perfeição.

XII

Das más paixões nos libérta
Com tua grata prezença;
Éla só o amor dispérta
Esvaindo a névoa densa
Que nóssa mente acubérta,
Nos velando a santa crença.

XIII

Só assim serão sentidos
Enlevos do puro amor!
Santos gozos espargidos
Por teu sublime esplendor!
Almos prazeres hauridos
No teu contínuo labor!

b) (*sentados*) Elogio do Amor, até:
« Do côro que celebra a Vírgem-Mãi divina: »

Sómente de real, no mundo, eziste amar!
É bem cujo valor se busca embalde achar!
Maiór que tudo, e mais que tudo memorável,
Consigo únicamente o amor é comparável.
O fardo mais pezado o amor tórna sutil;
O céu mais tenebrozo invérte em céu de anil,
E o chóque dezigual dos rudes temporais
Jamais encontra nele esfórços dezigüais.
De todo se entregando à formozura eleita,

O mais severo jugo inebriado aceita:
E o sublime apego ao dino ente querido
Lhe tórna da amargura o saibo apetecido.

O amor da Humanidade é nóbre e generozo;
Dos atos grandes tórna o hômem sequiozo;
E as fórtes impressões por ele em nós causadas
Nos fázem cubiçar ações mais ezaltadas.
O amor só acha encanto em sublimada altura;
Encara com desdem qualquér baixa aventura;
Procura em livre surto estaziar-se todo,
As mais rijas prizões quebrando com denodo;
E teme que a mais léve e súbita impureza
Não venha marear-lhe a divinal clareza;
Que a fútil sedução dos gozos subaltérnos
Lhe abata a devoção dos sumos bens etérnos;
Ou que, para evitar qualquér vulgaridade,
Esbarre num escolho à sua felicidade.

A dulcidão do amor e a sua força estrema
São dos grandes heróis a aspiração suprema;
Em vão indagareis milhór coiza na Térra,
Mais alta perfeição em quanto o Espaço encérra;
Porquanto o amor provem da própria Humanidade
E néla encontra só perfeita idoneidade;
De lá vem e lá tórna esse fulgor sem fumo,
Que princípio al não tem, nem tem outro rezumo.

Á mais ligeira vós, dos ólhos num relance,
O amante parte, córre, e voa sem que cance;
E ha tanta alegria em seu fervente zelo,
Que fora esforço vão tentar siquér detê-lo.
Por todos igualmente o mesmo ardor consérva;
A todos tudo entréga, e nada a si rezérva;
Tão pródigo, porém, de nada se empobréce,
Que no supérno bem de tudo s'enriquéce:

No adorável [1] bem ao qual os outros cédem,
Que só todos contem, do qual todos procédem;
E nesse único apoio inteiro se sustendo,
Encontra em todos tudo, a ele apenas tendo.

Só vê num dom qualquér o cubiçado ensejo
De celebrar da Autora um rasgo benfazejo.
O amor não tem medida e seu fervente anhélo
Jamais s'equiparando ao fim do seu desvélo,
Ele o crê sempre em falta, e muita vês murmura,
Embóra esse fervor eceda a toda altura.

O amor não sente pezo, e nada o suster póde:
Labor algum não ha que ao menos o incomóde.
Quér mais do que tentar a força lhe autoriza,
E o impossível mesmo em nada o atemoriza:
Do bem o entuziasmo em si não tem limite,
Lhe fás possível tudo, e tudo lhe permite.

Assim, quem sabe amar de tudo é sucetível:
Conségue ezecutar o que paréce incrível;
Mas a falta de amor aniquila a corágem,
Amortéce o vigor; a alma entréga à vorágem
De ignóbeis paixões e de torpe demência,
Lança o hômem enfim na mais triste indigência.

O amor é como o Sol, não dórme um só mcmento;
Do sono no torpor, consérva o atilamento;
Não póde a mór fadiga haurí-lo de cansaço,
E é livre na tenás do mais ferrenho laço;
Curvado a fardos mil, jamais fica oprimido,
Horror por sobre horror encara destemido;
E nesse ardente afan bem mal se lhe assemelha
Vivace e brusca chama ou fúlgida centelha
Que vai de pólo a pólo, em tétrico escarcéu,
Com a facinante lus nos desvendando o Céu.

1. Na 1ª edição estava *soberano* como na tradução de CORNEILLE.—R. T. M.

Quem sabe amar conhéce o redentor encanto
Da vós que em nós talvés supéra o milhór canto,
E num concerto augusto o coração afina
Ao coro que celébra a Virgem-Mãi divina!

2º *Umanità* [1] (canto) (de pé)

(*Missa solene* de ROSSINI — *Salutaris*)
(Letra de J. Mariano de Oliveira.)

Umanità! tuo santo aspetto
Ne infonde in cor sagrato affetto
In te vedemo il sacro Nume
Pieno d'amor e dolce lume.

Umanità suprema invitta,
Nella bontà de' duoni tui
A quel che piange e implora aita
Tu mostra il ben di nostra vita
Ch'è sol di viver per altrui.

3º Hino ao Amor (2ª parte). (*de pé*), a Oração:

I

Deuza de amor, nos abraza
No teu aféto sublime;
Desse gelo que atenaza
Com teu fervor nos redime:
Dá que sómente nos praza
Santo ardor que mal s'esprime.

II

Na tua alma estremóza
A nóssa póbre incorpóra;
E dilata caridóza
Um coração que te implóra
Vastidão mais espaçóza
Para conter-te, Senhóra.

1. Cantada pela primeira vês por ocazião da inauguração do Templo da Humanidade do Rio de Janeiro, na féста da Mulhér, a 3 de Gutenberg de 103 (15 de Agosto de 1891). — R. T. M.

III

Dá que encontremos suplícios
No que não for te adorar;
Que se ábrão só precipícios
Onde quér que se afastar
De teus bondózos auspícios
Nósso continuo pensar.

IV

Jamais seja o esforço falho
No teu bendito labor:
E, qual o fecundo orvalho
Que perfuma a grata flor,
Se torne o nósso trabalho
Num puro hino de amor!

V

E seja um concerto infindo
De perenal gratidão
Em tudo que produzindo
For da Térra a perfeição,
Em tudo que fôr surgindo
Do Espaço pela amplidão.

VI

Dá, oh! Mãi estremecida,
Que tudo em ti adoremos;
Qu'èm ti nóssa alma embebida,
Mais a ti que a nós amemos;
Que só por ti redimida,
A própria vida prezemos.

VII

Tal é o vóto contín'o
Dum coração que se deu
Ao teu serviço divino,
Sem nada guardar de seu;
Que não tem outro destino
Sinão que o tenhas por teu.

(*depois sentados*, a Exhortação):

Pois bem: do amor guardai o permanente ensino,
Lembrai-vos quanto é grande e quanto tem de dino;
Lembrai-vos que é fervente e por demais sincéro,
Que sabe comprazer e sabe ser austéro;
Qu'ele é deliciozo, e circunspéto e fórte,
Fiel e sofredor, constante até na mórte;
Gentil, [1] e sobretudo izento da fraqueza
Qu'em si, a cada instante, o coração repreza:
Pois afinal é fátua éssa mesquinha chama;
Aquele que se busca é cérto que não ama.

O amor é previdente, é justo, humilde, e réto,
Não sabe tíbio ser, nem ser nunca indiscréto.
De tranzitórios bens os vãos divertimentos
Jamais pódem tolher seus doces movimentos.
O amor é sóbrio, e casto, e firme, e ponderado,
E aos sentidos seus regula com cuidado.
Em tudo a Humanidade o amor só considéra,
E néla só confia, e déla tudo espéra.
Por isso adóra sempre a obediência estrema,
Que só fá-la atingir a perfeição suprema:
Quér venha déla o mando augusto e refletido,
Ou só da Térra seja um ímpeto querido,
Ou lhe prescreva o Espaço a lei d'alma ternura,
Que, céga, muita vês nos enche de amargura;
Bendís a sujeição em todos os azares,
Pois o perfeito amor não vive sem pezares.

E quem não se dispôs com íntimo transpórte
Do bem que preferiu a suportar a sórte;
Quem ouza se ostentar no amor tão degradante,
Profana o que ha mais santo em se chamar amante.

1. Na primeira edição estava, *viril*. Julgamos dever substituir o epiteto *gentil*, porque o tipo do altruísmo é a Mulhér e não o hômem. — R. T. M.

Para amar como déve, é dever de quem ama
Abraçar por amor a mais vorace chama;
Por acidente algum não ficar distraído,
No mais cruel revés não deixar seu partido.

Quem sabe amar assim descóbre estaziado
Que amar inda é milhór do que sentir-se amado;
Se cansa de pensar e até de agir cansamos:
E só amar não cansa, e nem dizer que amamos.

II *Comemoração geral*

1º Prédica (*sentados*)

TEORIA DA HUMANIDADE

Observações preliminares.

Primeira celebração no Brazil, que saibâmos, a 1º de Moizés de 27/93 (1º de Janeiro de 1881); trinta e um anos depois da primeira manifestação pública por nós conhecida, da influência do Pozitivismo no Brazil, —5 de fevereiro de 1850—na antiga *Escóla Central* do Rio de Janeiro. [1] Éssa primeira celebração de 1881, efetuou-se no *Salão Bevilacqua*, na rua dos Ourives, parte hoje absorvida pela *Avenida Central*. (Vide a publicação nº 2 da Igreja Pozitivista do Brazil, *O culto pozitivista no Brazil*.)

Objéto désta fésta: Glorificação da HUMANIDADE, na sua *plena realidade*, como vivendo na TÉRRA, involta *subjetivamente* pelo ESPAÇO. *Realidade* da Humanidade; sua concepção empírica, da mesma sórte que as da Pátria e da Família.

« *Si a exist*ência *do Grão-Ser permanecesse realmente contestável, o seu reino não estaria próssimo.* Porem o seu dezenvólvimento atual *dispensa de demonstrar a sua realidade*, profundamente surgida em todas as suas produções, morais, intelectuais, e mesmo materiais, cujo concurso universal dos tempos e dos lugares a analize pozitiva indica sempre. As óbras as

1. Téze aprezentada, para o doutorado, por Miguel Joaquim Pereira de Sá — Vide o *Esboço Biográfico de Benjamin Constant*, p. 49 e seguintes.

mais especiais e as menos duráveis são aliás aquélas em que a dupla cooperação nunca foi desconhecida, porque a sua facilidade superior tórna então a participação mais vasta e mais bem apreciável. Quando a intensidade dos esfórços individuais dissimula a influência coletiva, ésta sobresahe mediante a sublimidade dos rezultados; como o testemunha sobretudo a incomparável compozição onde o conjunto do Catolicismo acha-se, sob o impulso da idade-média, espontâneamente rezumido. [1] Vísto a indivizibilidade que carateriza a natureza humana, cada uma déssas demonstrações parciais da suprema unidade consolida todas as outras, e poderia logicamente suprí-las, si não conviésse multiplicar próvas sempre ligadas às nóssas melhóres emoções. Todos os sofismas que a anarchia ou a retrogradação suscita hoje contra uma ezistência cada vês mais evidente achão-se necessariamente contraditórios, pois que a linguágem que formúla éssas blasfemias constitúi a mais coletiva das nóssas construções. Nenhum desses protestos é assás consequente para ouzar negar tambem a Família e a Pátria, cuja natureza oferéce entretanto os mesmos caráteres *de compozição atual e sucessiva*, com uma menór estensão, que permite de melhór sentir então o concurso.» (*Sistema de Politica Pozitiva*, tomo IV, ps. 27 a 28.)

Concepção sistemática, graças aos esfórços da própria Humanidade, rezumidos em Clotilde e Augusto Comte: foi só Clotilde quem patenteou a Augusto Comte que a Mulhér constitúi a personificação suprema da Humanidade.

A concepção sistemática, istó é, religióza da Humanidade, supõe: 1º a noção dos *entes coletivos*; 2º a personificação suprema da Humanidade no típo feminino, afim de que se tórne um verdadeiro centro da *unidade moral e social* (espontâneo, na *infância*, e, cada vês mais, sistemático, *desde a adolescência*).

1. Aluzão a *Divina Comédia* de DANTE. — R. T. M.

Advento da concepção religióza ou sistemática da HUMANIDADE.

Em 1847, cahiu no Domingo 4 de Abril, a sessão destinada a apreciar a *influência feminina do Pozitivismo, na introdução filozófica* do CURSO DE ASTRONOMIA POPULAR que nósso Méstre professava gratuitamente desde 1831, na maiór sala da Mairie do III arrondissement de Paris, situada no antigo Convento dos Petits-Pères, junto da Igreja de Notre-Dame des Victoires [1] Éssa data corresponde a uma *imágem normal* no culto íntimo do nósso Méstre. Na órdem cronológica, é éssa a terceira das suas *imágens subjetivas*. E, conquanto a mórte de Clotilde se tivesse dado a 5 de Abril do ano precedente, foi esse Domingo que o nósso Méstre considerou então como correspondendo á incomparável catástrofe. (VOLUME SAGRADO, p. 121; POLÍTICA, I, *Prefácio*, p. 10.)

Cremos mesmo, pela *Invocação final*, da POLÍTICA POZITIVA, que o dógma da Humanidade surgiu nesse dia. Com efeito, o nósso Méstre diz ahi:

«... A minha óbra fundamental tinha irrevogavelmente desvendado a' ezistência compósta e contínua que domina de mais em mais o conjunto dos negocios terrestres. Éla havia mesmo proclamado gradualmente a preponderância do coração sobre o espírito, como única fonte, espontânea ou sistemática, da harmonia humana. A natureza e a destinação do Grão-Ser achando-se assim reveladas, bastava, para instituïr a religião universal, que uma santa ternura me tornasse assás familiar o princípio fundamental a que acabava de chegar a minha primeira vida. *Eis como o dógma da Humanidade surgiu, no aniversário inicial da nósssa catástrofe, no curso decizivo donde deriva todo este tratado.* Quem quér que bem sentiu éssa filiação déve agora reconhecer que é precizo fazê-la remontar até a dedicatória que, alguns mezes antes, formulou a primeira manifestação de todos os gérmens de tal progrésso.» (POLÍTICA, IV, p. 546-547.)

1. Vide *L'Année sans pareille*, p. 672.

O Sr. Laffitte descréve assim o epizódio mais solene déssa incomparável sessão:

«... No momento em que Augusto Comte falou da mulhér que ele tinha amado e da perda medonha que ele sofrêra, a sua vóz alterou-se profundamente, o seu rosto decompoz-se, e uma viva emoção apoderou-se do auditório: o que ele pôde constatar, apezar da sua estrema miopia, por aquillo que eu chamei o silêncio no silêncio.» (*Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo XVII, 1886, p. 195.) [1]

Na sessão final, o nósso Méstre proclamou o dógma da Humanidade, no meio de uma profunda emoção do seu auditório, como Ele mesmo narra:

« O meu memorável trimestre filozófico acaba sobretudo de caraterizá-la (a eficacia da santa União com Clotilde) fazendo sentir ao público tanto como a mim mesmo a salutar influência de uma dígna afeição privada para tornar mais completo e mais respeitável um verdadeiro sistema de sociabilidade. Nada podia tocar milhor ao mesmo tempo o meu coração e o meu espírito do que éssa unanimidade espontânea que, durante a sessão final, acolheu tão profundamente a minha fórmula deciziva sobre a concentração total do pozitivismo na concepção, mental e social, da Humanidade, de quem a mulhér constitúi naturalmente a imágem familiar: *a esse único verdadeiro Grão-Ser, de quem somos sientemente os menbros necessários, se dirigirão sempre as nósssas contemplações para conhecê-lo, as nósssas afeições para amá-lo, e as nósssas ações para servi-lo.* Nenhum ouvinte pôde, sem dúvida, desconhecer a íntima assistência que éssa precióza condensação de um imenso sistema devia indirétamente à eminente amiga que

1 No *prefácio* do DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, p. X, o nósso Méstre agradeceu a manifestação do seu público.—R. T. M.

eu já havia recomendado á veneração e á afeição do público.[1] (VOLUME SAGRADO, p. 124).

Concepção sistemática ou religióza da HUMANIDADE.

Aspéto estático.

Teoria da *Órdem:* instituïção da *Religião.*

1º Estrutura da HUMANIDADE.

Jerarchía dos séxos: preeminência da Mulhér. A Mulhér é um ente intermediário entre a Humanidade e os homens. (SISTEMA DE POLÍTICA POZITIVA, t. II. p. 63).

Conciliação do ezistência biologica (*viver em si e para si*) com a ezistência social (*viver para oûtrem, afim de reviver em oûtrem, por oûtrem*): teoria da *propriedade material;* santificação do *trabalho* ou *atividade industrial* (*ação real e útil* da HUMANIDADE sobre a TÉRRA); enobrecido pela sua destinação religióza, já como baze, já como regulador dos nóssos esfórços teóricos e práticos (afetivos e ativos).

Princípio déssa conciliação: *Família:* cultura fundamental do *altruísmo; purificação do egoísmo.* Ação moralizadora da Mulhér sobre o hômem: a Mulhér é um ente intermediário entre a Humanidade e os hômens.

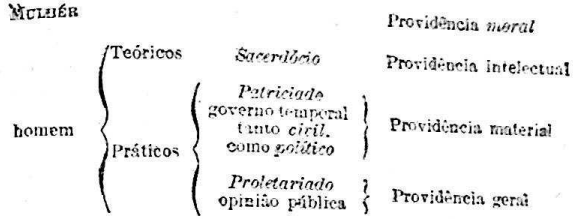
A *Família* é o elemento da sociedade.

Linguágem: aparelho de solidariedade e de continuidade.

1. Na sessão sobre a influência feminina do Pozitivismo. R. T. M.

Organìsmo social

PROVIDÊNCIAS HUMANAS



Gráus ou módos próprios a órdem social

FAMÍLIA MÁTRIA ou CIDADE IGREJA

É à cidade, órgão essencial da cooperação ativa, que cumpre sobretudo referir o hômem, porem concebendo-o como preparado pela família e completado pela Igreja. (*Pol. Pos.* t. II. p. 341).

A Humanidade póde muitas vezes ser mais bem reprezentada por uma simples família, do que por uma vasta associação que não corresponderia sinão a um dos seus aspétos essenciais. (*Ibidem*, p. 343).

II *Ezistência da* HUMANIDADE

Leis principais

Patenteadas no estado adulto, e, desde então, verificáveis em todas as fazes preparatórias:

O Amor por princípio, e a Órdem por baze; o Progrésso por fim. O Amor procura a órdem e impele para o progrésso; a Órdem consolida o amor e dirige o progrésso; o Progrésso dezenvolve a órdem e recondús ao amor.

Viver para oûtrem. Viver às claras.
Órdem e Progrésso.

Os vivos são sempre, e cada vês mais, governados

necessáriamente pelos mórtos : tal é a lei fundamental da órdem humana. Donde rezulta que : *O homem se agita e o Humanidade o condús.*

Os fenômenos mais nóbres estão por toda a parte subordinados aos mais grosseiros.

Entre o Homem e o Mundo, é precizo a Humanidade.

A submissão é a baze do aperfeiçoamento ; primeiro fizico, depois intelectual, por fim e sobretudo moral.

A liberdade está no Amor.

Princípio de Aristóteles: *Dirizão dos ofícios e convergência dos esfórços.* Donde rezulta :

1º *Não eziste sociedade sem governo.*

2º *Nenhuma sociedade se póde dezenvolver e conservar sem um sacerdócio qualquér.*

Mássima de Clotilde : *Mais do que as outras, nóssa espécie preciza de deveres para gerar rentimentos.*

Dedicação dos fórtes pelos fracos ; veneração dos fracos pelos fórtes. O que requér : *a separação fundamental entre os dois poderes espiritual e temporal.*

O ofício principal dos patrícios (chefes industriais) consiste em substituïr em cada órgão social, os materiais que ele consome sempre, como provizões para sua subzistência ou como instrumentos para sua função. O salário nunca têm outra influência normal, qualquér que seja a classe a que se aplique. Com efeito, *o trabalho humano, ísto é, a reação útil do homem contra sua sórte, não póde ser sinão gratuíto, porque não compórta nem ezige nenhum pagamento própriamente dito.* Só entre os materiais do trabalho é que póde ezistir uma verdadeira equivalência, e não entre seus atributos essenciais.

Condição social da Mulhér

Mássima de Aristóteles : *A principal força da Mulhér consiste em superar a dificuldade de obedecer.*

Toda Mulhér déve ser cuidadózamente prezervada do trabalho esterior, afim de poder preencher sua santa missão.

Regra fundamental, que só o pozitivismo sistematizou, mais que sempre foi presentida pelo instinto universal : *o homem déve sustentar a Mulhér...* Sustentada primeiro pelo seu pai ou pelos seus irmãos, cada mulhér é em seguida sustentada pelo seu espozo, ou pelos seus filhos. Na falta destes âmparos especiais, a obrigação do séxo ativo para com o séxo afetivo tórna-se geral, e o governo déve prover a isso, sob a inspiração do sacerdócio.

Subordinação da solidariedade à continuidade.

A órdem cronológica das épocas não é a sua órdem filozófica ; em lugar de dizer o passado, o prezente, e o porvir, seria precizo dizer o passado, o porvir, e o prezente.

Aspéto dinâmico.

Teoria do *Progresso: evolução da* Humanidade

(Vide o quadro junto p. 21).

Vide os estratos das cartas de nósso Méstre a G. Audiffrent, de 15 de Homéro de 69 (12 de Fevereiro 1857) e de 15 de Cézar 69 (7 de Maio 1857), reproduzidos no *Preâmbulo* deste programa.

Concluzão.

1º Incorporação do Fetichismo: concepção religióza da Térra e do Espaço.

Trecho da *Invocação final* do Sistema de Política Pozitiva, dirigida a Clotilde :

« Teria eu dificilmente levado a tua incomparável modéstia a reconhecer a tua participação capital no conjunto do tomo terceiro (do Sistema de Política Pozitiva), cujo domínio é o que mais escapa às tuas preparações especiais. Porém, si tivessemos podido realizar o nobre dezejo que me testemunhaste espontâneamente para com o estudo sintético da história, tu sentirias agóra quanto me ajudaste a sistematizar as minhas concepções dinâmicas. Bastar-te-ia compreender que a sínteze histórica rezume-se necessária-

mente na instituição de uma conexidade diréta entre os dois termos estremos da iniciação humana, o fetichismo e o pozitivismo. A admirável canzone (*Os pensamentos de uma flor*) que recito todas as manhans ha nóve anos carateriza tanto a poezia fetíchica como a tua santa novéla (*Lucia*) anuncia a idealização pozitiva. Sob esse concurso espontâneo, não terias podido recuzar reconhecer a tua participação involuntária na minha construção da filozofia da história, embóra éssa reação escape aínda aos meus milhóres dicípulos. » (SISTEMA DE POLÍTICA POZITIVA, Tomo IV, *Invocação final*, p. 549.)

Utopia da Vírgem-Mãi. Concepção definitiva da HUMANIDADE; relação com a utopia da Vírgem-Mãi. (Vide *Pol. Pos.* t. IV, p. 412 à 413).

Glorificação de Clotilde. Trechos das *Confissões*; sobretudo p. 229).

AUGUSTO COMTE e os seus TRES-ANJOS.

2º (*Leitura*) As séte mássima de Clotilde: rezumo da sabedoria feminina. *Os pensamentos de uma flor*. (Poezia de CLOTILDE, cantada depois da prédica ou recitada aqui, si não tiver de ser cantada). A *infância*. (Poezia de CLOTILDE).

LES SEPT MAXIMES DE CLOTILDE

Il est indigne des grands cœurs de répandre le trouble qu'ils ressentent.

—« : »—

Quels plaisirs peuvent l'emporter sur ceux du dévouement ?

—« : »—

J'ai compris, mieux que personne la faiblesse, de notre nature, quand elle n'est pas dirigée vers un but élevé, qui soit inaccessible aux passions.

—« : »—

Il faut à notre espèce, plus qu'aux autres, des devoirs pour faire des sentiments.

—« : »—

Il n'y a, dans la vie, d'irrévocable que la mort.

—« : »—

Nous avons tous encore un pied en l'air sur le seuil de la vérité

—« : »—

Les méchants ont souvent plus besoin de pitié que les bons.

LES PENSÉES D'UNE FLEUR

Je nais pour être aimée : oh ! merci, bon destin !
Que les puissants mortels contre toi se déchaînent !
Aux pieds de tes autels que les vents les entraînent !
J'ai mes parfums et mon matin.

J'ai le premier regard du roi de la nature,
J'ai son baiser de feu, sa splendeur pour parure :
J'ai de la jeune Aurore un sourire de sœur ;
J'ai la brise naissante et la douce saveur
De la goutte penchée au bord de mon calice.
J'ai la rayon qui joue au seuil du précipice ;
J'ai le tableau magique, en grandeur sans pareil,
Ds l'univers s'ouvrant les portes du réveil.

Jamais le froid mortel ne doit tarir ma vie ;
Au sein des voluptés doucement je m'endors :
La nature me garde et me rend ses trésors ;
A son banquet d'amour je m'éveille ravie.

J'ai bien souvent embelli la beauté ;
Sur un cœur pur mon pur éclat rayonne :
Le plaisir me tresse en couronne,
Et le bonheur, m'attache à son côté.

Quand le rossignol s'inspire
Sur ma tige en se jouant,
pour laisser résonner son chant
La nature entière expire.

L'amour me dit tous ses secrets ;
J'abrite ses douces prières,
J'aide au bonheur de ses mystères ;
Je suis la clef des cœurs discrets.

O doux destin, si les soupirs profanes
De tes décrets pouvaient changer le cours,
Seule ici-bas, dans mes langes diaphanes,
Je renaîtrais au souffle des amours.

Des sombres tempêtes
Sauve-moi l'horreur
Que toujours la fleur
Sourrie à tes fêtes !

CLOTILDE DE VAUX.

L'ENFANCE

Approche, jeune Enfant ; tout près... que je contemple
Ta blonde chevelure et ton bel œil si doux,
Tes grâces ingénues qui font tant de jaloux,
Ton front où l'innocence a érigé son temple.

Viens car j'aime à te voir quitter pour ton vieux père
Tous les jeux si bruyans qui fatiguent son âge ;
J'aime à voir tes baisers effacer le nuage
Qui glisse rapide sur le front de ta mère.

J'aime à voir le vieillard qui lentement chemine,
Appuyé sur ton bas, regagner sa chaumine ;
J'aime à te voir courir remplir la faible main
Du pauvre qui s'assied sur les bords du chemin.

Pourquoi faut-il quitter ces charmes de jeunesse,
Ces grâces qu'une mère avec amour caresse ?
Pourquoi s'écoulent-ils ces rêves d'avenir ?
Ah c'est qu'il fallait bien un jour de souvenir.

(*Signé*) Mme. CLOTILDE DE VAUX.

(*Tradução.*)

AS SETE MASSIMAS DE CLOTILDE

É indigno dos grandes corações derramar a perturbação que sêntem.

—

Que prazeres pódem eceder os da dedicação ?

—

Compreendi, milhór do que ninguem, a fraqueza da nóssa natureza, quando não é dirigida para um alvo elevado, que seja inacessível às paixões

—

A nóssa espécie, mais do que as outras, caréce de deveres para fazer sentimentos.

—

Não ha, na vida, nada irrevogável sinão a mórte.

—

Nós temos todos ainda um pé no ar sobre o limiar da verdade.

—

Os máus têm a miudo mais precizão de piedade do que os bons.

OS PENSAMENTOS DE UMA FLOR

Naci pr'a ser amada : ó ! graças, bom Destino !
Que os soberbos mortais praguéjem teus azares !
O vento os arrebate aos pés dos teus altares,
Eu tenho o meu perfume e o gozo matutino.

Tenho o primeiro olhar do rei da natureza,
Por gala o seu fulgor, seu beijo em chama aceza ;
Tenho um sorrir de irman da juvenil Auróra ;
Tenho a briza nacente e a dulcidão que móra
Na gota pendurada á bórda do meu cális.
Tenho o raio que brinca a se abismar nos vales ;
Tenho o mago painel, a sena inigualada,
Do uñivérso entreabrindo as pórtas da alvorada.

Jamais frio mortal haurir-me déve a vida :
No seio da volúpia a manso me adormeço ;
Me guarda a natureza o esplêndido adereço ;
Em seu festim de amor despérto embevecida.

Muita vês embelézo a formozura ;
Num puro seio o meu candor se coa ;
Enlaça-me o prazer n'alégre cro'a,
E a seu lado me prende alma ventura.

Quando o rouxinol s'inspira
No meu talo em doce enleio,
Para não turvar-lhe o gorgeio
A natura inteira espira.

Amor me dís seus vótos mais secrétos ;
Abrigo de seus ais grata saudade :
De seus mistéris zélo a f'licidade ;
A chave sou dos coraçées discrétos.

Ó ! doce Destino, si as leis que nos baixas
Suspiros profanos pudéssem mudar,
Só eu haveria, nas diáfanas faixas,
De amor aos bafejos à vida tornar.

Da tempestade sombria
Poupa-me o horrendo furor ;
Dá que sempre a leda flor
Nas tuas féstas sorria.

R. Teixeira Mendes.

A INFANCIA

Vem criança gentil; mais pérto... que m'encanta
Ver-te a madeixa loura, o meigo olhar formozo,
As graças naturais que têm tanto invejozo,
A fronte onde a inocência o templo seu levanta.

Vem, qu'eu gósto de ver-te o vélho pai prezando
Mais que o ledo brincar que os anos sous molésta;
Gósto de ver fugir, dos beijos teus à fésta,
A núvem que, no olhar matérno, ia assomando.

Gósto de ver o ancião que vai, a lento passo,
O humilde lar buscando, apoiado ao teu braço;
Gósto de ver-te a mão encheres, com carinho,
Do póbre que se senta à bórda do caminho.

Porque se hão de ir embóra encantos déssa idade,
Graças que as nóssas mãis com tanto amor afágão?
Os sonhos do porvir, porque se nos apágão?
Ah! sim! é que é precizo um dia de saudade!

R. Teixeira Mendes.

Apelo aos homens, apelo às Mulhéres.

3º Oférta da Róza simbólica; ceremônia comemorativa da fundação da Religião da Humanidade, ou advento da *época normal*. *Les pensées d'une fleur*. (*canto*, *antes da ceremônia*). Múzica do Sr. Agostinho de Gouvêa. Vide a publicação CLOTILDE DE VAUX et AUGUSTE COMTE, tomo I, p. 248.

(As Senhóras pozitivistas prezentes, precedidas pelas crianças trazendo as cestas de flores, sóbem à aria da Religião, emquanto o celebrante déce da tribuna e vêm a seu encontro. Uma das Senhóras oferéce então uma Róza branca, tirada em uma das cestas, para ser incorporada ao Ramalhete de flores artificiais colocado sobre o altar e que reprezenta o concurso do Passado, lembrando a dádiva de Clotilde a Augusto Comte. Pouzado nesse Ramalhete, canta um rouxinol, voltado para a Humanidade. A Róza natural é oferecida

em nome do Prezente, reconhecido ao Passado, e esprimindo os seus vótos em prol da Posteridade. Ao receber a Roza, o celebrante repete as palavras do nósso Méstre:)

« O pozitivismo religiozo começou realmente, na precióza entrevista inicial do Venerdia 16 de Maio de 1845 quando o coração do nósso Méstre proclamou inopinadamente diante da Familia de Clotilde maravilhada, a sentença caraterístiica (*não se póde sempre pensar, mas se póde sempre amar*) que, completada, tornou-se a diviza especial da grande compozição de âmbos.» (*Sistema de Política Pozitiva*).

«A admirável cavalaria da Idade média, comprimida sob as crenças teológicas, não tinha jamais podido elevar o culto da Mulhér sinão ao segundo plano. Qundo a sociabilidade modérna houver tomado o seu verdadeiro caráter, o joelho do homem não dobrará mais sinão diante da Mulhér.» (*Jenuflexa-se.*)

III EFUZÃO.

1º *Hino à* TÉRRA

(Cauto, emquanto o celebrante dirige-se para o Ramalhete sagrado, e as Senhóras e as crianças conservão-se na aria da Religião,)

HINO À TERRA

(*Côro da Fé* de ROSSINI.)
(Letra de J. Mariano de Oliveira.)

Alora ch' il Destino
Veniva alfin pietoso
Il Grand Esser glorioso
Al mondo palesar
Tu, Madre Terra amica
Senti nel vasto petto
Sotto il materno affetto
Tuo core palpitar.

Di fiori i di profumi
Tu empie allor tui seni
E son di vita pieni
Il prato, il ciel, il mar...
Cosi pietoso astro
É in te sol, non altrove,
Ch' il Grand'Esser si muove
E alfin trova un altar.

2º *Hino de* AÇÃO DE GRAÇAS

(Ensaio de uma paráfraze pozitivista do Capítulo, XVII. Livro, IV. da IMITAÇÃO, de THOMAS DE KEMPIS, segundo a tradução em vêrso de CORNEILLE: *Do dezejo ardente de receber a Cristo.*)

Recitado pelo celebrante, depois de colocada a Róza no Ramalhete.

O! Mãi de amor sem par, e virginal pureza!
Com o mássimo transporte e a mássima inteireza,
E o fogo mais vivás de sublimada chama;
Com todo o estremo ardor de um coração que te ama,
E mais humilde unção d'uma alma reverente,
Teus filhos vêm de novo ao teu altar clemente:
De infinda gratidão, e perenal ternura,
Trazer-te o mór penhor, a dádiva mais pura,
Que a Térra fás brotar do seio almo e fecundo
E o mais benino Fado of'réce em todo o Mundo [1].
É esse augusto símbolo o divinal emblema
Dos vótos de atingir à perfeição suprema,
Que teu carinho santo acende em cada peito,
Tornando-o a teu labor de mais em mais afeito.

Oxalá nos tomasse esse amor verdadeiro,
Esse fervor sincéro, esse abandono inteiro,
Que dérão firme apoio aos divinais projétos
Dos santos corações, dos ânimos selétos,
Dos inclitos varões, que mór solicitude
Mostrárão de agradar-te, aurindo-te a virtude!

1. A Roza que se junta ao Ramalhete sagrado, e que se supõe colhida no Bosque santo dos Mórtos, que circunda o Templo da HUMANIDADE.
2. Augusto Comte.

O! Mãi, Ó! nósso Bem! Ó nósso Amor etérno!
Coitados muito embóra, o nósso alvo supérno
Seria incorporar em Ti nóssa ezistência
Com todo o ardente zêlo e suma reverência
D'Aquele [1] que, primeiro, em vívida homenágem,
Extático adorou a tua ecelsa imágem!
Sabemos, fôra em vão ambicionar tão alto
De fortes emoções um coração tão falto;
Mas tu lhe vês o fundo, e vês que fica ezausto;
Que fás-te do que tem um íntimo holocausto;
Bem como si estivésse em seu poder sómente
Tais rasgos de amor puro e gratidão fervente;
Ou como si de uma alma entuziasta e forte
De si só proviésse o místico transporte;
Ou si tivésse em si o sumo ardor secréto,
A mais sublime unção do mais perfeito aféto!

Si dá-te pouco assim, é tudo que conserva,
E éjjá dar-te muito, o dar-te-o sem rezerva;
Quem tudo que já tem gostozo te oferéce,
Te déra um bem maiór si acazo mais tivésse.
Eis, pois, inteiramente a Ti nos concedemos,
Com tudo que em nós ha, e tudo que valemos;
O nósso próprio ser, por toda a nóssa vida.
Em teu benino altar, aceita, ó! Mãi querida.

Pudésse de nóssa alma a mízera indigência,
Suprir-se em tua própria e vívida opulência.
Que assim nos fôsse dado, o coração vazio,
Encher d'aquele arroubo imaculado e pio,
—De tudo quanto ha supérna maravilha,
Após a alma sem par da prediléta Filha, [2] —
Que fês o Redentor [1] emfim reconhecer
Na sua ingênua graça o teu sublime Ser!
Quando o suave Anjo [2] o coração eleito
Ergueu-lhe à suma alteza, em estaze perfeito;

1. Augusto Comte. 2. Clotilde de Vaux.

E, sem se aperceber da divinal ventura,
Mostrou em si fundida a tua essência pura,
Ele só respondeu-lhe, em confuzão, constante:
« A vóssos pés deponho um coração amante;
« Bendito seja sempre o deleitozo encanto,
« O meu supremo bem, e o meu maiór espanto. »

Mas, quando se acolheu a teu benino seio
A Mensageira augusta, [1] o cérebro tão cheio
Ficou de tua meiga e resplendente imágem,
Que súbito inflamado em férvida corágem,
Aos pés se te lançando, o ardor desfês assim:
« O! Vírgem-Mãi! qu'eu ame a Ti mais do que a mim.
« E até tambem a mim, por Ti sómente estime. »
E nóvamente vendo, em Ti, seu Bem sublime. [1]
Que meiga o contemplava, em mais fulgente brilho;
« O! Vírgem-Mãi querida! e Filha de teu filho! »
Esclama arrebatado em salutar enleio.
Pois tudo quanto então ao coração lhe veio
De ecelsa reverência e de perfeito amor;
De gratidão sentida e de cabal louvor;
E tudo quanto achou de fé, d'alma esperança,
De lúcida pureza, e de perseverança,
De ínclita humildade, e sujeição compléta
A tudo que ordenasse a Vírgem predilléta:
Quizéramos poder, em nósso ânimo rude
Fundindo, te ofertar com suma gratitude.

Siquér nos fôsse dado assimilar o preito,
Que o grande Precursor desse Varão perfeito,
—O magestozo Vate, [2] a cujo surto ouzado,
Não pôde vôo algum jamais ser comparado,—
Etérno soube erguer à doce Formuzura [3]
Que lhe mostrou do Amor a egrégia fonte pura.

1. Clotilde de Vaux. 2. Dante. 3. Beatriz.

Ou nos prestasse então o poderozo amparo
Aquele egrégio Santo, [1] a cujo ardor preclaro,
Sómente avantajou-se o fervorozo anhélo
Do martir coração [2] que, ao mais cruel flagélo,
Consolo só buscou no Amor mais dezhumano.
Sentindo, do Porvir no promissorio arcano,
Erguer-se meigo e nóbre o teu bemdito vulto,
Sagrou-se desde lógo a teu suave culto,
Em éstaze adorando a divinal Judia [3]
Tornada dos Heróis a ecelsa simpatia.

Ao menos alentasse a pálida centelha
Com que tal vês nóssa alma a graça tua espelha,
Aquele Apóstolo [4] audás do universal prestígio
Que fás do Amor, no Mundo, o mássimo prodígio.
Apenas comovido o magestozo Espaço,
—Das divinais vizões ao horrido fracasso,—
Teu doce resplendor no brando seio engasta,
Sublime ardor inflâma éssa alma entuziasta.
Então, sem mais deter-se, a seus irmãos Te móstra
Sustendo a diva grei que ao puro Amor se próstra;
E assim do coração o sumo império instala,
E a conquista estingue, e a dúvida avassala.

Seria esforço vão dizer com que dílicias
De tantos corações as imortais primicias
Viríamos depôr com fervorozo anceio
Em teu imaculado e caridozo seio.
Porem, como alcançar esses arroubos gratos,
E tais aspirações, e tão pompózos atos,
Para tornar nóssa alma inteiramente certa
De te votar, Senhóra, a mais sublime oférta?

Toléra, pois, o! Mãi! que o nósso póbre aféto
Em ramalhete augusto enastre o mais seléto
Das sumas perfeições que só te consagrárão

1. S. Bernardo. 2. Heloïza. 3. Maria. 4. S. Paulo.

As santas multidões de quantos te adorárão ;
Das nóbres efuzões e confissões extáticas
Em que tu revelaste, em deleitózas práticas,
As luzes que esplandindo os vívidos mistérios
Penétrão todo o Mundo e os páramos eterios ;
Dos hinos imortais que te dedica a Térra ;
E das contemplações que só o Espaço encerra ;
Com a mássima alegreza e ânimo fervente
Uma alma que ser tua aspira unicamente,
Em teu benino altar depondo éssa Óstia santa,
O mais real padrão dos vótos seus levanta.

Recébê, augusta Mãi, o fervido dezejo
De ser por toda parte, e sempre, em todo ensejo,
Com bençãos celebrada a perenal bondade
Da tua gracióza e doce potestade!
Que todos os fiéis na Térra derramados,
Por Éla em teu serviço apenas sustentados,
Diante de quem fôr, e n'um lugar qualquér ;
Agóra, a todo instante, e venha o que vier ;
De nóbre entuziásmo as almas acendidas,
Se fundão, como nós, em graças te rendidas ;
Bendígão, como nós, teus inclitos favores ;
Juntando, com prazer, aos seus, nóssos louvores.

Que as linguas que inspirou teu coração matérno,
Em cada evolução de teu progrésso etérno,
Tradúzão n'uma só miríffica linguágem,
Dos vários filhos teus a harmonica homenágem,
E que, no mesmo canto, a teu conspéto assome,
Em gratas vibrações, o teu melífluo nome ! [1]

1. Eis o que o nósso Méstre escreveu ao seu dicípulo de Capellen, sobre a *lingua universal*: «Além desses motivos, o vósso feliz habito do italiano poderá dar mais interesse ao vósso judiciozo estudo do chinez, dirigindo espontâneamente as vóssas meditações para a lingua universal, que eu crelo dever finalmente surgir do idioma de Dante, de Arlosto e de Rossini, mediante as reações que esperimentará dos seus contatos com todos os outros. A sua aptidão a incorporá-los a si achar-se-la plenamente constatada se a sentísseis, no correr de vóssa esploração, para com a lingua mais radicalmente diferente. Pois que propuzérão sériamente o cazamento heterogênio entre o inglês e o

Ateia, ó santa Mãi! nos corações felizes,
Em que teu amor lançou as vívidas raizes,
O mais sincero zêlo, o mais perfeito anceio,
Dos mízeros irmãos restituïr-te ao seio.
Quando a santa união a que constante almejão
Lhes dér os sumos bens que só de Ti dezejão ;
Sentindo, em santo arroubo, a simpatia estrêma
Que fórma de teu Ser a dádiva suprêma ;
Os enche de humildade, e lhes recórda a sórte.
Daqueles de quem cumpre, até na própria mórte, [1]
A redenção tentar com ânimo fervente,
Com o esperançado amor de um verdadeiro crente. [2]

3º *Ave, Clotilde*.

AVE, CLOTILDE

Cantada com a múzica da *Ave, Maria*, de Gounod.)
(Letra de J. Mariano de Oliveira.)

Ave. Clotilde,
Del Sommo Padre sposa
Che udisti già pietosa
Suo dolente cor ;
Con lui donasti al mondo
Il frutto più fecondo
Del più profondo amor.

Santa Clotilde,
Per tu' alta virtude,
Accogli nel tuo petto
Il nostro immenso affetto,
La nostra gratitude.
Amen.

industâni, podemos razoávelmente ezaminar si o italiano e o chinês são realmente inconciliáveis, como se o supõe sem ezame.» (*Carta* de Augusto Comte ao seu dicipulo De Cappellen, de 10 de Homéro 68--7 de Fevereiro de 1856. — *Correspondência inédita*, primeira série, ps. 106 a 110.)

1. Mássima de Clotilde : *Não ha nada, na vida, irrevogável sindo a mórte.*

2. Estrato da *duodécima Santa Clotilde*, de Domingo 6 de Descartes de 68 (12 de Outubro de 1856) :

«...Ao mesmo tempo sobreveio a minha segunda celebração do nósso preâmbulo conjugal em relação ao eminente dicipulo a quem concernião as minhas recentes sollicitudes. Um novo ezemplo deciziva fês assim sentir tanto milhór tal instituição quanto foi éla então aplicada ao seu principal

Concluzão

1º Hino ao Espaço (canto) (sentados).

HINO AO ESPAÇO

(*Côro da Esperança*, de Rossini.)

(Letra de J. Mariano de Oliveira.)

Supremo Spazio
Calmo e lucente
Tu del Destino
La sede sei.
Tuo seno ingenti
Fu la dimora
D'antichi dei.

Tutto raccoglie
Tuo vasto seno,
Di luce pieno,
Pien de bontà.
In te si muove
Su l'astro amico
L'Humanità.

2º Distribuïção das flores, aos assistentes, por crianças de ambos os sexos. [1]

Essas flôres são, sempre que fôr possivel, rozas brancas ; lembrando assim as côres do Estandarte da Humanidade.

(*canto*).

Ei-la ! é a flor mimóza !

adversário primitivo. Eis como o positivismo já verificou a sua aptidão para regular a vida humana, aperfeiçoando o laço fundamental no meio da anarquia universal. Êssa ceremônia foi especialmente notável pelas minhas esplicações e as minhas ponderações (remontrances) sobre a atitude prática dos verdadeiros crentes para com os diferentes cultos locais e temporários. Caraterizei-a então pela minha recente máxima: (*conciliante em fato, inflexível em princípio*), naturalmente conforme à fé que déve gradualmente subordinar a si todas as outras durante o curso da tranzição final.» (*Testamento*, pº 237.)

1. Ésta cerimônia foi lembrada pelo nósso confrade Joaquim da Cunha Barros, a ezemplo do que tinha assistido em Paris, quanto à distribuição do *Pão bento*, aos circunstantes, depois da Missa. Joaquim da Cunha Barros, faleceu prematuramente a 19 de Moizés de 58 124—19 de Janeiro de 1912.

HINO A ROZA

Missa de Battmann, *Sanctus* e *Agnus Dei*.

(Letra de J. Mariano de Oliveira.)

Ei-a ! é a flôr mimóza.
Éla por ti recende
Ei-la ! o clor desprende
E é grato o seu frescor.

Bendita seja a róza
Oh Virgem-Mãi suprema,
Pois éla é o doce emblema
Do teu piedozo amor,
Bendita seja a róza.
Oh Virgem-Mãi suprema.

3º Fórmula de encerramento.

Nós vos distribuímos éssas Flores como a espressão da nóssa simpatia religióza. Élas simbolízão, ao mesmo tempo, os nóssos vótos e as nóssas rezoluções. Os nóssos vótos, porque não temos outro destino sinão a felicidade da Humanidade, na Térra e no Espaço ; as nóssas rezoluções, porque só prevaleceremos mediante a livre sujeição dos corações e das inteligências. Oxalá esse apelo fraternal à concórdia humana encontre éco em vóssas almas e vos induza a juntar os vóssos esfórços aos nóssos para a óbra da regeneração social. Amen.

———

ADITAMENTO
do
HINO AO AMOR (a)
(4ª edição milhorada.)

Acrecentar á p. 14, depois da primeira estrofe, os seguintes versos:

.....

Provêm do coração os grandes pensamentos, (1)
Luz nova, á mente, dando, em chama, os sentimentos (2).

Quem já se consolou, não mais ama, de fato;
Porém, quem não mais ama é leviano e ingrato. (1)

O olvido é que é o nada, — eis a fatal verdade:
E a outra vida só, consiste na saudade:
Ou seja almo luar de humílima memória;
Ou facinante luz dos Sóis d'etérna glória! (3)

Dos grandes corações é movimento indino
Vazar perturbações que der-lhes seu destino (4)

Que gózos eceder, pódem, mesmo um momento,
Aos prazeres que géra o só devotamento? (4)
Viver para ôutrem! Eis a santa lei suprema
Que funde as do dever e f'licidade estrema. (6)

(a) Este aditamento foi introduzido aqui, em Archimedes de 73/139 (Abril de 1927).

(1) Palavras de VAUVENARGUES, introduzidas nesta 4ª edição.

(2) Paráfrase da *digna apreciação* sobre CLOTILDE DE VAUX, por Henry Hutton, em carta de 20 de Maio de 1854 a AUGUSTO COMTE. « A nobre Dama, cuja memoria todos os verdadeiros discipulos de Augusto Comte querem e venérão, *porque ella renovou dignamente a luz do espirito pela chama do coração.* V. cartas de AUGUSTO COMTE a Henri Dix Hutton, edição deste, pags. 40 e 111).

(3) Paráfraze do pensamento de ELIZA MERCŒUR.

(4) Mássima de CLOTILDE DE VAUX.

(6) AUGUSTO COMTE — *Orações.*

Ao gênio assim mostrou o Amor, em chama aceza,
Da natureza humana a mízera fraqueza,
Quando lhe falta, a dar-lhe o rumo imprescindível,
Méta elevada assás, às paixões intangível. (4)

Tornada, pelo Fado, a suma providência
Que busca, para o bem, na Térra, a convergência,
Quér nóssa espécie mais, que as outras, no labor,
Deveres p'ra fazer sentir o puro Amor. (4)

Irrevogável só, na vida, eziste a mórte, (4)
Que só séla, em geral, de cada humano a sórte;
Os vivos sempre estão e cada vês bem mais
Sob o governo, pois, dos Mórtos imortais! (5)

O hômem só se agita, e a Humanidade o guia; (5)
O amor inspira assim a tolerância pia,
Que todos temos inda um pé no ar, lembrando,
Sobre a soleira enfim para a verdade entrando. (4)

Precízão, muita vês, os máus, de mais piedade,
Que os bons, no Amor, só, sempre, haurindo a f'licidade. (4)

Acabrunhado o *eu*, na dôr só acha entraves;
Enquanto que o Amor dis: "Nos tormentos mais graves,
Que póssão rezultar acazo da afeição
Não deixará jámais uma alma d'eleição
Do vívido sentir que, para a f'licidade,
O essencial é ter, de todo, na verdade,
E sempre, dinamente, o coração bem cheio!!...
Até mesmo de dôr, de dôr por todo enleio...
Sim! Sim! mesmo de dôr, da mais acérba dôr!" (6)

Consagra éssa efuzão o dom final do Amor,
Lembrando que a virtude é tudo que nos fica
Nos males com que o Fado a vida santifica. (7)

---

(4) Mássima de CLOTILDE de VAUX.

(5) AUGUSTO COMTE.

(6) AUGUSTO COMTE — *Orações.*

(7) Paráfraze do conselho de ROZALIA BOYER, em carta de 18 Março 1818, a seu filho AUGUSTO COMTE.

Aos filózofos cumpre espadas arrostar,
Por armas tendo só o seu fervor de amar;
Aguardando com fé, tranquilos o martírio
Condoïdos até de algozes em delírio. (9)

Os homens todos são, embora o não sabendo,
Positivistas sempre, apenas se deteudo
Em differentes gráos da evolução humana, (10)
Que, tomados por méta, o Porvir lhes empana;
Carece, pois, sómente, agora, cada qual,
A rota concluir, do Amor puro ao fanal!

Quem sabe amar assim descóbre estaziado
Que amar inda é milhór do que sentir-se amado;
Se cansa de pensar e até de agir cansamos:
E só amar não cansa, e nem dizer que amamos. (11)

Bendita a fé que só nos dá de amar assim,
Desde o raiar da vida até da vida o fim.

---

(9) Os filózofos dévem arrostar as espadas sem as trazer. — Palavras de SOFIA BLIAUX, em Junho de 1848. — (*Vida de* AUGUSTO COMTE, pelo Dr. Robinet, 3ª edição, pag. 291).

(10) Parafrase da seguinte sentença de AUGUSTO COMTE:

Aos olhos do sacerdocio da Humanidade, todos os homens são, sobretudo hoje, positivistas espontaneos em diversos graus de evolução, que não carecem nunca sinão de ser completados. (*Politica Positiva*, IV, p. 377).

(11) Não se póde pensar sempre; mas se póde amar sempre.

(Venerdia, 16 de Maio de 1845, O pozitivismo religiozo começou realmente em nóssa precióza entrevista inicial do Venerdia, 16 de Maio de 1845, quando o meu coração proclamou inopinadamente perante a tua família maravilhada, a sentença caraterística (*não se póde pensar sempre, mas se póde amar sempre*) que, completada, tornou-se a diviza especïal da nóssa grande compozição. (*Sistema de Politica Pozitiva*) — AUGUSTO COMTE — *Testamento*, pag. 146. *Confissões*, Quinta Santa-Clotilde.

AUGUSTO COMTE

CATECISMO POZITIVISTA

OU SUMÁRIA ESPOZIÇÃO DA

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

TRADUÇÃO E NÓTAS
POR
Miguel Lemos

Publicação n. 99 do Apostolado Pozitivista do Brazil

Ardere, lucere, et dirigere.

Terceira edição

1903

115º ano da Revolução Franceza e 49º da Éra normal

PREFACIO (3 prédicas).

1ª PRÉDICA.—Considerações sobre o objéto e a oportunidade do *Catecismo pozitivista*; destino e filiação do Pozitivismo. (ps. 1 a 10). (1)

2ª PRÉDICA.—Apreciação da fórma que convêm ao ensino religiozo. Regras gerais da compozição pozitivista. Indicação da influência de CLOTILDE DE VAUX, na fundação e construção da Religião da HUMANIDADE. Palavras de nósso Mestre, na sua última SANTA CLOTILDE: «a religião cuja fundação a posteridade te atribuirá tanto como a mim.» (p. 10; *Levado assim a compor um verdadeiro Catecismo etc...* até. p. 17).

Fésta de ROSALIA BOYER

19 de Moizés (19 de Janeiro)

Natividade de Nósso MÉSTRE.

---

(1) As paginas estão indicadas segundo a primeira edição, que foi começada a imprimir na *tipografia Central*, de Evaristo R. da Costa, em 1887, e terminada nas oficinas de G. Leuzinger & Filhos, em 1890.

Catecismo Pozitivista (continuação)

PREFACIO (conclusão)

3ª PRÉDICA.—Necessidade do concurso feminino para a terminação da revolução moderna, mediante a vitoria do Pozitivismo. Justificativa que daí rezulta para a compozição deste Catecismo. (p. 17: *Apreciada sob um aspeto mais geral, ésta instituição didática... etc.* até o fim do *prefácio*. Indicações sobre a *Bibliotéca pozitivista*).

INTRODUÇÃO (3 prédicas)

Primeira conferência (2 prédicas)

TEORIA GERAL DA RELIGIÃO.

4ª PRÉDICA.—Concepção geral da Religião: apreciação especial das suas condições afetivas. Recordação sumária (ou milhór, leitura) da *Carta sobre a comemoração social* e da *Dedicatória* da POLÍTICA. (*Catecismo* ps. 35 a 42). Nóta sobre o emprego da palavra Religião. POL. POS. IV. *prefacio*, p. XIII.

... Longe de interdizer á pozitividade de se completar, de se rezumir, e de concluir, o meio prático espéra que éla haja assim se tornado apta a dirigir a terminação necessária de uma revolução que os letrados têndem por toda parte a perpetuar. *Foi aí que surgiu a qualificação de religião pozitiva*, que não tornei uzual, sinão depois de a ter visto espontâneamente empregada por eminentes proletários. Dirigindó-se diretamente aos seus verdadeiros auxiliares, o pozitivismo deixará os partidários do regímen parlamentar e do sistema de hipocrizia proseguírem vãos ataques, que não dévem jamais alterar a sua marcha normal.

AUGUSTO COMTE — POL. POS. IV. *prefacio* p. XIII. (Os grifos são desta tradução.)

RESPOSTA DE AUGUSTO COMTE a A. Sabatier.

Jovedia 8 de Arquimédes de 69 (2 de Abril de 1857).

(Estrato)

.....É á religião que convem a principal aplicação da lei dos tres estados, depois que todas as concepções preliminares lhe estiverem suficientemente submissas (*l'ont suffisamment subie*). Si, *como sentimento*, a religião é imutável e déve sómente dezenvolver-se continuamente, éla está, *como concepção*, sujeita, na sua natureza, à marcha universal que regenera o conjunto mediante as partes. Ora, o estado pozitivo consiste, para a religião, em tender sistematicamente e diretamente para a sua destinação normal, até então indiréta e espontânea: *regular toda a vida humana, privada e pública*. (Os grifos são desta tradução.)

Para éssa transformação deciziva, a filozofia das cauzas chiméricas é irrevogavelmente substituída pela das leis reais, que não póde plenamente prevalecer sinão dirigindo tal renovação da síntese universal. Desde que o Pozitivismo dignamente preencheu éssa condição final, a situação ocidental déve cada vez mais sucitar o seu acendente necessário, manifestando a impotência social das religiões provizórias que, diretamente votadas à salvação celeste, são radicalmente incapazes de apanhar o conjunto dos negocios terrestres, inapreciável antes do nósso advento.

Vide *Preâmbulo*, p. LXXVII.

CARTA a G. Audiffrent

Paris, sabado 15 de Cézar de 69. (1)

Estrato

Uma alma tão distinta como a vóssa, intelectualmente e moralmente, não tinha precizão sinão de uma advertencia motivada para retificar a ezageração histórica do vósso último projéto poético, no qual a natureza essencialmente estática do culto normal da Humanidade achava-se radicalmente desconhecida. Afim de milhór firmar-vos sobre éssa grande condição, convido-vos a notar que, em todas as religiões provizórias, a beatitude prometida é sempre caraterizada por um estado por tal módo fixo que o *tempo* não ezistirá mais, o que significa que não se terá mais porvir, porque o

(1) 7 de Maio de 1857.

prezente sendo plenamente satisfatório, não se ligará sinão ao passado preparatório. O meu recente volume fás já sentir que a noção do *progrésso* permanee essencialmente peculiar à evolução preliminar, a segunda vida não comportando individualmente e coletivamente, sinão um simples aperfeiçoamento contínuo, tornado cada vês mais insensível, ao ponto de tender para a plena imobilidade, único termo normal das aspirações humanas sob qualquér regímen.

Ibidem, p. 394.

Catecismo pozitivista (continuação)

Primeira conferencia (continuação)

5ª PRÉDICA.—Condições mentais e práticas da Religião. Divizão geral da Religião. Supremacia do culto; evolução do nósso MÉSTRE a este respeito. (p. 42: A MULHÉR. Ésta esplicação suficiente, só me deixa a dezejar, meu pai,... etc. até p. 50).

Segunda conferência (1 prédica)

TEORIA DA HUMANIDADE.

Humanidade.	Térra.	Espaço.
GRÃO—SER.	GRÃO—FETICHE.	GRÃO—MEIO

6ª PRÉDICA.—Teoria da HUMANIDADE. Concepção fetíchico-pozitiva da TÉRRA ou GRÃO-FETICHE e do ESPAÇO ou GRÃO-MEIO. (ps. 51 a 59).

Lembrar a leitura das *Cartas* 80ª, 81ª, 82ª, 83ª da *Correspondência Sagrada*, acerca da concepção espontânea do Pozitivismo por CLOTILDE, a propózito de WILHELMINA, e já caraterizada na LUCIA.

« Meu caro filózofo, um dos epítetos aos quais eu seria mais sensivel, e um dos que tambem merecerei sempre menos, é o de pedante. Espero jamais falar sinão do que souber ou sentir bem; e, quando vos disse que faria uma filózofa da minha Will., não éra uma filózofa sistemática que tive em mente, éra uma filózofa de coração e mais nada, uma mulhér que ama a humanidade pôr si mesma, e sem temores da caldeira

fervente lá de baixo, bem como sem esperanças de possuir um leito de rozas no éter. Eis aí o que eu compreendo milhor do XIX século, é a tendência universal dos seres para a razão em toda a sua simplicidade. Vendo como as mais modéstas inteligências participão naturalmente e sem esforço de todas as luzes obtidas, fico compenetrada cada dia mais da idéia de que a siência não carece rezidir sinão no ápice das sociedades para enriquecê-las na sua massa inteira: e, palavra, que me consolo de não ter sido iniciada nas maravilhas do quadrado da hipotenuza. »

AUGUSTO COMTE — *Testamento*, CORRESPONDENCIA SAGRADA. Carta 82ª, de CLOTILDE, de jovedia á tarde, 30 de outubro de 1845; ps. 378 a 379.

Instrução da Mulhér. *Cartas* 109ª, 110ª, e 112ª, a propózito da incorporação do Fetichismo ao Pozitivismo. Leitura das poezias de Clotilde: *Les pensées d'une fleur* e *L'Enfance*: (tradução em portuguêz, publicação nº 153 do Apostolado pozitivista do Brazil), *Últimas concepções*, publicação nº 175.

PRIMEIRA PARTE

ESPLICAÇÃO DO CULTO (9 PRÉDICAS)

Terceira conferencia (3 prédicas)

CONJUNTO DO CULTO.

7ª PRÉDICA.—Considerações preliminares: apreciação do *Culto*. Apreciação do objéto e da natureza do culto pozitivo. (ps. 61 a 69).

8ª PRÉDICA.—Teoria da *vida subjetiva*; concepção geral da *Oração*, no Pozitivismo. (p. 69, A MULHÉR. Ésta sanção sistemática de minha inspiração espontânea, . . . até p. 78).

9ª PRÉDICA.—Apreciação das reações fundamentais do culto. (p. 78, A MULHÉR. Ésta indicação podendo bastar-me... até p. 86).

Anunciar o aniversário da mórte de ROZALIA BOYER, ocorrida em Montpellier, a 3 de Março de 1837.

Quarta conferencia (3 prédicas)

CULTO PRIVADO.

10ª PRÉDICA.—Culto pessoal. Instituïção dos *Anjos da guarda* ou *Deuzes lares*. Reflexões sobre S. PAULO. Advento do culto pozitivo. *Discurso preliminar da Política*, tomo I, p. 265 a 266. Quarta parte, *influência feminina do Pozitivismo*. 6ª Confissão, 27 de Maio de 1850, ps. 151, 161 ; 7ª Confissão, 30 de Maio de 1851, p. 171.—*Catecismo*—(ps. 87 à 93).

11ª PRÉDICA.—Culto doméstico. Apreciação geral do culto doméstico. Apreciação do conjunto dos *Sacramentos*. Reflexões preliminares acerca da *instituição das idades*—(p. 93: A MULHÉR. Tendo assás compreendido nósso culto pessoal, etc, . . . até p. 101. Cartas de nósso MÉSTRE sobre a *Comemoração social*, sobre o *Cazamento*, sobre o *Batísmo católico*, e sobre a *Transformação* (1).

12ª PRÉDICA.—Apreciação especial do *Cazamento*. Evolução do nósso Méstre a este respeito: comparação do *Sistema de Filozofia pozitiva* com o *Sistema de Política pozitiva*. (Leitura da circular do Fundador e Diretor da nóssa Igreja, de 23 de Arquimédes de 113—20 de Março de 1901). Trechos do Catecismo e as *nótas* relativas ao *cazamento*. ÚLTIMAS CONCEPÇÕES: leitura de algumas citações do *Sistema de Filozofia pozitiva*, relativas às opiniões do nósso MESTRE, acerca da natureza humana, e especialmente feminina, antes de conhecer CLOTILDE.

Quinta conferência (3 prédicas)

CULTO PUBLICO.

13ª PRÉDICA.—Considerações preliminares. *Templo, símbolos*, e *signal pozitivista*. (FLORES, TESTAMENTO, p. 19 ; CORRESPONDÊNCIA SAGRADA, p. 472; IMÁGEM DA HUMANIDADE. *Pol. pos.*, vol. II, p. 63; vol. IV, *Invocação final*, p. 554; VOL. SAG., ps. 132, 135, 138, 151, 160, 176, e 215. (*Catecismo*, p. 102 a 105).

(1) Vide a publicação n. 4 do ano 69/135 (1923) *O Sacramento da Transformação e a Harmonia religiosa* — Nota de Archimedes de 73/139 (Abril 1927).

Nóta.—Conforme a data em que caír ésta prédica, recordar a vida de CLOTILDE até o dia 29 de Março de 1846, lendo algumas páginas do epílogo do ANO SEM PAR. Convidar as Irmans, bem como confrades e correligionários mais íntimos, para vírem pôr o luto no Templo, a 5 de Abril, a 1/2 h depois do meio dia, no Rio de Janeiro, que corresponde às 3h 1/2 da tarde em PARIS, momento da mórte de CLOTILDE. Sessão às 7h 1/2 da noite.

A SAGRADA PAIXÃO (Vide *O Ano sem par*)

Comemoração fúnebre de CLOTILDE

5 de Abril.

« ...Desde que o meu culto final está instituido, o quadro dos ultimos momentos da minha CLOTILDE coloca-se sempre em cada uma das minhas quatro orações quotidianas, além das lembranças especiaes sobre o dia fatal. Durante o ano do luto, essa impressão me foi muito penoza. Ha, porém, mais de tres anos que a sua reiteração habitual tem, cada vez mais, para principal rezultado, caraterizar milhor a transformação da sua vida objetiva em vida subjetiva. Não continúo a qualificá-la de catastrofe sinão em virtude de sua evidente precocidade eccepcional, que não permittiu á minha infortunada amiga sentir assás a imortalidade devida aos seus meritos. »

Carta a P. Laffitte, de 16 Shakespeare 62 (25 Set. 1850). *Rev. Occ.*, 3e Série—T. II, ano 121 (1909), ps. 38 a 39.

Vide os volumes COMTE et CLOTILDE e L'ANNÉE SANS PAREILLE; *Preliminares*, p. XXIX; e publicações ns. 404 *f*, *A dor sem nome*, 389 A e 389 B, por occasião do *Primeiro Centenario* do *Nacimento* de CLOTILDE. — Nota de Archimedes 73/139 (Abril 1927).

Catecismo pozitivista (continuação)

Quinta conferencia (continuação)

14ª PRÉDICA.—Apreciação geral do *culto público*, donde *Teoria do Calendário*. Considerações sobre as condições astronômicas désta instituïção. — (p. 105: A MULHÉR, Agóra, meu pai, não devo mais retardar, etc,... até p. 112).

Lembrar, depois da prédica, os últimos dias de CLOTILDE, e o enterro, cujo aniversário é a 7 de Abril. Lembrar tambem que a nóssa comemoração fúnebre vai até o dia 10 de Abril. São dias de guarda na nóssa Igreja, 2, 5, 7 e 10 de Abril. O luto do nósso Templo é levantado no dia 11 de Abril.

15ª PRÉDICA.—Esplicação especial do *Calendário abstrato*, mediante a sumária apreciação das féstas hebdomadárias (p. 112: O SACERDÓTE. Estabelecido este preâmbulo, pósso começar dirétamente etc,... até p. 119).

COMEMORAÇÃO FÚNEBRE DE TIRADENTES.
Vide publicação n. 121, sobre o lugar do suplicio.
21 de Abril.

Catecismo Pozitivista (continuação)

SEGUNDA PARTE

ESPLICAÇÃO DO DOGMA (17 prédicas)
Sesta conferencia (6 prédicas)

CONJUNTO DO DÓGMA.

16ª PRÉDICA.—Concepção geral da *Síntese subjetiva*: *Filozofia primeira*, *Filozofia segunda*, *Filozofia terceira*. (ps. 121 a 123).

17ª PRÉDICA.—Apreciação geral das leis mentais. Reflexões preliminares acerca das quinze *leis universais* que constitúem a *Filozofia primeira*. FATALIDADE SUPREMA. Evolução de nósso MÉSTRE a este respeito.

COMEMORAÇÃO DA DESCOBÉRTA DO BRAZIL.
3 de Maio
Vide Boletim 13 P, 17 S. Paulo 111 (6 Junho 1899), p. 1.

Reflexões acerca da abolição da política militarista e industrialista. Reflexões acerca da atitude em relação aos selvágens. Aplicação ao povo brazileiro da sentença do BRANCA DE CASTELA, em relação ao seu filho, que foi depois SÃO LUÍS: *Preferia vê-lo morto a vê-lo incorrer em pecado mortal*. Antes dezaparecesse o povo brazileiro, do que continuasse este as atrocidades para com as restantes tríbus selvágens.

Instituída por ocazião da mórte de
Jórge Lagarrigue. (4 de Maio de 1894).
4 de Maio

Esta comemoração foi-se tornando espontâneamente a comemoração de todos os nóssos confrades falecidos, e que consagrárão a sua vida objetiva à propaganda fiel de nóssa religião.

Catecismo pozitivista (continuação)
Sesta conferencia (continuação)

18ª PRÉDICA.—Apreciação geral das leis mentais propriamente ditas (Segundo grupo da *Filozofia primeira*. (p. 123: A MULHÉR. Conquanto ésta concluzão, etc, . . . até p. 130).

Depois da prédica, considerações sobre o tratado da *Lagôa Mirim* e sobre o condomínio do arroio *São Miguel*. (Vide as publicações da Igreja, a este respeito).

FÉSTA DE TOUSSAINT-LOUVERTURE
Comemoração da abolição da escravidão modérna
13 de Maio
Vide as publicações da Igreja, a este respeito. (1)

Catecismo pozitivista (continuação)
Sesta conferencia (continuação)

19ª PRÉDICA.—Abstração teórica: apreciação especial do princípio jerárquico e sua aplicação à instituïção do primeiro degrau da escala sientífica: MORAL, SOCIOLOGIA. (p. 131: A MULHÉR. Agóra, meu pai, já me esplicastes, etc., . . . até p. 137).

20ª PRÉDICA.—Instituïção quaternária da escala teórica: MORAL, SOCIOLOGIA, BIOLOGIA, COSMOLOGIA. Desdobramento da COSMOLOGIA em FÍZICA e MATEMÁTICA ou LÓGICA: donde rezulta a constituïção quinquenária da jerarquia teórica: MORAL, SOCIOLOGIA,

(1) Estão reunidos estratos na publicação n. 2 do ano 72/138 (1926). Nota em Archimedes 73/139 (Abril 1927.)

Biologia, Física, Matemática ou Lógica. Apreciação geral déssa instituïção enciclopédica; regímen teórico que daí rezulta. (p. 137: A Mulhér. Dezapareceu assim, meu pai, a dúvida que me fês suspender etc, ... até p. 145).

21ª prédica.—Propriedades da escala teórica. Apreciação das constituïções binárias que éla compórta; primeiro, *histórica*, depois *dogmática*. Rezumo e concluzão désta conferência. Constituïção *normal* da escala teórica: Moral, ou siência da Humanidade; Física, ou siência da Térra; Lógica (Matemática) ou siência do Espaço. (p. 145: A Mulhér. O verdadeiro regímen teórico ficando assim constituído, etc, ... até p. 149).

Sétima conferencia (3 prédicas)

ÓRDEM ESTERIOR:

PRIMEIRO MATERIAL, DEPOIS VITAL.

22ª prédica.—Concepção da órdem matemática. Apreciação da *Lógica pozitiva*. (ps. 150 a 155).

Carta a G. Audiffrent

Paris, 6 Bichat 68 (1)

Estrato

Meditastes muitissimo pouco sobre a dificil conciliação que apresenta a construção de uma verdadeira *logica*. De um lado, não se póde contestar o antigo preceito que colocava o seu estudo antes das sciencias, como vé-se sobretudo na idade-média, na qual o *trivium* devia normalmente preceder o *quadrivium*. Essa condição de racionalidade tornava-se iluzoria, e mesmo perturbadora, aplicando-se á logica metafizica; o que não altera a justeza fundamental de um preceito ao qual a logica pozitiva proporciona todo o seu valor e a sua autoridade. Porem, por outro lado, o estudo do método é necessariamente inseparavel do da doutrina. Não se póde conciliar essas duas condições, que parecem contraditorias, sinão erigindo a sciencia inicial em logica universal, *indispensavel* porem *insuficiente*; consagrada pelo primeiro titulo, disciplinada pelo segundo (*Ibidem*, p. 350).

(1) 7 dezembro 1856.

23ª prédica.—Estudo diréto da órdem material: Astronomia, Física, Química. Constituïção septenária da escala teórica: Moral, Sociologia, Biologia, Química, Física, Astronomia, Lógica (ou Matemática) (p. 155: A Mulhér. Posto que a abstração e a novidade déstas considerações, etc,... até p. 162).

24ª prédica.—Concepção da órdem vital: Biologia. Concluzão desse estudo da órdem esterior. (p. 162: A Mulhér. Antes de apanhar diretamente éssa continuidade geral, etc, ... até p. 168).

Oitava conferencia (8 prédicas)

ÓRDEM HUMANA,

PRIMEIRO SOCIAL, DEPOIS MORAL.

25ª prédica.—Concepção geral da Sociologia. Ligação entre a ezistência social e a ezistência biológica; donde *teoria da propriedade material*. (ps. 169 a 175).

26ª prédica.—Constituïção geral da sociedade; *estrutura social*. Apreciação das quatro Providências humanas: Mulhér, Sacerdócio, Patriciado, Proletariado. (p. 175: A Mulhér. Acredito, meu pai, que ésta reação contínua da classe ativa. etc, ... até p. 178).

Comemoração da grande Crize Ocidental
14 de Julho.

Vide nas publicações da Igreja Pozitivista do Brazil, ns. 394 e 397, o *Ensaio de uma parafraze pozitivista da* Marselheza.

Catecismo pozitivista (continuação)
Oitava conferencia (continuação)

27ª prédica.—Teoria da *ezistência social*. Família, Cidade ou Pátria, (normalmente Mátria), Igreja. (p. 178: O Sacerdóte. Para completar a apreciação fundamental da órdem social. etc, ... até p. 181).

28ª PRÉDICA.—Apreciação geral da MORAL: suas relações com as outras siências. Apreciação dos esfórços feitos para constituïr a MORAL, especialmente da tentativa de SÃO PAULO. (p. 181: A MULHÉR. Graças ao conjunto de vóssas esplicações etc,... até p. 186). Vide a publicação nº 215 *O Culto Católico*. Reflexões pozitivistas sobre o culto católico, considerado como o herdeiro das religiões anteriores pela adoração do REDENTOR, e precursor imediato da RELIGIÃO DA HUMANIDADE pela adoração da VÍRGEM-MÃI.

29ª PRÉDICA.—Apreciação dos esfórços sientíficos para constituïr a MORAL: Bichat, G. Leroy, Cabanis, Gall, Broussais. Concepção definitiva da natureza humana, segundo o nósso MÉSTRE, indicando préviamente a sua evolução a este respeito. Concepção empirica de CLOTILDE, *acerca da nóssa constituïção afetiva e acerca da* MORAL: LUCIA, a CORRESPONDÊNCIA SAGRADA, e *a sua própria conduta, mais eficás do que as milhores demonstrações filozóficas* (TESTAMENTO p. 514). Reação déssa apreciação *empírica* e *indutiva*, sobre as concepções *sistemáticas* e *dedutivas* do nósso MÉSTRE. Quadro geral da nóssa natureza: sua indivizibilidade teórica e prática; donde rezulta a necessidade de reintegrar a *arte humana no Sacerdócio pozitivo*. (p. 186: O SACERDOTE... Sem este preâmbulo histórico, etc... até p. 189).

Vide, no ANO SEM PAR, p. 2, o quadro cerebral antes do nósso MÉSTRE esperimentar a influência regeneradora de CLOTILDE. Vêr tambem no ANO SEM PAR, p. 115, e ps. 869 e seguintes, as redações sucessivas do quadro cerebral.

30ª PRÉDICA.—Teoria do sentimento: personalidade, sociabilidade, moralidade. (p. 189: A MULHÉR. Eu não poderia, meu pai, conceber suficientemente etc.,... até p. 193).

31ª PRÉDICA.—Teoria da inteligência e da atividade. Razão abstrata, razão concréta, harmonia mental. Atividade poética, filozofica, e prática. (p. 193: A MULHÉR. Quanto às funções intelectuais. etc... até p. 194).

Festa da MULHÉR

UTOPIA DA VÍRGEM-MÃI (1)

15 de Agosto.

Congraçamento dos tres Monoteismos rivais, judaico, católico, e islâmico, pela adoração da VÍRGEM-MÃI.

Celebrada, pela primeira vês, a 15 de Agosto de 1884.

Catecismo pozitivista (continuação)

Oitava conferência (continuação)

32ª PRÉDICA.—Rezumo e concluzão da Moral e do Dógma. Apreciação sintética do quadro cerebral: Síntese, Simpatia, Religião. (p. 194: A MULHÉR. Afim de completar ésta importante apreciação, etc.,... até o fim, p. 197).

TERCEIRA PARTE.

ESPLICAÇÃO DO REGIMEN (11 prédicas)

Nona conferencia (4 prédicas).

CONJUNTO DO REGIMEN.

33ª PRÉDICA.—Concepção geral do Regímen definitivo: teoria do Sacerdócio e do Governo. (ps. 199 a 207).

34ª PRÉDICA.—Teoria da educação. Apreciação especial da primeira faze: *infância e meninice*; da concepção aos quatorze anos, sob o *Sacramento da Apresentação* e conduzindo ao *Sacramento da Iniciação* (p. 207: A MULHÉR. Meus antigos habitos Católicos inclínão-me, meu pai. etc,... até p. 211).

---

(1) Vide *Preliminares*, p. XXVIII e a publicação da Igreja Pozitivista do Brazil, n. 394: PELA HUMANIDADE!!! *A Utopia da Virgem-Mãe*. — Nota de Archimedes de 73/139 (Abril 1927).

COMEMORAÇÃO FÚNEBRE DE NÓSSO MÉSTRE.

5 de Setembro

Publicações n. 134, Ode a AUGUSTO COMTE, por Jundzill; e 404 *e*, *A Hora terrivel.*

Luto no Templo, às 3h 1/2 da tarde, no Rio de Janeiro, que corresponde a 6h 1/2 da tarde, em PARIS. Sessão ás 7h 1/2 da noite.

Primeira comemoração pública, que saibâmos, no Brazil, a 25 de Gutenberg de 92 (5 de Setembro 1880).

Ésta primeira celebração efetuou-se no salão do *Club Mozart*, cuja séde éra na atual rua Visconde do Rio Branco, esquina da rua do Regente. (Vide a publicação nº 2 da Igreja Pozitivista do Brazil: *Culto Pozitivista no Brazil; indicação das primeiras celebrações no Rio de Janeiro.*)

COMEMORAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DO BRAZIL

7 de Setembro

Catecismo pozitivista (continuação)

Nona conferencia (continuação)

35ª PRÉDICA.—Teoria da educação. Apreciação especial da segunda faze: *adolecência*; dos quatorze aos vinte-e-um-anos, sob o *Sacramento da Iniciação*, e conduzindo ao da *Admissão*. (p. 211: A MULHÉR. Este esclarecimento permite-me, meu pai, passar a apreciar a educação sistemática. etc.,... até p. 216).

36ª PRÉDICA.—Apreciação geral da diciplina pozitiva; organização do sacerdócio pozitivo. (p. 216: A MULHÉR. Agóra, meu pai, concebo assás a influência social, etc.,.. até p. 224).

Décima conferencia

REGIMEN PRIVADO (3 prédicas)

37ª PRÉDICA.—Concepção do regímen privado. Condensação da MORAL na fórmula: *Viver para ôutrem.* Comparação déssa fórmula com os preceitos anteriores, e especialmente com a mássima católica: *Amar ao próssimo como a si-mesmo, por amor de Deus.* (ps. 225 a 230).

38ª PRÉDICA.—Apreciação especial do regímen pessoal: régras práticas que decórrem da mássima *Viver para ôutrem.* (p. 230: O SACERDÓTE. Alem de nobilitarmos a justa satisfação dos instintos pessoais. etc,... até p. 234). Reflexões sobre o *vegetarismo*; leitura da publicação n. 213, *Pozitivismo e vegetarismo; circular* de Miguel Lemos, de 11 Descartes 114 (18 Outubro 1902), a respeito. Referência às passágens da POLÍTICA POZITIVA; e reflexões que parécem-nos demonstrar que nósso MÉSTRE teria adotado o *vegetarismo*, — *independentemente de qualquer novo dado*,—cazo a sua atenção se tivésse voltado para esse assunto com o mesmo gráu de preocupação com que ele ezaminou o problema das relações entre os séxos. Cartas a Hadery insistindo na necessidade do uzo da carne. (ps. 257 a 265, ano 65 — 1853). Ezemplo do nósso MÉSTRE.

39ª PRÉDICA.—Regimen domestico: apreciação especial do cazamento. (p. 234: A MULHÉR... Rogo-vos, portanto,... que passeis agóra a segunda parte do regímen privado, etc.,.. até p. 242). Carta do nósso MÉSTRE, a pedido de CLOTILDE, *sobre o Cazamento.*

GLORIFICAÇÃO DE CLOTILDE E AUGUSTO COMTE

AUGUSTO COMTE E OS SEUS TRES ANJOS

Fésta da Glória

1º de Descartes — (8 de Outubro)

Inaugurada em 47/113 — 1901.

Fésta inaugural da Redempção

BEATRIZ e CLOTILDE, a vós graças infindas!
Que unistes DANTE a COMTE, em vossas almas lindas!

Quadro a oleo idealizando a ligação diréta entre A DIVINA COMEDIA e o SISTEMA DE POLITICA POZITIVA

Inaugurado na Capella de DANTE, a 11 Moizés 71/137 (11 Janeiro 1925)

Quadro de Decio Vilares, reprodzindo o de Etex,
AUGUSTO COMTE E SEUS TRES ANJOS
Baixo-relevo de Eduardo de Sá, no monumento a Benjamin Constant.

Vide o Boletim 26 P, 18 Shakespeare 113 (27 Set. 1901), ps. 1 a 7; e publicações n. 1 de 68/134 (1922); e n. 1 de 71/137 (1925). Aditamento de Archimedes 73/139 (Abril 1927).

Fésta de IZABEL DE CASTELA
e
Colombo

Lançamento da pédra fundamental do Templo da Humanidade, no Rio de Janeiro

102 — 1890

12 de Outubro.

Espozição dos instrumentos simbólicos que servírão na ceremônia. Fotografia do local.

Catecismo Pozitivista. (continuação)

Décima primeira conferencia (4 prédicas)

REGIMEN PUBLICO.

40ª PRÉDICA.—Considerações gerais sobre a política futura pacífico-industrial. Indicações sobre o conjunto désta undecima conferência. (ps. 243 a 248).

41ª PRÉDICA.—Constituïção das repúblicas pacífico-industriais ou MÁTRIAS, que dévem substituïr os atuais Estados revolucionários, teo-metafízicos e militares. (p. 248: A MULHÉR. Graças a ésta precióza simplificação da política pozitiva. etc,... até p. 254).

42ª PRÉDICA.—Influência cívica do sacerdócio; relações com o patriciado e o proletariado; gréves; cavalaria industrial. (p. 254: A MULHÉR. Éssa linguágem, meu pai, paréce-me bazear-se sempre. etc,... até p. 261).

Vide as publicações da Igreja Pozitivista do Brazil ns. 417 e 417 A do ano 63/129 (1917) — Nota de Archimedes de 73/139 (Abril 1927).

43ª PRÉDICA.—Apreciação da política internacional. Concluzão da apreciação do regímen. Rezumo e concluzão da espozição do conjunto da Religião da Humanidade. (p. 261: A MULHÉR.... Podeis, portanto, esplicar-me a sua intervenção normal (do sacerdócio) nas relações universais, etc,... até p. 268).

CONCLUZÃO

HISTÓRIA DA RELIGIÃO (5 prédicas)

Décima segunda conferencia (2 prédicas)

PERÍODO FETICHISTA E TEOCRÁTICO COMUM A TODOS OS PÓVOS.

44ª PRÉDICA.—Destinação désta concluzão. Apreciação das leis gerais da evolução humana. Instituïção religióza da apreciação concréta da evolução humana: *Calendário histórico*. (ps. 269 a 273).

FUNDAÇÃO LEGAL DA REPÚBLICA

15 de Novembro.

Vide as publicações da Igreja Pozitivista do Brazil, n. 397, por ocasião do *Primeiro Centenario do Nacimento* de CLOTILDE; n. 120, *Esboço biografico* de Benjamin Constant; e n. 4 de 133 (1921), *A eterna Espoza* de Benjamin Constant.

Catecismo pozitivista (continuação)

Décima-segunda conferencia (continuação)

45ª PRÉDICA.—Instituïção religióza da apreciação concréta da evolução humana: *Calendário histórico*. Apreciação do FETICHISMO. (1) Apreciação geral do POLITEÍSMO; sua decompozição em *Politeísmo conservador* ou *teocrático*, e *Politeísmo progressista* ou *militar*. Estudo especial da teocracia. (p. 273: A MULHÉR. A vista deste último esclarecimento, não encontro agóra, meu pai, etc,.... até p. 283).

Décima terceira conferencia (3 prédicas)

TRIPLICE TRANZIÇÃO PECULIAR AO OCIDENTE.

46ª PRÉDICA.—Apreciação da evolução politéico-militar ou greco — romana. Advento do *Catolicismo*. (ps, 284 a 290).

(1) Vide a publicação n. 1 do ano 70/136 — 1924: *Appel cordial au Peuple Chinois*. Nota de Archimedes de 73/139 (Abril de 1927).

47ª PRÉDICA.—Apreciação da evolução católico-feudal; papel do Islamísmo. (p. 290: A MULHÉR. Assás preparada, meu pai, para ésta apreciação geral da idade-média. etc,... até p. 296).

48ª PRÉDICA.—Apreciação da tranzição revolucionária. Grande crize ou Revolução franceza. Advento do Pozitivismo. (p. 296: A MULHÉR. Pois que é assim, meu pai, que o prezente se ata dirétamente ao passado, etc,.... até p. 309).

COMPLEMENTO DO CATECISMO POZITIVISTA

TEORIA DO PREZENTE: TRANZIÇÃO ORGÂNICA, COMEÇADA EM 1855. QUADRO SINÓPTICO.

(2 prédicas)

49ª PRÉDICA.—Complemento da história da Religião: apreciação sistemática do Prezente, mediante a combinação do Futuro com o Passado; donde quadro geral da tranzição estrema, dirigida pelo concurso do sacerdócio, primeiro com a ditadura monocrática, e, depois, com o triunvirato pozitivista. Apreciação especial da primeira faze, na qual o governo não conhece a Religião da Humanidade ou lhe é antipático.

50ª PRÉDICA.—Complemento da história da Religião. Apreciação da segunda e da terceira fazes da *Tranzição orgânica.*

PRÉDICA DE ENCERRAMENTO.

51ª PRÉDICA.—O Pozitivismo depois da mórte de nósso MÉSTRE. Situação atual.

Vide as publicações da Igreja Pozitivista do Brazil n. 418 de 63/129 (1917), e n. 418 A de 67/133 (1921), Nota de Archimedes de 73/139 (Abril de 1927).

FÉSTA UNIVERSAL DOS MÓRTOS

31 de Dezembro, nos anos comuns,
30 de Dezembro, nos anos bissestos.

FÉSTA GERAL DAS SANTAS-MULHÉRES

31 de Dezembro, nos anos bissestos.